

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

JÚLIA RICARDO

**RÓTICO RETROFLEXO EM CODA NA REGIÃO METROPOLITANA
DE PORTO ALEGRE: ANÁLISE VARIACIONISTA**

PORTO ALEGRE

2022

JÚLIA RICARDO

**RÓTICO RETROFLEXO EM CODA NA REGIÃO METROPOLITANA
DE PORTO ALEGRE: ANÁLISE VARIACIONISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Análise Linguística: Fonologia e Morfologia.

Prof. Dr. Luiz Carlos Schwindt
Orientador

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Ricardo, Júlia
Rótico retroflexo em coda na Região Metropolitana
de Porto Alegre: análise variacionista / Júlia
Ricardo. -- 2022.
124 f.
Orientador: Luiz Carlos da Silva Schwindt.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Fonologia. 2. Variação linguística. 3. Róticos.
4. Retroflexo. 5. Porto Alegre. I. Schwindt, Luiz
Carlos da Silva, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Júlia Ricardo

RÓTICO RETROFLEXO EM CODA NA REGIÃO METROPOLITANA DE
PORTO ALEGRE: ANÁLISE VARIACIONISTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teoria e Análise Linguística: Fonologia e Morfologia.

Porto Alegre, 20 de maio de 2022.

Resultado: aprovado com A.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt (Orientador)
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Livia Oushiro
Instituto de Estudos da Linguagem (UNICAMP)

Prof. Dr. Ubiratã Kickhöfel Alves
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Valéria Neto de Oliveira Monaretto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, ao meu pai, Claudio, e à minha mãe, Kátia, por terem sido minha base e minha força nesta jornada. Obrigada pelo apoio, pelo amor e pelos conselhos que recebo a cada dia. Amo vocês!

Ao prof. Luiz Carlos Schwindt, meu orientador, agradeço por todos os ensinamentos, não só nesses anos de Mestrado, mas durante toda a minha formação acadêmica. Agradeço também pela confiança na realização desta pesquisa em um momento tão adverso, por todas as orientações, que refinaram este trabalho, mas também pelas palavras de incentivo quando necessário.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, agradeço por ter me proporcionado uma educação gratuita e de qualidade. Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, também agradeço pela possibilidade de desenvolver meus estudos e minha pesquisa em um programa conceito CAPES 7. Ainda, pela compreensão relativa aos prazos, fica meu agradecimento.

Agradeço à Ivana, que durante este percurso compartilhou comigo horas de escrita, inseguranças, angústias e alegrias. À Joanne, que apesar da distância, sempre teve uma palavra de força e de incentivo. E à Larissa, que esteve sempre presente, nas melhores e piores horas. Obrigada pela amizade de vocês.

À Camila Ulrich, muito obrigada por ter sido amiga, conselheira e psicóloga. Em momentos complicados, tuas palavras foram um alento para o coração e uma tranquilidade para a mente. Também agradeço pelos comentários sempre pertinentes, que auxiliaram muito no desenvolvimento deste trabalho.

Ao Pedro Surreaux, agradeço pela parceria de longa data e pela leitura cuidadosa e qualificada deste trabalho.

Aos amigos e colegas pesquisadores Alex, Samuel, Débora, Raquel, Isabela, Rossana e todos os outros que me auxiliaram durante todo o desenvolvimento deste trabalho com paciência e sabedoria, agradeço imensamente. Aprendo cada dia mais com cada um de vocês.

A todas as pessoas que, apesar de uma pandemia, aceitaram participar como sujeitos desta pesquisa, agradeço pela confiança e por acreditarem neste trabalho. Àqueles que, de alguma forma, auxiliaram no contato com essas pessoas, fica também meu agradecimento. Sem vocês, esta pesquisa não teria sido possível.

Ao Grupo Morphon: Linguistic Circle (UFRGS) agradeço pela oportunidade de estudar os mais diversos assuntos da Linguística e pela interação com diferentes pessoas, que me fazem crescer como professora e como pesquisadora. Esse grupo foi, e ainda é, parte fundamental de minha formação.

Também deixo meu agradecimento ao Núcleo de Ensino de Línguas em Extensão (NELE/UFRGS) e aos colegas do setor de Inglês. Foi uma experiência muito significativa para meu crescimento como professora, e sou grata pela oportunidade e pelos aprendizados.

Agradeço também à CAPES pela bolsa concedida ao longo da minha formação acadêmica, pois, sem esse auxílio, tudo teria sido mais difícil. Obrigada por incentivarem a pesquisa em todo o Brasil, principalmente em um momento em que há uma desvalorização do conhecimento científico.

Agradeço, ainda, às Professoras Livia Oushiro e Valéria Monaretto e ao Professor Ubiratã Alves pela leitura tão cuidadosa que fizeram desta dissertação. Foi um prazer poder discuti-la com pesquisadores que são referências para mim. As suas considerações certamente qualificaram muito este trabalho.

Às demais pessoas, que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, meus mais sinceros agradecimentos. Vocês foram parte fundamental desta jornada.

RESUMO

Este trabalho, desenvolvido no âmbito da Sociolinguística Variacionista, é o resultado de uma pesquisa que objetivou investigar a realização do rótico retroflexo em um grupo de cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Este estudo foi motivado por observações informais de oitiva acerca de um aumento no número de falantes fazendo uso desse som nesta região.

Os sons róticos apresentam grande variação no português brasileiro, principalmente quando esses se encontram em posição de coda, onde é possível verificar diversas realizações para um mesmo fonema rótico em diferentes comunidades linguísticas: mulhe[r] ~ mulhe[r̥] ~ mulhe[ɹ] ~ mulhe[x] ~ mulhe[h]. Essa distribuição é própria para cada variedade do português brasileiro e se configura como um grande fator para a diferenciação dialetal (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; BRESCANCINI, MONARETTO, 2008; etc.). A variante retroflexa, também conhecida como “r caipira”, presente de maneira bastante expressiva em muitos estados (cf. BRANDÃO, 2007), é pouco verificada no Rio Grande do Sul, com apenas 5% de ocorrência (MONARETTO, 1997).

Para a realização deste estudo, procedeu-se com a construção de uma amostra de dados de fala da Região Metropolitana de Porto Alegre, a partir da realização de entrevistas sociolinguísticas com 45 participantes, naturais e residentes de cinco cidades: Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul e São Leopoldo. Esses participantes foram estratificados no *corpus* a partir dos seguintes critérios: cidade, idade, gênero e escolaridade. Os dados que apresentam um som rótico em coda foram codificados de acordo com as variáveis linguísticas: *variante rótica pronunciado na coda, contexto fonético precedente, contexto fonético seguinte, classe gramatical da palavra, posição da sílaba alvo, tonicidade da sílaba, tamanho do vocábulo, localização morfológica, frequência e item lexical*. A análise estatística dos dados foi realizada através da Plataforma R (R CORE TEAM, 2022).

Descritivamente verificamos que, em relação a Monaretto (1997), há uma maior realização da variante retroflexa em nossa amostra, ainda que esse rótico se configure como marginal na comunidade de fala. Também, a partir dos resultados das análises de regressões multivariadas, foi possível constatar que variáveis linguísticas referentes a propriedades fonéticas e prosódicas se correlacionaram com a variação do rótico em coda, apontando que a realização do rótico retroflexo é um fenômeno majoritariamente fonético. Ademais, não foi possível observar interferência de variáveis sociais, indicando que essa variação ainda está em estado incipiente.

Acreditamos que o trabalho aqui apresentado traz contribuições descritivas acerca da variação do rótico retroflexo em coda, que vão ao encontro do que dizem os estudos anteriores. Para além, resulta desta pesquisa a criação de um corpus de dados de fala da Região Metropolitana de Porto Alegre, que poderá alimentar os trabalhos de outros pesquisadores, em diferentes áreas dos estudos linguísticos. Por fim, como toda a pesquisa, essa também está aberta a aperfeiçoamento. Nas próximas etapas, objetivamos a realização de um maior número de entrevistas, de modo a preencher células sociais faltantes. Igualmente, consideramos interessante um maior refinamento em algumas categorias analisadas, principalmente nas de cunho morfológico. Ainda, vislumbramos, como perspectiva futura, uma análise de atitudes linguísticas acerca do rótico retroflexo na região estudada.

Palavras-chave: Fonologia. Variação linguística. Róticos. Retroflexo. Porto Alegre.

ABSTRACT

This work was carried out within the framework of variationist sociolinguistics and is the result of a research project that investigated the realization of the retroflex rhotic in the metropolitan region of Porto Alegre (*Região Metropolitana de Porto Alegre, RMPA*). The study was motivated by informal observations of spoken language that suggested an increase in the use of the retroflex variant in the studied region.

Rhotic sounds show great variation in Brazilian Portuguese, especially in coda position, where a number of realizations for the /r/ phoneme may be verified, according to different linguistic communities: *mulhe[r] ~ mulhe[r] ~ mulhe[ɹ] ~ mulhe[x] ~ mulhe[h]* (*mulher* ‘woman’). Such distribution is associated with specific varieties of Brazilian Portuguese and represents a major factor in dialectal differentiation (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996; BRESCANCINI, MONARETTO, 2008; etc.). The retroflex variant, also known as “/r/ *caipira*” (relating to working class inhabitants of more rural areas), occurs expressively in many Brazilian states (cf. BRANDÃO, 2007), nonetheless, its use in the state of Rio Grande do Sul is scarcely verified in the literature, where an occurrence of realization of only 5% has been documented (MONARETTO, 1997).

For the present study, we compiled a sample of spoken language data based on sociolinguistic interviews conducted with 45 speakers from *RMPA*, both natives and residents from Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul, and São Leopoldo. Speakers were stratified in the data according to their *geographical location, age, gender, and education*. Occurrences of rhotic sounds in coda position were coded according to the linguistic variables *rhotic variant pronounced in coda position, preceding phonetic context, following phonetic context, word class, position of target syllable, stress, word size, morphological location, frequency, and lexical item*. The coded data was then subject to a statistical analysis utilizing the R platform (R CORE TEAM, 2022).

We observed a greater occurrence of retroflex rhotic in our data if compared to the data in Monaretto (1997), despite its status as a marginal feature within the analyzed speech community. Additionally, our results from multivariate regression analyses show the prevailing role of linguistic factors related to phonetic and prosodic properties in the phenomenon, indicating a mostly phonetic nature of the retroflex variant realization. Also, no role of social variables could be observed, suggesting that this variation is still in an incipient state.

We believe that the work presented here brings descriptive contributions to the phenomenon of the realization of rhotic retroflex in coda position, in agreement with the findings of previous studies in the field. Moreover, our research work made available a corpus of spoken language data from *RMPA*, which may contribute to studies to be carried out by researchers of different areas of linguistic research. Finally, we understand that this work is open to improvement, the same way as any other research work. In the next stages of our investigation, we intend to conduct more interviews, in order to fill in missing social cells. Likewise, we consider of interest further refinements in some analyzed categories, mainly the morphological ones. Likewise, future perspectives include the analysis of linguistic attitudes toward the retroflex rhotic within the studied region.

Keywords: Phonology. Linguistic variation. Rhotics. Retroflex. Porto Alegre.

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de

Pessoal de Nível Superior — Brasil (CAPES) — Código 001.

LISTA DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1 - Fones pertencentes ao grupo dos róticos	20
Quadro 2 - Os róticos no PB	25
Quadro 3 - Distribuição dos róticos pela posição na sílaba	28
Quadro 4 - Variáveis consideradas para as análises multivariadas	84
Quadro 5 - Progressão de mudança proposta por Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2016)	103
Figura 1 - Representação da classe dos róticos proposta por Lindau (1985)	21
Figura 2 - Representação fonológica dos róticos no PB proposta por Rennie (2016).....	24
Figura 3 - Processo de enfraquecimento da vibrante em contexto intervocálico	30
Figura 4 - Representação do rótico de Bonet e Mascaró (1996)	32
Figura 5 - Estrutura silábica da palavra "caro"	33
Figura 6 - Estrutura silábica da palavra "carro"	33
Figura 7 - Estrutura silábica da vibrante precedida por consoante.....	34
Figura 8 - /r/ inicial no Sul do Brasil em dois períodos de tempo.....	38
Figura 9 - Formalização da regra de velarização dos sons líquidos	49
Figura 10 - Presença de /r/ retroflexo nos estados brasileiros	56
Figura 11 - Configuração territorial da RMPA (2012).....	63

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição geral das ocorrências de /r/ (N = 25953)	78
Tabela 2 - Realização de /r/ a partir da separação entre codas finais de verbos.....	79
Tabela 3 - Realização de /r/ após vogais	80
Tabela 4 - Distribuição de /r/ na nova amostra de dados.....	81
Tabela 5 - Realização de /r/ de acordo com o momento da entrevista	82
Tabela 6 - Realização de /r/ retroflexo em coda na RMPA de acordo	88
Tabela 7 - Realização de /r/ retroflexo: comparação de vocábulos por <i>classe gramatical</i>	94
Tabela 8 - Realização de /r/ retroflexo: afixos.....	95
Tabela 9 - Realização de /r/ retroflexo em coda na RMPA de acordo com variáveis sociais – análise multivariada de efeitos mistos	97
Tabela 10 - Os 10 informantes com maior porcentagem de retroflexões em nossa amostra	102

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Realização de /r/ retroflexo em sílabas tônicas antes de consoantes: interação com <i>posição da sílaba</i>	86
Gráfico 2 - Realização de /r/ retroflexo em sílabas átonas antes de consoantes: interação com <i>posição da sílaba</i>	87
Gráfico 3 - Realização de /r/ retroflexo vs. <i>frequência lexical</i> (Em logaritmo)	89
Gráfico 4 - Realização de /r/ retroflexo: interação <i>sonoridade</i> e <i>contexto fonético seguinte</i> ..	91
Gráfico 5 - Realização de /r/ retroflexo: interação <i>contexto fonético precedente</i> e <i>tonicidade da sílaba</i>	92
Gráfico 6 - Realização de /r/ retroflexo em itens funcionais	93
Gráfico 7 - Realização de /r/ retroflexo vs. <i>idade</i>	99
Gráfico 8 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre <i>idade</i> e <i>gênero</i>	100
Gráfico 9 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre <i>idade</i> e <i>escolaridade</i>	100
Gráfico 10 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre <i>idade</i> e <i>cidade</i>	101

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	OS RÓTICOS	19
2.1	Os sons róticos como uma classe natural	19
2.2	Os róticos no português brasileiro	25
2.2.1	A fonologia dos róticos no português brasileiro	27
2.2.2	Processos de variação e mudança dos róticos no português brasileiro	36
3	O RÓTICO RETROFLEXO	41
3.1	Aspectos articulatórios	41
3.2	Aspectos sociais	44
3.3	Origem	47
4	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	50
4.1	A Teoria da Variação e Mudança	50
4.2	Comunidade de fala	54
4.3	Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro.	56
5	METODOLOGIA	62
5.1	A comunidade analisada	62
5.1.1	Viamão	64
5.1.2	Canoas	64
5.1.3	Gravataí	65
5.1.4	Sapucaia do Sul	65
5.1.5	São Leopoldo.....	66
5.2	Constituição da amostra	66
5.3	Entrevistas	67
5.4	Variáveis consideradas.....	69
5.5.1	Variável resposta	69
5.5.2	Variáveis linguísticas previsoras	69
5.5.3	Variáveis sociais previsoras	74
5.5.4	Variável Momento da Entrevista.....	76
5.6	Manipulação dos dados.....	76
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	78
6.1	Um primeiro olhar sobre os dados	78
6.2	Análises multivariadas	82

6.2.1 Variáveis previsoras linguísticas	87
6.2.2 Variáveis previsoras sociais	97
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
8 REFERÊNCIAS	108
9 ANEXOS	113
9.1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	113
9.2 - Ficha de Entrevista	115
9.3 - Roteiro de Entrevista	116
9.4 - Rodada de Efeitos Fixos considerada para a rodada multivariada	119
9.5 - Testes de pressupostos.....	121

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa integra o conjunto de estudos variacionistas que trata dos sons róticos em posição de coda silábica no português brasileiro (PB), aqui com foco na variante retroflexa. No PB, assim como em outras línguas do mundo, os sons róticos caracterizam-se por apresentarem grande variação alofônica, que, embora possa ser verificada em diferentes posições da sílaba, como em ca[r]o ~ ca[h]o, tem sua mais forte manifestação na coda silábica: pavo[x], pe[r]to. Nessa posição, podem ser encontradas diversas possibilidades de realização do rótico no PB, além do zero fonético (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996), como podemos ver nos exemplos abaixo:

calo[r] ~ calo[r̥] ~ calo[ɹ]¹ ~ calo[x] ~ calo[h] ~ calo[∅]

Essas variantes róticas se apresentam e se distribuem em configurações diversas em cada comunidade linguística, influenciadas por fatores tanto de ordem linguística — relativos a propriedades fonológicas, morfológicas ou prosódicas —, quanto a fatores de ordem social — que consideram informações socioeconômicas da comunidade de fala e do próprio falante. A pronúncia variável de /r/ em coda silábica, como em “mar” e “cerveja”, é também um dos índices mais salientes de diferenciação dialetal no português brasileiro (CALLOU; MORAES; LEITE, 1996), de modo que o som de /r/ que uma pessoa realiza traz pistas acerca do seu local de origem.

O rótico retroflexo, aqui também referenciado como /r/ caipira, é uma das possibilidades de realização do /r/, que está presente, de maneira bastante considerável, nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná, embora possa ser observado também em outras regiões, conforme mostra Brandão (2007) em um levantamento de estudos sociolinguísticos sobre a variante no PB. Esse som é mais comumente verificado em codas

¹Foneticamente, o rótico retroflexo pode ser representado como uma aproximante retroflexa [ɹ], como um tepe retroflexo [ɹ̥], como uma aproximante alveolar [r̥] ou ainda como uma vogal retroflexa [ɔ̞]. Ferraz (2005) e Leite (2010) apontam que, acusticamente, a variante retroflexa é mais comumente pronunciada como uma aproximante retroflexa, e trabalhos sociolinguísticos têm adotado essa representação para o som. Dessa forma, sem comprometimento com uma ou outra representação fonética particular, e em conformidade com outros trabalhos variacionistas (que serão apresentados na seção 4.3), adotaremos o fone [ɹ] para representar o rótico retroflexo.

²Nesta pesquisa, adotamos a vibrante alveolar como representação subjacente para o fonema rótico. Endereçaremos o debate sobre a fonologia dos sons róticos no PB com maior atenção na seção 2.2.1, expondo as razões que nos levaram a essa escolha. Entendemos, contudo, que essa não é uma questão encerrada e nem central para a descrição que promovemos neste trabalho, estando aberta a outras interpretações.

silábicas, mediais ou finais, mas também pode ser encontrado em outras posições da sílaba, ainda que de forma bem mais discreta. Os estudos acústicos (LINDAU, 1985; FERRAZ, 2005; LEITE, 2010) demonstram que essa variante apresenta grande saliência fonética — sendo, por vezes, comparada a uma vogal.

Ao /r/ retroflexo também é atribuída uma forte marca social, como mostram diferentes estudos de avaliação social (LEITE, 2004; RENNICKE, 2011; AGUILERA, SILVA, 2015; entre outros). Originalmente associado ao dialeto caipira (AMARAL, 1920), típico do interior de São Paulo, essa variante confere às pessoas que a empregam estereótipos relacionados a pouca escolaridade e a residência em certas regiões. Ainda assim, aponta-se que o /r/ caipira não está restrito a algumas poucas áreas, mas se encontra em expansão pelo território brasileiro. No Rio Grande do Sul, em que a variante padrão é o tepe alveolar, esse som se faz presente de forma bastante tímida. Na capital Porto Alegre, por exemplo, apenas 5% de realização foi encontrada (MONARETTO, 1997), o que leva a crer que a realização de /r/ retroflexo não é preponderante nessa comunidade.

Nosso estudo originou-se de uma observação informal de oitiva, em que se verificou notável presença do /r/ retroflexo em cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), e propõe-se a descrever o rótico retroflexo em um conjunto de cidades que compõem essa região. Partimos da hipótese de que essa variante está se apresentando de forma mais expressiva na comunidade de fala, em um movimento de expansão, à semelhança do apontado por Brandão (2007). De modo a verificar a hipótese acima descrita, temos como objetivo mais geral, buscamos descrever a variação de /r/ em coda na RMPA, com foco no emprego da variante retroflexa, buscando trazer à luz os fatores que estão relacionados a sua ocorrência. A partir desse objetivo, elaboramos três perguntas norteadoras, que guiaram as análises realizadas nesta pesquisa e são elencadas abaixo:

- I. A distribuição das variantes róticas observada nos dados da RMPA apresenta padrões semelhantes à distribuição previamente relatada pela literatura para Porto Alegre?
- II. A realização de /r/ retroflexo na RMPA se correlaciona com fatores linguísticos? Em caso positivo, esses fatores são semelhantes aos relatados em trabalhos anteriores?
- III. Variáveis sociais exercem influência na realização do /r/ retroflexo na RMPA? No que concerne especificamente à variável *idade*, é possível inferir que os jovens

favorecem a realização do rótico retroflexo, indicando um movimento de incorporação desse som na comunidade?

Para alcançar nosso objetivo principal e responder as perguntas acima, constituiu-se um *corpus* de dados de fala a partir de 45 entrevistas sociolinguísticas realizadas com moradores de cinco cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre. Essas entrevistas foram transcritas, e os dados foram codificados a partir de propriedades fonológicas, morfológicas e prosódicas. Também foram anotadas informações referentes a características sociais dos participantes. Esses dados foram submetidos ao programa de análise estatística R (R CORE TEAM, 2022), com o objetivo de extrair padrões de comportamento da variante retroflexa nos locais investigados.

A presente dissertação está organizada da seguinte forma: no capítulo 2, discorreremos sobre questões pertinentes aos sons róticos. Discutimos a problemática que se estabelece em relação a esse grupo de sons como uma classe natural, apresentando diferentes propostas que tentam dar conta desse assunto. Ainda, esse capítulo é destinado à descrição de diferentes aspectos dos róticos no que concerne ao PB: (i) as possibilidades fonéticas de /r/, (ii) a discussão acerca de qual seria a forma subjacente (ou formas subjacentes) do rótico para o português brasileiro e (iii) os processos pelos quais passam os sons róticos.

No capítulo 3 tratamos com maior aprofundamento da variante retroflexa, foco de nosso estudo. Para tal, trazemos descrições que dão conta de aspectos articulatórios e sociais desse som. Para além disso, discorreremos sobre diferentes propostas relacionadas à sua origem.

No quarto capítulo, discorreremos sobre a Teoria da Variação e Mudança, arcabouço teórico e metodológico que embasou essa pesquisa. Ainda, fazemos um levantamento dos diferentes trabalhos sociolinguísticos acerca da realização de /r/ retroflexo no português brasileiro.

O quinto capítulo é destinado à explicação da metodologia utilizada nesta pesquisa. Descrevemos como se deu a realização das entrevistas sociolinguísticas e a organização do *corpus* de dados utilizado no trabalho. Também detalhamos as variáveis linguísticas e sociais consideradas no estudo, bem como a ferramenta de análise utilizada.

No capítulo 6, são apresentados os resultados dos testes estatísticos aplicados à amostra. Procuramos, além da exposição dos resultados, estabelecer relações com os achados relatados por outros autores sobre esse fenômeno variável. Propomos, ainda, uma análise

qualitativa de pontos que consideramos que podem se beneficiar, em alguma medida, também desse tipo de análise.

O capítulo 7 é dedicado à apresentação de nossas considerações finais, com uma retomada da discussão realizada no trabalho e uma prospecção de desenvolvimentos futuros, sobretudo a partir de pontos da investigação que julgamos merecedores de aprimoramento.

Ao final, são apresentadas as referências e os anexos deste trabalho. Nesses estão os materiais utilizados nas coletas de dados, como o roteiro da entrevista e o termo de consentimento livre e esclarecido, bem como informações complementares à análise estatística.

2 OS RÓTICOS

Neste capítulo, temos o objetivo de realizar uma revisão de conceitos e discussões que julgamos importantes no que diz respeito aos sons róticos. Nos interessa, em um primeiro momento, discutir as relações existentes entre os membros da classe dos róticos e expor a problemática envolvendo o entendimento, dentro dos estudos fonológicos, desse conjunto de sons como uma classe natural a partir dos parâmetros até então estabelecidos para outros conjuntos. Em seguida, tratamos dos sons róticos no português brasileiro. Fazemos uma apresentação do inventário fonético encontrado nessa língua e de como essas variantes se distribuem a partir de fatores linguísticos e extralinguísticos. Logo após, examinamos esses sons do ponto de vista da sua organização no sistema fonológico do PB. Ambicionamos, de forma geral, apresentar a questão referente à dificuldade de se delimitar quantos fonemas róticos há na língua e de se estabelecer qual a sua (ou as suas) características, bem como apresentar as principais propostas presentes na literatura sobre esse assunto. Ainda, com maior atenção para o tema de nossa pesquisa, interessa-nos tecer comentários acerca da maneira com que tais propostas lidam com a grande variação fonética da língua e da forma com que a variante retroflexa é tratada nessas ideias. Por fim, exploramos alguns fenômenos pelos quais passam essa classe de sons.

2.1 Os sons róticos como uma classe natural

O termo “rótico” faz referência aos sons que tendem a ser escritos no sistema ortográfico com o grafema romano ⟨r⟩, ou com sua contraparte grega ⟨ρ⟩ (rho) (LADEFOGED E MADDIESON, 1996). Esses sons róticos se caracterizam por estarem presentes em uma parte expressiva das línguas do mundo (75% de acordo com Ladefoged e Maddieson, 1996) e pela grande gama de variante fonéticas, das mais diversas naturezas articulatórias: vibrantes, tipes, retroflexas, aproximantes, velares, uvulares e glotais. Esse grupo de sons suscita muitas discussões dentro dos estudos fonéticos e fonológicos e impõe um desafio, pois, por um lado, na literatura, parece consenso a concepção de que exista uma classe de sons agrupados sob o guarda-chuva de nome “rótico”. Por outro lado, porém, é dispendiosa a tarefa de definir esse conjunto como uma classe natural nos moldes da definição proposta por Chomsky e Halle (1968): classes de segmentos relacionados por compartilharem

propriedades (traços distintivos). Isso se dá pois não é possível delimitar, para esses sons, um traço ou um conjunto de traços que seja capaz de abranger todos os seus elementos, dada a variabilidade mencionada acima e ilustrada no quadro abaixo:

Quadro 1 - Fones pertencentes ao grupo dos róticos

	Alveolar	Retroflexo	Uvular
Vibrante	r		ʀ
Tepe	ɾ	ɽ	
Fricativa			ʁ
Aproximante	ɹ	ɻ	
Tepe Lateral	ɻ		

Fonte: Ladefoged & Maddieson (1996)

A necessidade de se estabelecer uma relação entre esses sons advém do fato de que, embora o inventário fonético e a configuração fonológica (se um ou dois fonemas) desses sons varie de língua para língua, é possível verificar um padrão de comportamento, seja na posição que ocupam na estrutura silábica, seja nos processos fonológicos a que são submetidos ou na variação entre seus membros. E, ao se considerarem esses padrões, é custosa a ideia de que esses sons, que estão longe de serem um caso de exceção na língua, em termos numéricos, não apresentam atributo análogo que justifique sua relação.

Portanto, a partir do interesse e da impossibilidade de se caracterizar articulatoriamente esse conjunto, foi preciso buscar outros correlatos que pudessem satisfatoriamente esclarecer o que une fones tão diferentes em torno de comportamentos tão semelhantes. Lindau (1985) propôs a existência de um correlato acústico comum a esses sons: o F3 baixo. Ao analisar quatro línguas indo-europeias e sete línguas africanas, a autora abandona sua hipótese inicial. Embora possamos considerar o terceiro formante baixo uma especificação para o /r/ do inglês americano, do rótico da língua Izon (língua falada no oeste do continente africano), e da vibrante do espanhol mexicano, em outros casos, não seria possível sustentar essa característica: *“Um terceiro formante abaixado é de fato bastante*

Ladefoged e Maddieson (1996) contrapõem a ideia de Lindau (op. cit.). Entendem que a proposta da autora, embora consiga elucidar diversos processos de variação e mudança que atingem a classe, não é capaz de fazer uma “nota de corte”, pois as características mencionadas por Lindau (1985) não excluem outros sons que não são considerados róticos. A mais importante relação entre os sons dessa classe, segundo os autores, está nas informações diacrônicas. Os sons de /r/, historicamente, sofrem processos de posteriorização e enfraquecimento, e as variantes resultantes desses processos seriam o fio condutor capaz de montar a variação sincrônica desse grupo de sons:

Sons com locais de constrição semelhantes provavelmente têm propriedades espectrais semelhantes, sejam eles ‘róticos’ ou não. Tepes, flaps e vibrantes têm semelhanças com oclusivas porque todos envolvem fechamento e, de fato, muitas vezes alternam entre si. Os róticos fricativos têm semelhanças óbvias com outras fricativas. E assim por diante. Embora existam vários subconjuntos de sons bem definidos (vibrantes, tepes, etc.) que estão inclusos na classe dos róticos, a unidade geral do grupo parece repousar principalmente nas conexões históricas entre esses subgrupos e na escolha da letra ‘r’ para representá-los. (LADEFOGED; MADDIESON, 1996, p.245)

Frente à impossibilidade de se encontrar um denominador articulatório comum para a classe dos róticos, Wiese (2001) endereçou essa questão do ponto de vista fonológico. O autor percebe que é possível depreender algumas generalizações relacionadas ao comportamento dos sons dessa classe, a despeito de sua grande variabilidade fonética: (i) os sons de /r/ ocorrem sempre em posições adjacentes à vogal: ataque simples (rV), segundo elemento de ataque complexo (CrV) e coda silábica (Vr); (ii) embora sons de /r/ sejam não silábicos, é possível encontrar variantes silábicas em algumas línguas; (iii) os róticos apresentam grande variação entre sons, tanto sincronicamente ou diacronicamente; (iv) mesmo havendo variação fonética, a distribuição fonotática não se altera.

As generalizações apresentadas de (i) a (iv) não se apoiam, em momento algum, em características fonéticas ou acústicas dos sons róticos, de forma que todas podem fazer referência a um fonema /r/, sem qualquer necessidade de especificação de traço. Dessa forma, a relação dos sons róticos se dá pelo seu comportamento fonotático e, para o autor, “o /r/ é *prosódia*”⁵ (WIESE, 2001, p.349). A partir disso, o autor propõe que a classe de róticos seja caracterizada por seu comportamento na estrutura silábica, e que esse conjunto seja

⁵No original: “/r/ is prosody”.

classificado com base na escala de sonoridade proposta por Clements (1990), de maneira que o /r/ seria um ponto entre as laterais e as vogais.

(1) Escala de sonoridade proposta por Wiese (2001, p. 355)
obstruinte < nasal < lateral < róticos < semivogal < vogal

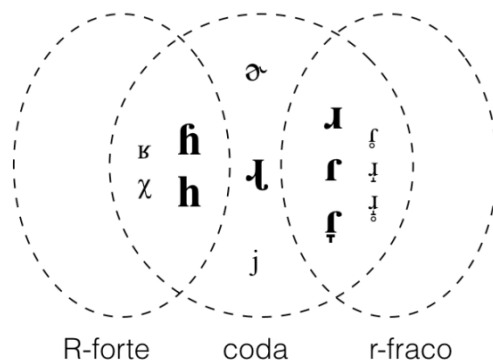
Essa proposta tem algumas consequências. A escala, baseada na sonoridade dos fones, deve ser revista, pois nem todos os sons róticos são caracterizados pela alta sonoridade, o que impede que esse critério seja usado para os outros grupos. Para além disso, tratar o fonema /r/ como uma propriedade prosódica coloca em xeque a ideia original do conceito de fonema, qual seja, uma abstração fonológica a partir de diferentes matrizes fonéticas de traços. Embora a proposta de Wiese (2001) desafie alguns conceitos já estabelecidos nos estudos fonológicos, ela traz contribuições importantes à discussão, ao abrir mão da busca por características semelhantes a todos os fones e trazer à luz propriedades fonológicas por eles compartilhadas, reforçando a ideia de que talvez os róticos, como classe, não devam ser discutidos a partir da proposição tradicional de Classes Naturais de Chomsky e Halle (1968).

Mais recentemente, Rennie (2016) discute a representação dos róticos como classe utilizando dados de fala da variedade do português falado em Lavras (MG). Com base na Teoria de Exemplos (BYBEE, 2001, 2006), a autora advoga em favor da ideia de que há uma representação no léxico mental para os sons róticos, que associa as diferentes variantes com base em efeitos de frequência e em suas ligações históricas. Essa proposta origina-se de uma análise acústica minuciosa de dados de fala, em que são encontradas vinte e uma variantes fonéticas de róticos. Essas variantes surgem a partir de processo de lenição, segundo a autora, principal força por trás da mudança diacrônica e da variação sincrônica desse grupo. Esses processos de variação e mudança são responsáveis pelas relações estabelecidas entre os sons na representação mental, embora por vezes esses processos sejam transparentes aos falantes, motivo pelo qual nem sempre é possível que se estabeleça semelhança ou relação entre dois dados fones róticos. Como consequência dessa representação proposta pela autora, dispensa-se um sistema de regras que derive diferentes formas fonéticas de uma representação subjacente.

Contrapondo a ideia de Lindau (1985), já abordada acima, de que os sons róticos se relacionam por semelhança de parentesco, em que cada membro da classe compartilharia algum traço com outro membro (A com B, B com C, etc.), Rennie (2016) então propõe que

a classe dos róticos no PB seja definida como uma classe à base de relações de parentesco — *family relationships* — (RENNICKE, 2016, p.91), como mostra a figura 2.

Figura 2 - Representação fonológica dos róticos no PB proposta por Rennicke (2016)



Fonte: Rennicke (2016)

Ao substituir a palavra “semelhança” por “relação”, a autora justifica que

[...]em uma rede de relações de parentesco podem existir variantes cuja ligação de semelhança com outras variantes tenha se tornado obscura. Por exemplo, somente os membros A e D de uma classe ocorrem na língua, e os passos de semelhança em cadeia, A→B, B→C e C→D, podem não ser acessíveis ao falante sincrônico. (p.91)

Essa proposta, assim como a de Wiese (op. cit), abre mão da busca por um denominador comum em termos de traços articulatorios, e, ao evidenciar a gradiência fonética presente nessa classe, mostra que a relação entre esses sons é mais complexa do que se supunha. Por outro lado, ao mesmo tempo em que dispensa uma forma subjacente, mantêm termos como r-forte e r-fraco (ainda que entenda que o limite entre eles não seja bem definido) para realizar categorizações dentro dessa representação lexical.

Diversas outras ideias foram propostas para dar conta da problemática envolvendo os sons róticos, como, por exemplo, a atribuição de um traço [rótico] para os sons dessa classe (HALL, 1997). As teorias apresentadas aqui, a despeito de suas peculiares, são unânimes ao aceitarem a impossibilidade de se caracterizar essa classe a partir de uma matriz de traços e ao admitirem a relação entre os sons dessa classe em algum nível de análise. Podemos concluir que os elementos dessa classe estão relacionados, não só por semelhança no comportamento

fonotático, embora esse seja um importante aspecto de sua organização, mas, como apontam Ladefoged e Maddieson (1996) e Rennicke (2016), também por processos de variação e mudança.

2.2 Os róticos no português brasileiro

Assim como em 75% das línguas do mundo, o PB também apresenta em seu sistema fonético-fonológico sons pertencentes à classe dos róticos. Nessa língua, podem ser encontradas variantes de características articulatórias diversas, como vibrantes, tepes, retroflexos, velares, uvulares e glotais, como mostra o quadro 2 abaixo:

Quadro 2 - Os róticos no PB

		Ponto de articulação		
		Alveolar	Velar	Glotal
Modo de articulação	Vibrante	r		
	Tepe	ɾ		
	Fricativa		x γ	h fi
	Retroflexa	ɻ		

Fonte: Adaptado de Silva (2003)

A distribuição dessas variantes não é aleatória, sendo influenciada por alguns fatores, dos quais destacamos dois: a posição do som na estrutura silábica e a influência dialetal. Nos estudos fonológicos, há uma tendência de se usarem os termos r-forte e r-fraco para a diferenciação entre dois subgrupos de sons de /r/, sendo o r-forte uma nomenclatura para as realizações de /r/ vibrantes e fricativas, e o r-fraco uma referência às articulações tepes e retroflexas. Ao tratarmos da organização desses sons em função da sua posição na estrutura silábica, fica claro que essa divisão se justifica, pois diferentes análises mostraram haver uma distribuição bastante definida:

- i. Em posição de ataque, em início de palavra (ex.: roedor) e em ataque após elemento consonantal (ex.: genro), encontramos, de maneira geral⁶, alguma realização fonética do chamado r-forte: [r]ota, [x]io, gen[h]o.
- ii. Na posição de segundo elemento de um ataque complexo, verifica-se a presença do chamado r-fraco que, de modo geral, se realiza foneticamente como um tepe alveolar, como em t[r]ave, mas que pode também aparecer, em alguns dialetos, como uma variante retroflexa: p[ɻ]ova.
- iii. Na posição intervocálica, é possível encontrar, em oposição significativa (fonológica), realizações do r-forte e r-fraco: ca[h]o vs. ca[r]o.
- iv. A coda, seja ela medial ou final, é uma posição em que encontramos uma neutralização (SILVA, 2003), sendo possível encontrar realizações do r-forte, do r-fraco e mesmo o apagamento total, condicionados por fatores linguísticos e sociais.

Como podemos observar, os termos r-forte e r-fraco são úteis ao trazerem à luz a disposição dos sons de róticos na estrutura silábica. Contudo, esses construtos teóricos, como aponta Rennie (2006), são arbitrários. Apesar de se tratarem de duas unidades de análise muito usadas, elas não são facilmente definíveis, uma vez que não necessariamente fazem referência a dois fonemas diferentes. Se o fossem, trabalhos que defendem a existência de um único fonema rótico (como aprofundaremos na seção 2.2.1) não utilizariam esses termos. Os nomes r-forte e r-fraco também não fazem referência a dois fones distintos, apenas diferenciam grupos de sons de /r/ que, em certas posições da sílaba, apresentam variação entre si. Essa distinção parece, portanto, fonética, e não fonológica.

Para além da organização pela estrutura da sílaba, a realização dos fones róticos no PB está diretamente relacionada à região do Brasil. Na posição de coda, essa influência é mais facilmente observada, como constata Callou, Moraes e Leite (1996): “o fonema /r/ apresenta, em posição de coda silábica, um elevado grau de polimorfismo, prestando-se, exemplarmente, à caracterização da variação no português do Brasil” (p.465). Ao analisarem o /r/ em coda em cinco capitais brasileiras – Porto Alegre, São Paulo, Salvador, Rio de Janeiro e Recife – os autores atentam para o fato de que Porto Alegre e São Paulo se caracterizam por variantes róticas [+anteriores], como a vibrante alveolar, o tepe, e o

⁶No PB, em contato com os falares dialetais italianos, a realização do r-forte pode alternar como a do r-fraco (ALTENHOFEN, 2008). Contudo, tais formas são marcas linguísticas bastante específicas a algumas comunidades, sendo o r-forte a tendência geral do PB.

retroflexo; no Rio de Janeiro e em Salvador, a variante fricativa velar é a que apresenta maior percentual; e em Recife, o rótico é mais frequentemente produzido como uma fricativa glotal.

As variantes de r-forte em posição de ataque, ainda que em menor grau, também apresentam alternâncias a depender do dialeto. No português falado no Rio Grande do Sul, é possível se encontrarem realizações da vibrante alveolar, mesmo que sua frequência tenha diminuído consideravelmente em detrimento de uma variante mais posterior. Em outros estados brasileiros, essa variante não é verificada, sendo majoritária a presença de variantes posteriores⁷. O r-fraco parece sofrer menor influência de fatores diatópicos. Os estudos são unânimes ao verificar a existência do tepe alveolar, independente do dialeto, tanto na posição de ataque simples quanto na posição de ataque complexo, ainda que seja possível verificar variantes retroflexas em dialetos que têm esse som característico na coda.

As diversas pesquisas sociolinguísticas e dialetológicas são de grande importância para o estudo dos sons róticos no PB, pois descrevem de forma ampla e precisa as particularidades fonéticas que caracterizam e diferenciam diversas comunidades linguísticas, enquanto que, na mesma proporção, endereçam generalidades que auxiliam no entendimento da organização desses sons dentro de um sistema fonológico. No tocante à questão da fonologia dos róticos, estabelece-se uma discussão bastante importante acerca da forma subjacente (ou das formas subjacentes) da qual deriva essa variabilidade fonética. Esse assunto não é trivial e será endereçado com maior aprofundamento na seção a seguir.

2.2.1 A fonologia dos róticos no português brasileiro

Teorias fonológicas de cunho formalista buscam propor abstrações, generalizações e regras sobre unidades e fenômenos linguísticos, a partir das quais se possa explicar o funcionamento da língua. Uma dessas abstrações se dá pelo fonema, entendido como unidade mínima de análise, com valor distintivo. Contudo, a definição da forma fonológica (ou formas fonológicas) da qual derivam todos os fones róticos não é tarefa tão simples, como é possível perceber a partir da distribuição exposta na seção anterior e esquematizada no quadro 3:

⁷Há na literatura uma discussão acerca de qual seria a forma fonética predominante do r-forte em ataque. Silva (2003) defende que esse som seria a fricativa velar; em contrapartida, Abaurre e Sândalo (2003), a partir de análises acústicas, afirmam que essa variante fonética seria a fricativa glotal.

Quadro 3 - Distribuição dos róticos pela posição na sílaba

Contexto	Variante	Exemplo
Ataque em início de palavra	r-forte	[h]ato
Ataque depois de consoante	r-forte	Is[h]ael
Intervocálico	r-forte ou r-fraco, com oposição significativa	ca[h]o vs. ca[r]o
Ataque complexo	r-fraco	p[r]ato
Coda	r-forte e r-fraco, sem oposição significativa (neutralização)	ma[h] ~ ma[r] ca[h]ta ~ ca[r]ta

Fonte: Adaptado de Silva (2003, p.160)

A posição intervocálica é a única posição em que a realização de uma variante de r-forte ou de r-fraco apresenta valor distintivo. O fato de o PB apresentar distribuição complementar ou neutralização do /r/ em quatro posições, mas contraste fonológico em apenas uma delas levanta a discussão acerca de qual seria a representação subjacente que melhor incorporaria e explicaria a organização apresentada acima.

Se entendemos que, dada a existência de uma oposição intervocálica de superfície, o português deve possuir, por consequência, uma oposição subjacente, devemos considerar a existência de dois fonemas: /r/ e /r/. Se, por outro lado, considerarmos que há uma distribuição complementar bastante definida, que está subordinada a regras posicionais, e que o contraste intervocálico é uma exceção, deveríamos optar pela explicação de que há apenas um fonema subjacente e buscar defini-lo. Independente da proposta escolhida, ela deverá ser capaz de explicar as regras que regem a escolha por um ou outro fonema, além de dar conta de explicar a grande alofonia presente na posição pós-vocálica. Diferentes propostas foram apresentadas para endereçar as questões expostas acima (CÂMARA JR, 1953, 1970; BONET, MASCARÓ, 1996; MONARETTO, 1997; ABAURRE, SÂNDALO, 2003, entre outras), e exploraremos, nas páginas a seguir, os trabalhos e os argumentos apresentados, pois tecem considerações importantes sobre o comportamento dos róticos.

Câmara Jr. apresentou, ao longo de sua obra, posicionamentos distintos acerca da questão da fonologia dos róticos. Na primeira versão do livro *Para o estudo da fonêmica Portuguesa*, lançado em 1953, o autor apresenta uma visão gerativa sobre o assunto, propondo a existência de apenas um fonema rótico, representado pela vibrante /r/. O r-fraco,

encontrado por exemplo, na palavra “areia”, por sua vez, seria uma variante enfraquecida da vibrante, restrita à posição intervocálica:

[...] a líquida vibrante, considerada um só fonema, na base de sua articulação forte, apresenta, além do alofone posicional, que é o /r/ brando, uma variação livre como velar, que facultativamente, na sistema da língua, substitui sua vibração múltipla. (CÂMARA JR., 1953, p. 110):

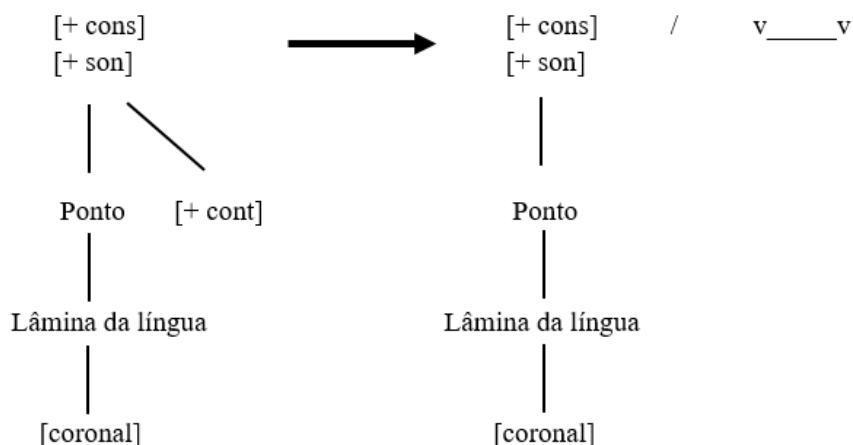
A partir dessa proposta, as palavras “caro” e “carro”, na sua forma subjacente, seriam representadas como /ka.ro/ e / kar.ro/, respectivamente. Na primeira, estando o fonema em contexto intervocálico, este passaria por um processo de enfraquecimento, superficializando-se como um tepe. No segundo caso, o fonema geminado bloquearia o contexto para o enfraquecimento, de forma que a palavra seria pronunciada com uma variante vibrante. Embora o faça com cuidado, Mattoso Câmara traz como argumento questões relacionadas à diacronia. No latim, havia um “r” que, em posição intervocálica poderia ser geminado: ferum (feroz) vs. ferrum (ferro). Essa geminação foi perdida ao longo do tempo, mas o português preservou, na fonética, essa distinção entre o fonema geminado e o simples, sendo a vibrante representante da primeira, e o tepe o resultado da segunda.

Em contrapartida, no livro *Estrutura da Língua Portuguesa* (1970), o autor apresenta uma nova proposta para a questão dos róticos no PB, advogando em favor da ideia de que a língua apresenta dois fonemas: [r] e [r̥]. A mudança deu-se a partir de fortes críticas da parte de estudiosos da corrente estruturalista, que apontavam o fato de que, se há um contraste na superfície, esse contraste deve, por consequência, ter sua correspondência em nível subjacente. Dessa forma, seria inconcebível a ideia de que o contraste “muro” vs. “murro” não acarretasse contraste fonêmico entre /r/ e /r̥/. Dessa crítica, surge a nova defesa de Mattoso Câmara, que afirma que a fonêmica não pode se distanciar da realidade fonética e que, foneticamente, não haveria geminação vocálica nos róticos do PB, como havia sugerido em 1953.

Embora Câmara Jr. tenha abandonado a primeira proposta, Abaurre e Sândalo (2003) retomam a ideia do autor e também defendem a proposição de um fonema rótico, o /r/. O principal argumento das autoras está respaldado na geometria dos traços da vibrante [r], pois, a partir dela, seria possível derivar, com facilidade, todas as variantes fonéticas róticas já verificadas no português, algo que não seria possível caso tomássemos o tepe como fonema.

A ideia de enfraquecimento da vibrante em contexto intervocálico também é retomada. Nesse caso, o enfraquecimento se daria pela perda do traço [+contínuo], única característica que diferencia [r] de [r̥], como é apresentado na figura 3:

Figura 3 - Processo de enfraquecimento da vibrante em contexto intervocálico



Fonte: Abaurre e Sândalo (2003, p.16)

À proposta de Câmara Jr. (1953), as autoras também acrescentam o papel do Princípio do Contorno Obrigatório (Goldsmith, 1976), que impediria a sequência de duas vibrantes geminadas e apagaria um dos fonemas, exponenciando o outro como uma vibrante. Essa explicação daria conta dos casos em que a vibrante é superficializada, como na palavra “erro”. Para o ataque complexo, também haveria uma regra de enfraquecimento da vibrante, uma vez que, em situações de ênfase, seria possível verificar a presença da vibrante nos dados analisados, o que levaria a crer que essa vibrante está também presente na subjacência. No que diz respeito à variação fonética presente na posição de coda, temos o ponto mais interessante da proposta de Abaurre e Sândalo (2003). Com a matriz da vibrante (apresentada anteriormente na figura 3), as autoras defendem ser possível derivar todas as variantes róticas presentes no PB com um número mínimo de traços, o que, por outro lado, com a matriz do tepe, seria mais custoso, pois seria necessário incluir traços e mudar pontos, e tais processos são pouco naturais:

- a) /r/ → [h]: há o desligamento do nódulo de ponto (debucalização), e a raiz se altera para [-consonantal];

- b) /r/ → [x]: há o desligamento do traço de ponto, e, isso posto, é inserido o traço default [dorsal], configurando um som velar (HARRIS, 1984);
- c) /r/ → [R]: Uma terceira possibilidade de derivação para a vibrante, segundo Callou, Moraes e Leite (2002), é a vibrante uvular. Nesse caso, não há debucalização, mas, sim, posteriorização, com a substituição do ponto alveolar, uma vez que a uvular tem ponto de articulação na cavidade supralaríngea;
- d) /r/ → [ɹ]: as autoras defendem que o som retroflexo é articulatoriamente realizado como uma aproximante coronal. Assim sendo, esse som tem traço [-consonantal], e apenas isso o diferencia da vibrante.

Bonet e Mascaró (1996) também postulam uma só unidade fonológica para o rótico, mas consideram que essa unidade é subespecificada e seus traços só são preenchidos na silabação da palavra. Essa proposta tem como premissa a ideia de que apenas as informações sobre formação silábica e sua relação como Ciclo de Sonoridade, proposto por Clements (1990), são capazes de dar conta da questão envolvendo a fonologia dos róticos de línguas ibéricas, inclusive do PB. A base da argumentação está, contudo, em uma Escala de Sonoridade alternativa proposta pelos autores:

(1) Escala de Sonoridade proposta por Bonet e Mascaró (1996)

0	1	2	3	4	5
Oclusivas	<u>Vibrante</u> e fricativas	Nasais	Laterais	<u>Tepe</u> e glides	Vogais

De acordo com o ciclo de sonoridade, na formação da sílaba, dá-se preferência por elementos de menor sonoridade no ataque, para que haja um crescimento máximo de soância e elementos de maior sonoridade na coda, sendo o decréscimo mais suave. Além disso, o princípio sugere que haja uma distância de sonoridade entre o primeiro e o segundo elemento de um ataque complexo (evitando coisas como *[pt], *[pm]). O fonema rótico, a partir dessa proposta, é entendido como um fonema subespecificado /R/ que, a depender da silabificação, ganhará características de tepe ou de uma vibrante. Na posição de início de sílaba (ex.: riso, guelra), portanto, irá selecionar a vibrante, pois esta, estando mais abaixo na escala de sonoridade, preenche melhor os requisitos de formação da sílaba. Já no encontro consonantal, o tepe é o candidato ideal, pois há menos violação no crescimento de sonoridade exigido pelo ataque. No que diz respeito às codas, embora os autores assumam que a regra selecione o tepe por respeitar o decréscimo mínimo de soância, devido à grande variedade fonética nessa

posição, postulam que alguns dialetos possuem uma regra pós lexical de tensionamento, que transforma o tepe em vibrante.

Porém, dentro dessa proposta, em contexto intervocálico, se esperaria sempre a presença de uma vibrante, visto que esse seria também um caso de início de sílaba. Como explicar, portanto, a presença do tepe? Na abordagem das autoras, a diferença entre a vibrante e o tepe intervocálico se dá pela presença de um traço abstrato [*flap*], ausente no primeiro fonema e presente no segundo:

Nossa alegação é que a diferença entre os tepes intervocálicos e todas as outras ocorrências de róticos se deve ao fato de que apenas os tepes intervocálicos são subjacentes, marcados com uma propriedade [+f]. Este é o único valor ativo em relação a outros róticos: [-f] nunca pode aparecer em uma representação subjacente⁸ (BONET, MASCARÓ, 1996).

O tepe seria, portanto, um fonema excepcional, marcado subjacentemente com o traço [+f] quando em posição intervocálica, que estaria em contraste com o fonema subespecificado /R/, presente em todas as outras posições. A diferença entre um par mínimo como “mira” e “mirra” estaria na presença do traço [+f] ligado ao fonema subespecificado /R/ no segundo caso, em contraste à forma subespecificada /R/ não marcada no primeiro, como mostrado na figura 4 abaixo:

Figura 4 - Representação do rótico de Bonet e Mascaró (1996)

m í r a m í r a
|
[+f]

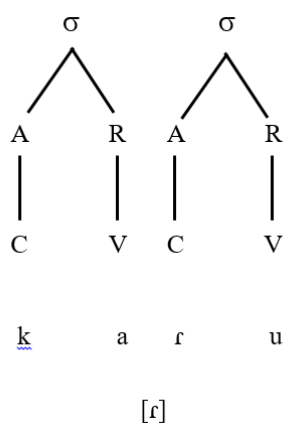
Fonte: Bonet e Mascaró (1996, p.114)

Para outros autores, como Monaretto (1997) e Mateus, D’andrade (2002), o fonema rótico do português brasileiro é representado pelo tepe /r/, e a vibrante emergente em posição

⁸ No original: Our claim is that the difference between intervocalic flaps and all other occurrences of rhotics is due to the fact that only intervocalic flaps are underlyingly marked with a property, [+f]. This is the only active value with respect to other rhotics: [-f] can never appear in an underlying representation.

intervocálica seria resultado de uma sequência de dois tepes subjacentes. Monaretto (1997) utiliza como base a teoria autosegmental para explicar, a partir de dados de fala do sul do Brasil, de que forma a distribuição dos róticos acontece. No contexto intervocálico, o tepe na palavra “caro” seria representado como na figura 5, em que o fonema rótico é ligado a uma unidade de tempo na estrutura silábica e, por isso, se superficializaria na forma esperada – uma vibrante simples.

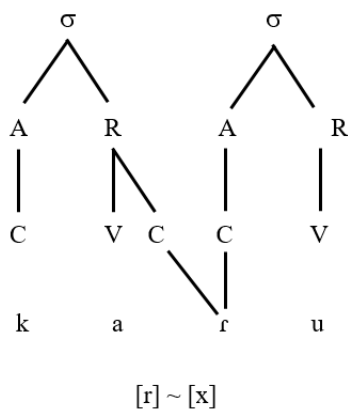
Figura 5 - Estrutura silábica da palavra "caro"



Fonte: Monaretto (1997)

Já em “carro”, ocorreriam dois /r/s brandos adjacentes e heterossilábicos: um na coda de uma sílaba e outro ataque da sílaba seguinte. Pelo Princípio de Contorno Obrigatório, esses dois /r/s seriam reduzidos a apenas um, mantendo, no entanto, as linhas de ligação temporal e, como consequência, teríamos um rótico que ocupa duas posições temporais, superficializando-se como r-forte, como está representado na figura 6.

Figura 6- Estrutura silábica da palavra "carro"

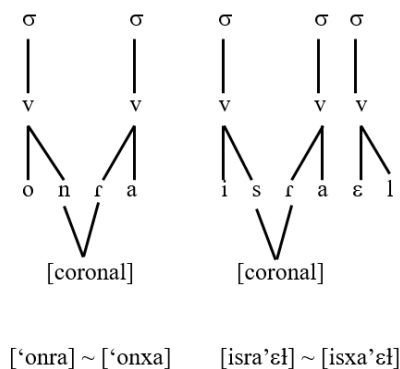


Fonte: Monaretto (1997)

Para o caso de ataques complexos, a autora afirma que apenas o tepe é verificado nessa posição e, portanto, esse seria também o fonema subjacente. Essa categoricidade é criticada por Rennie (2015), que encontrou casos de vibrante nessa posição em seus dados, e por Abaurre e Sândalo (2003), que também encontraram casos de vibrante em ataque quando esse se encontrava em situação enfática de fala. Entendemos que essas exceções não invalidam a proposta do tepe como fonema adjacente, como, da mesma forma, a presença de tepes em contexto onde se esperaria a vibrante (ex.: ca[h]oça, realizada como ca[r]oça, conforme nota de rodapé 6) não enfraquece as propostas que defendem a vibrante como fonema subjacente.

Um grande problema apontado por Abaurre e Sândalo (2003), em relação às teorias que defendem um tepe subjacente, é a dificuldade de se explicar a presença única e exclusiva de um r-forte em início de sílaba. Isso porque, de acordo com essa proposição, o r-forte seria o resultado de dois tepes, um que travaria uma sílaba e outro que iniciaria a seguinte e, a partir disso, seria difícil explicar a ocorrência desses dois tepes em uma posição que não permite tal configuração, visto que criaria um onset complexo irregular /rra.to/. Para resolver essas questões, segundo Monaretto (1997), há uma regra de reforçamento, que transforma o tepe em vibrante. Essa regra seria acionada no processamento linguístico como forma de corrigir a escala de sonoridade (a autora usa como base a versão revisada de Bonet e Mascaró, 1996) na formação da sílaba, visto que a vibrante é menos sonora que o tepe. Já para o caso do r-forte em início de sílaba antes de consoante, a autora defende que este também seria o resultado de um rótico brando ligado a dois nós temporais, o segundo proveniente da consoante anterior, como mostra a figura abaixo, para as imagens “honra” e “Israel”:

Figura 7 - Estrutura silábica da vibrante precedida por consoante



Fonte: Monaretto (1997, p.198)

Por fim, para o último caso posicional, a coda, Monaretto (1997) apoia-se novamente no ciclo de sonância para defender a realização do tepe, que, em seus dados, representa a porcentagem majoritária de realização. O tepe, por ser um elemento mais sonoro em relação à vibrante, preenche melhor os requisitos de sonoridade da coda. Quanto a outras variantes possíveis na coda, como o zero, a fricativa, entre outras, essas seriam resultados de regras pós-lexicais e opcionais. Abaurre e Sândalo (2003) criticam esse argumento, pois afirmam que, sendo o tepe o fonema da língua, não seria fácil, por traços, derivar os outros fones do PB. Contudo, como vimos na seção 2.1, a dificuldade em se caracterizarem os róticos como classe natural reside justamente no fato de não ser possível encontrar uma correlação fonética ou acústica, sendo a relação entre eles resumida a uma relação de parentesco.

Como foi visto acima, diferentes propostas para resolver o problema fonológico dos róticos foram apresentadas, todas com argumentos pertinentes e que convidam à discussão, sem, contudo, fechá-la. Das ideias aqui discutidas, Abaurre e Sândalo (2003) parecem contemplar, com maior detalhamento, a variação presente na coda, que é o tema de nosso projeto. A ideia de uma vibrante subjacente é refutada por outros autores, pois esse som, atualmente, quase não é verificado em dados de fala do PB. Contudo, como veremos a seguir, os róticos no PB sofreram mudanças ao longo do tempo e, embora a vibrante não seja mais tão frequente, é possível verificá-la de forma mais significativa em dados de fala mais antigos. Ademais, atentamos para o fato de que o esquema proposto por Lindau (1985) para a classe dos róticos (ver figura 1) tem como um de seus elementos centrais a vibrante. Para além disso, outros trabalhos (Ladefoged, Cochran, Disner, 1977 e Maddieson, 1984) mostram que, a despeito das peculiaridades dos sons que fazem parte do grupo de róticos em cada língua, a vibrante parece ser um elemento presente em boa parte delas, o que nos faz pensar na possibilidade de a vibrante ser, de alguma forma, um rótico prototípico.

Optamos, durante a realização deste trabalho, por adotar a visão proposta por Câmara Jr (1953) e por Abaurre e Sândalo (2003) para a questão fonológica dos róticos e, portanto, representar o fonema como uma vibrante /r/. Contudo, entendemos que essa não é uma questão finalizada, e que novas evidências podem não só enriquecer a discussão como também modificar nossa posição sobre o assunto.

2.2.2 Processos de variação e mudança dos róticos no português brasileiro

Como visto anteriormente, os sons róticos se caracterizam por apresentarem variação entre seus segmentos, graças à forte motivação dialetal, mas também por serem submetidos a processos de mudança que podem ser observados a partir de análises de tempo real. De modo geral, parece haver uma tendência universal de posteriorização e enfraquecimento dessas variantes (MONARETTO, 2002; SERRA, CALLOU E LEITE, 1996; SERRA, CALLOU, 2013, entre outros), que pode ser verificada tanto em posição de onset quanto em posição de coda.

Em se tratando de coda, um processo bastante referido no PB é o apagamento do /r/ (CALLOU, MORAES, LEITE, 1996; OLIVEIRA, 1983; MONARETTO, 2000), que atinge as codas finais de verbos de forma categórica (ex.: faze/r/ > faze[ø]) e, nos nomes, é mais frequente em dialetos que se caracterizam por apresentarem variantes posteriores (ex.: mulhe[h] > mulhe[ø]). Sobre esse processo, é importante referir que até então ele havia sido tratado como um único processo que atingia nomes e verbos de formas diferentes. Schwindt e Chaves (2019), contudo, trazem um novo olhar para esse fenômeno, defendendo a ideia de que, na realidade, se trata de dois processos diferentes na subjacência, que se superficializam da mesma maneira, gerando *outputs* convergentes. O primeiro fenômeno, mais restrito, atinge apenas verbos e tem interação com a morfologia:

O processo I, que consideramos fonológico, diz respeito a um apagamento que atinge uma posição tipicamente fraca, a coda final, apesar de proeminente por ser acentuada (ideia adaptada da proposta de De Lacy, 2001). A evidência de que esse processo interage com a morfologia está no fato de que I só se aplica a verbos, ou seja, depende de informação sobre classe ou sobre constituência interna da palavra. A razão para isso está, paradoxalmente, na preservação do apagamento de expoentes morfológicos. O processo preponderantemente não atinge não verbos para não apagar conteúdo da raiz (como em *ma/R/*, em que /R/ faz parte da raiz da palavra, constituindo, inclusive, em português, a forma apagada um par mínimo com *má*, feminino de *mau*). O paradoxo reside no fato de que, nos verbos, ao apagar /R/, apagamos justamente um monomorfema que indica infinitivo do verbo (ou o futuro do subjuntivo). Nesse caso, contudo, o morfema apagado é sempre compensado pela vogal temática acentuada, como particularidade de tais formas no paradigma verbal (não há outra forma verbal com essa característica que admita apagamento, fazendo desse acento uma qualidade distintiva). (SCHWINDT, CHAVES, 2019, p. 11)

O segundo processo, por outro lado, seria puramente fonético, caracterizado por ser mais geral, sem distinguir classes de palavras:

O processo II é, em nosso entendimento, puramente fonético. Trata-se de um fenômeno de enfraquecimento em posição de coda, o mesmo que responde pela passagem de /R/ a [h], que pode resultar em total apagamento, Ø. Este processo não distingue verbos de não verbos e também não distingue crucialmente coda medial de coda final, embora, por conta da maior debilidade da posição final, possa ser mais frequente ali. Esse segundo processo, como se observa nas descrições a que tivemos acesso, também apresenta maior sensibilidade a fatores sociais, o que o diferencia do primeiro, que parece limitar-se, do ponto de vista extralinguístico, sobretudo a registro. (SCHWINDT, CHAVES, 2019, p. 11)

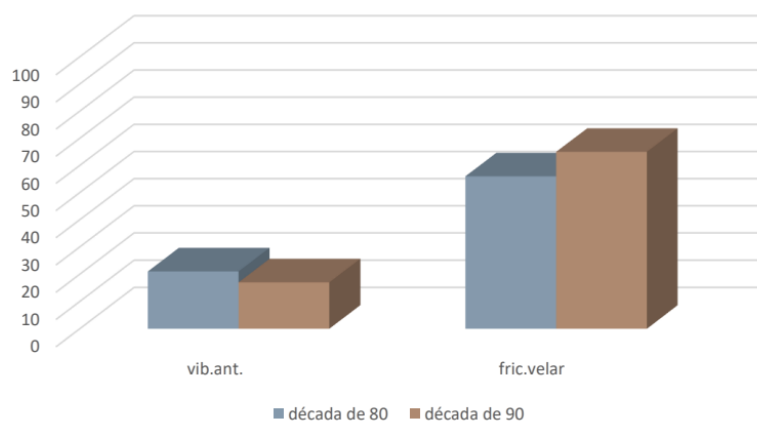
Sobre esse segundo processo, de natureza variável, Callou, Moraes e Leite (1996), ao examinarem a variação do /r/ pós-vocálico em cinco capitais do Brasil (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife) a partir de amostras do *corpus* do NURC, encontraram porcentagens distintas de apagamento em cada uma das cinco comunidades. Esse padrão estava em consonância com a variedade mais frequente encontrada: em cidades que realizavam variantes anteriores de /r/, o apagamento apresentou porcentagem baixa de aplicação, como em Porto Alegre e São Paulo; já em cidades que tinham variantes posteriores, como no Rio de Janeiro, Salvador e Recife, o apagamento em coda final era mais frequente. A variação encontrada em coda, com configuração específica em cada localidade, levou os autores a militarem em favor da ideia de que os róticos do PB na coda estariam passando por um processo de enfraquecimento que atingiria, de maneiras distintas, os diferentes dialetos do PB.

Serra e Callou (2013) avançam na questão e discutem o apagamento de /r/ em dialetos de três diferentes localidades: Porto Alegre, Rio de Janeiro e Salvador. Com base em questões prosódicas, entendem que o apagamento de /r/ em final de sílaba corresponde ao estágio final de um processo de enfraquecimento que leva à simplificação da estrutura silábica no português, transformando sílabas CVC em sílabas CV. Esse processo poderia ser observado em suas diferentes etapas a partir da análise de cada dialeto do PB, que corresponderia a um estágio diferente desse fenômeno:

Além de observar a distribuição dialetal do fenômeno, interessa-nos aprofundar algumas questões que têm sido levantadas e que, entretanto, carecem de elucidação. Essas questões dizem respeito à possibilidade de cada variante do R representar um passo na escala ordenada de enfraquecimento, que resulta na queda do segmento, ou, ao contrário, corresponder a um único processo, sem etapas intermediárias. Nesse ponto, nossa hipótese é a de que as variedades do Português do Brasil possam apresentar comportamentos diferenciados no mesmo estágio da mudança. (SERRA & CALLOU, 2013, p. 592)

Ainda que não atinja o apagamento total, o /r/ em posição de onset também sofreu processos de posteriorização e enfraquecimento, em menor grau. Câmara Jr. (1953) apontou para a primeira grande mudança dos sons róticos: na passagem do latim para o latim vulgar, consoantes intervocálicas sofreram um processo de lenição. Como consequência, o contraste intervocálico entre a vibrante alveolar e a vibrante alveolar geminada, [r] e [r:], foi substituído pelo contraste no modo de articulação entre vibrante alveolar e tepe alveolar, [r] e [r]. Um segundo processo verificado nos róticos em onset do PB se deu no enfraquecimento e na posteriorização do r- forte. Malmberg (1954 apud Luiz, 2012) observou esse fenômeno em diferentes regiões do Brasil, em que houve as seguintes mudanças: primeiramente, o r-forte deixou de ser produzido como alveolar e passou a velar; depois, o modo de articulação foi alterado, fazendo com que a vibrante passasse a ser produzida como fricativa. Como resultado, a palavra roupa, antes realizada como [r]oupa, passou a ser realizada [x]oupa. Monaretto (2002), a partir dos dados das décadas de 1980 e 1990 da Região Sul, também verifica essa tendência de crescimento da fricativa velar e de decréscimo da vibrante alveolar na posição de onset, como mostrado no gráfico da Figura 8:

Figura 8 - /r/ inicial no Sul do Brasil em dois períodos de tempo



Fonte: Monaretto (2002, p.254)

Contudo, como pode-se perceber, a presença da vibrante alveolar ainda era expressiva na década de 90. A autora afirma que esse processo de posteriorização ocorre de forma mais lenta em algumas cidades, principalmente devido à forte presença de colonização alemã e italiana, o que sustentaria uma pronúncia mais anterior de /r/. Essa diferença é confirmada por

Brescancini e Monaretto (2008, p. 57), que ao fazerem uma síntese de trabalhos que trataram da variação dos róticos na região Sul do país, apontaram que, diferentemente das capitais Porto Alegre e Florianópolis, em que há predominância da fricativa velar, nas cidades Panambi (de colonização alemã) e Flores da Cunha (de colonização italiana) pode-se verificar a presença de tepe e vibrante no ataque, caracterizando uma variação sociolinguística.

Mais recentemente, destacamos aqui os trabalhos de Rennieke (2015, 2016), em que a autora versa sobre o encaixe do som retroflexo dentro de um processo maior da classe de róticos. A ideia toma como base a proposta de Callou, Moraes e Leite (1996), mencionada anteriormente, que apresentam a ideia de que róticos no PB atravessam um processo geral de posteriorização e enfraquecimento, e que suas diferentes etapas podem ser verificadas em diferentes dialetos brasileiros. Essa proposta não contempla, contudo, o som retroflexo. A inovação na ideia de Rennieke se dá na medida em que a autora defende que, como outras variantes de /r/, o som retroflexo também está inserido em um processo mais geral de posteriorização do fonema rótico. A autora defende que a classe de róticos no PB passou, e passa, por dois grandes processos.

No primeiro, a vibrante alveolar sofreria um processo de posteriorização para uma fricativa velar, seguida por uma debucalização em direção a uma glotal, que também poderia chegar ao apagamento total. O processo pode ser esquematizado como mostramos em (a):

(a) Processo de posteriorização I, proposto por Rennieke (2015, p. 228):

$$[r] \rightarrow [R] \rightarrow [ʁ] \sim [\chi] \rightarrow [f] \sim [h]$$

No segundo, temos a passagem de uma vibrante alveolar para um tepe, que se posterioriza para uma aproximante retroflexa, que pode, em algum momento chegar ao apagamento total. Esse processo poderia ser esquematizado como mostrado em (b):

(b) Processo de posteriorização II, proposto por Rennieke (2015, p. 228):

$$[r] \rightarrow [r] \rightarrow [r̥] \rightarrow [ɹ] \rightarrow [ɹ̥] \rightarrow [ø]$$

A proposta acima ganha força pois toma como base uma análise extensiva e minuciosa de dados de fala, o que permite generalizações mais seguras acerca das variantes encontradas. Para além, está respalda em um processo já verificado na literatura e, ao enriquecer esse processo com novos dados, apontando para novos caminhos, representa um ganho importante na capacidade de abrangência da proposição de Callou, Moraes e Leite (1996) sobre a variação e mudança dos sons de /r/.

Como apontam os trabalhos resenhados, não é atípico encontrar variação entre os sons de /r/, sejam essas variações motivadas por questões dialetais ou linguísticas mais profundas. Devido ao objetivos deste projeto e às suas limitações, não objetivamos confrontar essas propostas a partir de nossos dados, mas consideramos de grande importância endereçar tais discussões pois, como visto, os sons róticos são uma classe bastante particular que, por não ser baseada apenas em relações de propriedades dos sons, organiza-se a partir de diferentes dinâmicas, e o entendimento desses processos pode auxiliar em um maior entendimento dessa classe.

3 O RÓTICO RETROFLEXO

Neste capítulo, buscamos nos debruçar de forma mais aprofundada sobre o rótico retroflexo, também chamado de “r caipira” e todas as questões que o permeiam. Objetivamos, nas páginas que seguem, discorrer sobre sua caracterização articulatória, e endereçar a problemática abordada por alguns autores no que diz respeito ao uso da nomenclatura “retroflexo” para definir esse “r caipira”. Por fim, nos interessa ponderar sobre um tópico que se apresenta como pouco consensual dentro da literatura sobre essa variante: sua origem no PB.

3.1 Aspectos articulatórios

O /r/ retroflexo é uma das possibilidades de articulação que podemos encontrar para o fonema rótico do PB na posição de coda (ex.: disse[ɹ]tação, pavo[ɹ]) ou em encontros consonantais (ex.: p[ɹ]ovavelmente). Do ponto de vista articulatório, o retroflexo é caracterizado por um encurvamento da ponta da língua em direção à parte posterior do trato oral, como retrata Silva (2003):

O palato duro é o articulador passivo e a ponta da língua é o articulador ativo. A produção de uma retroflexa geralmente se dá com o levantamento e encurvamento da ponta da língua em direção do palato duro. Ocorrem no dialeto “caipira” e no sotaque de norte-americanos falando português como nas palavras: mar, carta” (SILVA, 2003, p. 34)

Esse movimento⁹ da língua em direção ao palato faz com que essa variante seja considerada, articulatoriamente, um som mais posterior do que um som alveolar por Maia (1985). Em consonância, Oushiro e Mendes (2013), ao explicarem o favorecimento do retroflexo na fala de descendentes de nordestinos, que também têm variantes [+posterior] em seu *input*, afirmam que “linguisticamente, [o /r/ retroflexo] se aproxima mais da variante aspirada por ser um segmento [-anterior], relativamente ao tepe” (p. 83).

A primeira menção ao /r/ retroflexo data de 1920, descrito no livro *O Dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral. Em seu trabalho, o autor apresenta um modo de falar bastante

⁹ Faz-se importante mencionar que os trabalhos que tratam de posteriorização de /r/ em coda entendem como posteriorização o movimento de corpo de língua. No caso do /r/ retroflexo, por outro lado, há um movimento referente apenas à ponta da língua, havendo quem entenda que, por isso, não se configuraria como posteriorização. Outros autores, contudo, apontam que o /r/ retroflexo também pode ser articulado com um recuo do corpo da língua (como veremos adiante), assumindo que o som poderia ser incluído no escopo de um fenômeno de maior abrangência de recuo de ponto de articulação.

característico, encontrado na antiga província de São Paulo, associado a um modo de vida bastante típico, das áreas rurais. Dentre as diversas características linguísticas exploradas, Amaral chama atenção para o som de /r/ pronunciado por aquela comunidade de fala, que, diferente do /r/ de Portugal, que projeta a ponta da língua contra a arcada dentária, a projeta para porção palatal, enquanto dobra as laterais da língua em direção ao palato mole:

[O] r inter e post-vocálico (arara, carta) possui um valor peculiar: é linguo-palatal e guturalizado. Na sua prolação, em vez de projetar a ponta contra a arcada dentária superior, movimento este que produz a modalidade portuguesa, a língua leva os bordos laterais mais ou menos até os pequenos molares da arcada superior e vira a extremidade para cima, sem tocá-la na abóbada palatal. Não há quase nenhuma vibração tremulante. Para o ouvido, este r caipira assemelha-se bastante ao r inglês post-vocálico (AMARAL, 1920, p. 21)

Embora, à época, Amaral não tenha feito menção ao nome retroflexo, é possível ver que a descrição apresentada pelo autor para esse /r/ em coda dá conta do que seria uma articulação retroflexa, visto que sua representação em muito se assemelha à de Silva (2003), acima exposta. Essa variante também é referenciada como “r caipira” e, embora não tenha sido possível datar o primeiro uso desse “apelido”, acreditamos que a obra de Amaral tenha exercido forte influência sobre a associação do som a essa característica “caipira”. De modo geral, trabalhos variacionistas posteriores (SILVA NETO, 1963; MELO, 1971; RODRIGUES, 1974), adotaram, de forma consensual, a ideia de que o /r/ dito caipira, característico de um falar interiorano (como será aprofundado na seção seguinte), é articulatoriamente realizado como um som retroflexo e, portanto, os nomes “r retroflexo” e “r caipira” são sinônimos para uma mesma variante. Contudo, alguns autores colocam em xeque a perfeita simetria entre essas classificações, argumentando em favor da ideia de que, além do retroflexo, diferentes articulações róticas também estão sob o guarda-chuva do que se designa por /r/ caipira.

Head (1987) parte da descrição de Amadeu Amaral (op.cit.) e levanta uma questão acerca do motivo que teria levado o dialetólogo a usar o termo “guturalizado”, ou seja, na garganta, para descrever o /r/ retroflexo. Embora o termo seja bastante abrangente e pouco técnico, faz referência, de forma geral, a um som realizado numa parte bastante posterior do trato oral, local de articulação que não condiz com as descrições encontradas para o ponto retroflexo. O autor argumenta que diferentes formas de articulação são capazes de produzir correlatos acústicos semelhantes. Algumas articulações são capazes de produzir o correlato acústico da propriedade “rebaixada” ou “bemolizada” que, no espectrograma, caracteriza-se

pelo abaixamento do formante F3, e tanto sons guturais quanto sons retroflexos apresentam esse abaixamento. Resulta dessa semelhança o fato de que ambas as articulações retroflexas e guturais produzem efeito acústico e auditivo parecidos. A partir dessa semelhança (e tomando como acurada a observação de Amaral, Head conclui que “*é preciso reconhecer, entre as realizações articulatórias distintas do ‘r caipira’, duas variantes principais, acústicas e auditivamente parecidas: uma consoante líquida não lateral retroflexa e uma consoante líquida não lateral dita “gutural”*” (p. 9).

Cagliari (1981), em sua descrição fonética do português brasileiro (com enfoque especial sobre o dialeto paulista), afirma que o som retroflexo, além do encurvamento da ponta da língua em direção à região palatal, pode ser articulado de outras duas formas: i) pela retração da parte da frente da língua, formando uma concentração do volume da língua junto aos dentes molares; e ii) pela pouca elevação da ponta da língua entre os alvéolos e dentes, produzindo um som retroflexo anterior. As três diferentes formas de articulação, impressionisticamente, parecem produzir o mesmo efeito. Por fim, Rennie (2016) também discute diferentes possibilidades de articulação para o /r/ caipira. A análise acústica de dados de Lavras (MG) evidenciou vinte e uma variantes róticas, dentre as quais três, por apresentarem uma constrição parcial e forte roticidade perceptiva, são comumente, mas de forma errônea, consideradas pronúncias do /r/ retroflexo em trabalhos variacionistas. São elas: aproximante alveolar, aproximante retroflexa e vogal rótica (representadas pelos símbolos fonéticos [ɹ], [ɻ] e [ø], respectivamente). Essa generalização, segundo a autora, é prejudicial, na medida em que encobre particularidades que apontam para um processo de lenição de que os sons retroflexos fazem parte (já discutido na seção 2.2.2). A partir dessa variabilidade configuracional de [ɹ], Rennie (2016) sugere, em substituição para o termo /r/ retroflexo, um termo mais abrangente *aproximante rótica*.

Os trabalhos apresentados acima chamam a atenção para nuances relativas ao som que é tema de nossa pesquisa, pois carregam o entendimento de que, embora toda articulação retroflexa de /r/ possa ser interpretada como um /r/ caipira, nem todo /r/ chamado caipira é necessariamente um /r/ articulado de forma retroflexa. Estamos cientes de que essa discussão é de grande importância para os estudos de variação e mudança dos sons róticos, uma vez que o detalhamento fonético e acústico é capaz de revelar caminhos e processos que ocorrem na língua e nessa classe de sons, e que generalizações, para o propósito mencionado acima, podem simplificar e mesmo obscurecer tais análises, como aponta Rennie (op. cit). Contudo, também acreditamos que, a partir da gradiente existente na produção fonética e

acústica dos sons, os falantes realizam recortes e extraem generalizações, de modo a formar e organizar categorias linguísticas. Embora com algumas possibilidades articulatórias, existem características que fazem com que essas articulações acima descritas sejam generalizadas como /r/ retroflexo ou /r/ caipira, e não como um tepe alveolar. E, para o trabalho aqui desenvolvido, entendemos que essa generalização dá conta das discussões que serão propostas na seção de resultados.

3.2 Aspectos sociais

A obra de Amadeu Amaral sobre o dialeto caipira, além de trazer considerações importantes acerca de características articulatórias desse /r/ típico, tece comentários relevantes acerca da relação desse som com a comunidade de que é característico:

[...] um dialecto bem pronunciado, no território da antiga província de S. Paulo. (p.11)

[...] o nosso falar, *caipira* — bastante característico para ser notado pelos mais desprevenidos como um sistema distinto e inconfundível (...) (p.11)

Hoje, êle acha-se acantoadado em pequenas localidades que não acompanharam de perto o movimento geral do progresso e subsiste, fora daí, na boca de pessoas idosas, indelevelmente influenciadas pela antiga educação. (p.12)

Embora esses excertos tratem do dialeto caipira de um modo geral, é possível associá-los especificamente ao /r/ retroflexo, de modo que essa variante se distingue por ser bem pronunciada, ou seja, apresenta uma forte saliência que a caracteriza como um som marcado. Para além disso, é originalmente percebido como característica de uma região bastante específica – a antiga província de São Paulo –, que, posteriormente, restringiu-se a localidades mais afastadas, marcadas por um estereótipo rural de baixa escolaridade. Esses atributos são evidenciados por trabalhos posteriores, que fazem referência ao /r/ caipira como variante bastante particular, restrita a algumas regiões específicas do Brasil.

Silva Neto (1963, apud Brandão, 2007) afirma que o dialeto caipira apresenta “*os sons mais estranhos à língua comum*”, e que este se estende pelo Sul de São Paulo, Sul do Mato Grosso e Norte do Paraná. Dentre esses sons, descreve o “r” à semelhança de Amaral (1920), também comparando a produção desse /r/ a um /l/: “*As pessoas que já o ouviram descrevem-*

lhe a pronúncia como realizada entre o r e o l. Assim Alves de Camargo soa qualquer coisa como Arlves de Camarlgo.”. Melo (1971) aponta o Norte de São Paulo e Sul de Minas como localidades em que é possível encontrar esse /r/ caipira. Para além, o compara com o “r” de final de sílaba do inglês americano, porém “mais intenso” e, à semelhança de Silva Neto (op. cit.), compara esse som ao -l:

[...] e nele [o /r/ retroflexo] se transforma sistematicamente o -l final de sílaba. Quem já viajou por aquelas bandas sabe que, basta transpor-se a Mantiqueira, aparecem meninos vendendo “paster de carne”, com o seu errezinho particular.

Rodrigues (1974), em análise do dialeto caipira presente na cidade de Piracicaba, constata a vitalidade do /r/ caipira e a sua presença na zona rural da região. Para além disso, a variante pode também ser percebida na fala da população que reside em estados como Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso e Goiás.

Embora os trabalhos referenciados anteriormente não se ocupem de propor uma descrição articulatória para o /r/ caipira, adotando aquela feita por Amaral (1920), impressionisticamente tecem comentários importantes acerca das características desse “r”: é um /r/ bastante saliente, semelhante ao /r/ do inglês e que confunde-se ou alterna-se com a pronúncia de /l/. Os trabalhos parecem convergir, também, ao delimitarem as regiões em que essa variante aparece de forma mais forte, a saber: São Paulo, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, e Paraná (não estando presente em todas as áreas desses estados). Junto com essa delimitação geográfica, surge também uma delimitação social, pois há uma forte associação entre a articulação retroflexa de /r/ e o modo desse falar mais simples, interiorano, de pouco estudo.

Essa associação conferiu ao /r/ retroflexo um aspecto de variante estigmatizada, como mostram os trabalhos que tratam desse som pela perspectiva da avaliação linguística. Leite (2004) demonstra, com dados coletados junto a informantes da cidade de São José do Rio Preto, que o /r/ retroflexo carrega alta estigmatização. Todos os oito informantes avaliados reconhecem o estigma que esse som carrega e desejam mudar sua maneira de falar, buscando uma fala mais “correta”. Essa estereotipização é bem exemplificada nos atributos que são associados ao segmento rótico: feio, marcado e puxado.

Em trabalho posterior, Leite (2010) analisou o rótico em coda presente na cidade de Campinas, conhecida como a capital do interior de São Paulo. Nesse local há uma impressão entre os moradores de que o /r/ realizado na coda é diferente do /r/ caipira encontrado no

interior do estado, sendo uma pronúncia mais suave ou “intermediária” e, portanto, almejada por aqueles que não moram na cidade. Essa impressão é confirmada por entrevistas realizadas com 12 participantes naturais de Campinas, de forma que, para sete deles, o /r/ que figura em coda silábica no falar campineiro é distinto daquele que prevalece nas demais cidades do interior paulista. Interessante, a análise acústica realizada contrapõe a impressão dos informantes pois, ao contrário da ideia compartilhada por esse grupo, a variante que prevalece em coda é o /r/ caipira, encontrado em 90,6% dos dados analisados. Apresentam-se aqui dois cenários conflitantes: ao mesmo tempo em que há uma não-valorização da variante retroflexa, essa se encontra mais viva do que nunca. Isso leva ao questionamento da vitalidade e da persistência de variantes não prestigiosas e também à indicação de um prestígio encoberto, alimentado por um sentimento de solidariedade entre os falantes de uma comunidade local. Soma-se a isso, no caso do /r/ caipira, um movimento de reinterpretação e revalorização da cultura caipira, como aponta Leite (2010):

Esses informantes têm consciência do estigma conferido a esses traços, mas a estereotipização parece não ser maior do que a relação afetiva que mantém com os elementos representativos da cultura e do dialeto caipira. (p.152)

Essa não é a variante prestigiosa e nem aquela que é adotada pelos profissionais dos meios de comunicação, como telejornais, por exemplo. A exceção ocorre quando se trata de programas regionais. Entretanto, é a forma que representa uma cultura caipira— que, aliás, é cada vez mais valorizada, resgatada e reinterpretada, principalmente a partir do movimento musical. (p. 153)

A revalorização da cultura caipira também é apontada por Aguilera e Silva (2015), que demonstram um processo de enaltecimento dos costumes e características desse modo de vida e, por consequência, do /r/ retroflexo. A partir da técnica de falsos pares, as falas de duas pessoas do sexo masculino, uma que apresenta como característica o /r/ retroflexo e outra, o /r/ glotal, foram comparadas. A avaliação de 24 participantes evidenciou que

subjetivamente eles acreditam que esse traço fonético é próprio de uma pessoa mais simples, menos estudada, possuidora de fala menos correta, mas que, por outro lado, ajuda, trabalha, respeita mais e engana menos seu semelhante. Tal resultado pode estar associado ao estereótipo do caipira cristalizado culturalmente em nossa sociedade, isto é, o de uma pessoa mais honesta, humilde e confiável. (AGUILERA E SILVA (2015, p.186)

Novamente, estamos diante de uma dualidade no tratamento da variante, que ora é estereotipada como marca de simplicidade e pouco estudo, ora é associada a características de qualidade moral. À semelhança de Leite (2010), também a valorização dessa marca está

associada com o crescimento da cultura sertaneja, e a valorização da figura do peão como alguém de sucesso social e financeiro. Por fim, Oushiro (2015) avalia a percepção de moradores da cidade de São Paulo sobre as variantes tepe e retroflexo em coda silábica. Os resultados encontrados estão em concordância com trabalhos anteriores resenhados: o retroflexo é julgado negativamente em traços que se referem ao *status* do falante (classe social, escolaridade, etc.) ao mesmo tempo em que é avaliado positivamente em características que dizem respeito a dimensões de solidariedade e dinamismo (sinceridade, simplicidade, etc.)

Ainda que trabalhos mais recentes defendam que há um movimento de valorização do /r/ retroflexo, esse som ainda carrega marcas dialetais e sociais bastante consideráveis, pois, mesmo que não seja possível afirmar que os participantes conscientemente reconhecem e avaliam o /r/ retroflexo, é evidente que apresentam opiniões e preconceções bastante definidas. Acreditamos que, à maneira dos informantes de Leite (2010), que realizam o /r/ retroflexo mas não têm percepção dessa “condição” e possuem ideias negativas sobre o som, em nossa amostra, se forem encontrados participantes que apresentam a variante caipira em sua fala, é provável que também não tenham essa consciência. Por fim, apontamos para a importância de estudos sobre atitudes linguísticas envolvendo o uso de /r/ retroflexo no Rio Grande do Sul, que podem trazer contribuições importantes acerca dos estereótipos associados a essa variante.

3.3 Origem

O /r/ retroflexo, embora encontrado de maneira expressiva no PB (BRANDÃO, 2007), não se faz presente em todas as variedades da língua portuguesa. No português falado na Ilha de São Tomé e Príncipe e no português de Moçambique não foram encontrados registros desse som (BRANDÃO, DE PAULA, 2018). Em Portugal, a partir de observações informais, Veloso (2015) aponta para a existência, ainda que tímida, de realizações retroflexas de /r/ na cidade do Porto, no norte do país, concentradas principalmente na fala de pessoas mais jovens e de alta escolaridade. A forte presença do som caipira no PB, em contraste com essas outras variedades do português, levou esse som a ser considerado uma peculiaridade brasileira, e diversas são as explicações possíveis para sua origem no português brasileiro.

“É, muito provavelmente, o mesmo *r* brando dos autóctones. Estes não possuíam o *rr* forte ou vibrante [...]”, é o que afirma Amaral em sua descrição do /r/ caipira. Embora não tenha tomado espaço maior em seu livro para discorrer sobre essa afirmação, relaciona esse som à língua dos nativos da região. Essa posição é defendida por outros autores (SILVA NETO, 1963; MELO, 1971; CARREAO, 2017), que entendem que o /r/ retroflexo é resultado do contato linguístico entre povos indígenas falantes de línguas da família tupi-guarani e colonizadores portugueses. Segundo esses autores, a língua tupi não possuiria, em seu sistema fonológico, sons líquidos (/r/ e /l/). Ao entrarem em contato com o português falado pelos colonizadores, em especial com sua lateral alveolar, e ao tentarem reproduzir essa variante, o movimento de tentar tocar a ponta da língua nos alvéolos teria feito surgir a realização retroflexa.

Essa ideia é bastante criticada por Head (1987), uma vez que o autor aponta para a falta de estudos fonéticos que possam verificar i) qual o som, nas línguas indígenas, pode ter originado a pronúncia retroflexa e ii) de que forma se deu esse processo. Ainda, o autor entende que explicações relativas a processos de mudança na língua devem primeiro, ou também, fazer referência a características e propriedades internas à língua, sob o risco de serem hipóteses rasas ou incompletas. Como contraproposta, então, o autor defende que o /r/ caipira é resultado de um processo interno de variação e mudança que sofrem os fonemas líquidos /l/ e /r/: ambos os fonemas sofrem, em posição de coda, um processo de velarização, em que há uma posteriorização do som e um abaixamento da frequência formântica de F3, resultando em uma semivogal velarizada e um /r/ retroflexo ou guturalizado (a/l/ma > a[w]ma, bo/r/da ~ bo[ɽ]da). A regra geral de alternância aqui seria: “*a lateral não-palatal e a vibrante simples são velarizadas em posição final de sílaba, tanto interna como final de palavra*” (HEAD, 1987, p. 16), como formalizada na Figura 9:

Figura 9 - Formalização da regra de velarização dos sons líquidos

$$\left[\begin{array}{l} +\text{consonal} \\ +\text{vocálico} \\ -\text{nasal} \\ +\text{coronal} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{recuado}] / - - - - - \{ \text{C} \} \#$$

Fonte: Head (1987)

A estreita relação entre /r/ e /l/ foi apontada por diversos autores anteriormente mencionados, que observaram a alternância existente entre esses dois sons no fenômeno de rotacismo (p/l/anta ~ p/r/anta, ca/l/çado ~ ca/r/çado). Esses dados se apresentam como pistas interessantes que reforçam a proposição de Head (também ensaiada por Cohen, 2006) sobre a correlação direta entre a relação de /r/ e /l/ e a variante retroflexa em questão. Contudo, alguns problemas podem ser levantados em relação a essa proposta. O principal deles é não haver ainda indicativos de uma relação perfeitamente simétrica entre as comunidades linguísticas que realizam /r/ retroflexo em coda e as que realizam velarização de [l]; além disso, o PB possui muitos dialetos que apresentam o /r/ caipira nos quais não se identifica rotacismo.

Por fim, retomamos a proposta de Rennie (2015, 2016), apresentada na seção 2.2.2, que insere o /r/ retroflexo dentro de um processo maior de variação dos sons róticos. Nessa proposta, sua origem se dá por resultado de um processo mais abrangente na língua, que posterioriza suas variantes. Essa proposta, embora interessante para dar conta de explicar um possível caminho de variação e mudança pelo qual passam esses sons, não necessariamente endereça a discussão sobre a origem do som retroflexo.

Não temos subsídios para fazer maiores afirmações, e nem é essa nossa pretensão nesta seção, mas entendemos ser importante apresentar a discussão acima estabelecida e, junto a ela, trazemos a seguinte questão, que bastante nos instiga: até que ponto a busca por uma origem deste som pode nos trazer explicações acerca das regras que regem sua estrutura e sua variação? Embora a diacronia e a história da língua nos tragam, sem dúvidas, contribuições importantes, para o tema de nossa pesquisa, a busca por um “marco zero” pareceu responder menos sobre esse som do que as pesquisas sociolinguísticas que analisaram a variação do /r/ retroflexo a partir de questões linguísticas e sociais, e que serão apresentadas no próximo capítulo.

4 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos as bases teóricas e metodológicas que guiaram a realização desta pesquisa. Expomos, em um primeiro momento, os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança e, de forma mais específica, trazemos uma discussão sobre o conceito de comunidade de fala. Além disso, tecemos considerações sobre a presença da variante retroflexa nas diferentes regiões do país, a partir de trabalhos que tratam desse assunto pela perspectiva teórico-metodológica adotada nesta pesquisa.

4.1 A Teoria da Variação e Mudança

A pesquisa aqui desenvolvida está fundamentada nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (LABOV, 1966), caracterizada por oferecer, além de base teórica, aporte metodológico para a análise de fenômenos variáveis dentro de uma comunidade de fala. A principal inovação da Teoria da Variação em comparação às correntes dominantes da época vem de seu entendimento para o conceito de Língua. Os trabalhos linguísticos até então tinham como base os conceitos postulados pelo Estruturalismo de Ferdinand de Saussure ou pelo Gerativismo de Noam Chomsky, que, dentro de suas particularidades, tinham uma visão de língua homogênea que, embora usada por indivíduos, deles era independente e deveria ser estudada como tal.

A dicotomia Saussuriana de *língua* e *fala*, por exemplo, define a primeira como um sistema homogêneo e social que independe de fatores externos a ela, e a segunda, mais marginalizada, como a contraparte individual, concreta e heterogênea da língua. Como consequência dessa divisão, a variação linguística ficava reservada à fala, sendo considerada um estudo não-linguístico, pois, nas palavras de Saussure, “(...) a Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 2006, p. 271)”. Ainda, Chomsky, dentro de sua proposta acerca do conhecimento linguístico do falante, apresenta os conceitos de *competência* e *desempenho*, sendo o primeiro entendido como o conhecimento mental e inato que os falantes possuem sobre a língua, adquiridas a partir de estímulos sobre a Gramática Universal; o segundo, por sua vez, refere-se ao uso da efetivo da língua, esse portanto sujeito a falhas. Para o autor, à linguística compete os estudos sobre a competência, pois é a partir dela que é possível depreender as regras que regem o funcionamento das línguas. O trabalho de Weinreich, Labov, Herzog (1968) vai de encontro

essas visões e configura-se como uma marco nos estudos linguísticos, pois apresenta uma nova abordagem para o entendimento de língua, na medida em que i) defendem que a língua possui uma heterogeneidade ordenada e ii) as mudanças linguísticas não podem ser desvinculadas de questões sociais.

A Sociolinguística Variacionista, também chamada de Teoria da Variação e Mudança, em contrapartida às ideias Saussurianas e Chomskianas, defende a estreita relação entre língua e sociedade. Essa corrente entende que a língua se configura como um sistema social, heterogêneo e ordenado. Social pois as estruturas linguísticas que baseiam a comunicação estão sujeitas à influência de fatores sociais, históricos e ideológicos decorrente dos indivíduos que dela fazem uso e também do contexto que estão inseridas, e essas influências devem ser estudadas como parte da língua. Heterogêneo pois a língua, a partir do uso de seus falantes, é sistema social e vivo, e a variação resultante desse uso, portanto, configura-se como uma propriedade regular do sistema. Consequência desse pensamento é o entendimento de que formas de valor linguístico semelhantes podem co-ocorrer. E, por fim, a língua é ordenada pois essa heterogeneidade não é caótica. Se a variação é inerente ao sistema e esse sistema é regido por regras, consequentemente essa variação também deve ser. Além disso, é possível perceber que essa variabilidade é regida por regras, pois os estudos linguísticos mostram que os falantes são capazes de utilizar variantes em situações bastante definidas e de entender essas diferentes formas linguísticas dentro de seus contextos e com seus sentidos, o que significa compreender que essas regras, além de existirem, estão disponíveis (ainda que inconscientemente) aos indivíduos da comunidade.

Ainda cabe mencionar que a Sociolinguística vai de encontro à ideia estruturalista de que os processos de mudança que ocorrem na língua não são considerados como parte da gramática e *“só podem ser estudadas fora do sistema”* (Saussure, 2006, p. 102), de forma que o estudo do funcionamento da língua (sincronia) estaria desassociado diretamente do estudo de sua evolução (diacronia). Para os sociolinguistas, mudança pressupõe, em algum momento, variação (embora o contrário não seja obrigatoriamente verdadeiro). E essa mudança, sendo também inerente ao sistema, pode ser observada dentro de uma comunidade. Dessa forma, a Sociolinguística define como seu objetivo de estudo a estrutura e a evolução da linguagem dentro do contexto social da comunidade de fala (COELHO et. al., 2010). A variação, como parte do sistema, também passa a configurar como objeto de estudo. Como afirma Maria Cecilia Mollica:

cabe à Sociolinguística investigar o grau de estabilidade ou de mutabilidade da variação, diagnosticar as variáveis que têm efeito positivo ou negativo sobre a emergência dos usos linguísticos alternativos e prever seu comportamento regular e sistemático (MOLLICA, 2008, p. 11).

Labov (1972) entende que o Estudo da Variação deve prestar-se a explicar a regra variável que rege duas variantes (formas alternantes de mesmo significado que podem ocorrer em um mesmo contexto). Esse estudo deve buscar medir quais fatores linguísticos e sociais atuam nessa variação e quais os pesos estatísticos de cada um deles. Ainda, o estudo da variação pode dar respostas sobre o cenário e o caminho de um fenômeno variável. A partir da análise sociolinguística, pode-se inferir se essa variação configura-se como uma variação estável, na medida em que o seu uso é uniforme em todas as faixas etárias e classes sociais, ou ainda, se apresenta-se como mudança em progresso, uma vez que a variante inovadora está presente de forma mais significativa na fala de pessoas mais jovens, normalmente os agentes das mudanças. Ainda, o autor afirma que a observação da mudança linguística pode ser realizada de duas formas: pela análise de tempo aparente, em que a população é analisada em um momento de tempo específico, a partir de diferentes faixas etárias; ou pela análise de tempo real, em que os padrões linguísticos de uma população são confrontados em dois períodos distintos de tempo.

Além de base teórica, os estudos variacionistas apresentam uma metodologia para análise de fenômenos variáveis bastante definida e robusta, que tem como principais expoentes os trabalhos de Labov (1972) na ilha de Martha's Vineyard e nas lojas de departamento em Nova York, que mostram, de forma muito clara, a importância do componente social na variação linguística. No primeiro estudo, o autor confrontou o fenômeno linguístico de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard com seus significados sociais. Essa ilha caracteriza-se por apresentar, por um lado, uma cultura bastante enraizada nas tradições nativas, e por outro lado, uma forte presença de turistas, que exercem influência na economia e na cultura da região. Frente a esse cenário, e com base nas análises estatísticas, o autor mostrou que a variação nos ditongos está diretamente relacionada à atitude do falante frente às mudanças sociais e econômicas da ilha: os moradores que buscavam se enquadrar nesse processo de integração cultural e econômica com turistas tinham tendência a não centralização da vogal; já os moradores que se

identificavam com as tradições da ilha, rejeitando a presença de veranistas sustentavam a centralização da vogal (marca típica do falar vineyardense), como uma forma de reforçar a identidade. Labov (2008) concluiu que:

“Fica evidente que o significado imediato desse traço fonético é "vineyardense". Quando um homem diz [rmt] ou [huus], está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence.” (p. 57)

Em estudo posterior, a realização de (-r) em coda silábica na cidade de Nova York também foi objeto de estudo do autor. A partir de observações anônimas, Labov buscou identificar de que forma a realização ou o apagamento dessa variável estava relacionada a questões sociais. Metodologicamente, o autor entrevistou trabalhadores de três lojas de departamentos da cidade, estratificando-os, conforme o perfil socioeconômico de cada uma dessas lojas: status inferior (S. Klein), status médio (Macy's) e status superior (Saks Fifth Avenue). Os vendedores, sem saberem que estavam sendo analisados, eram questionados sobre informações que os induziam a responder *fourth* (quarto) e *floor* (pisos). A principal conclusão a que o autor chega é de que a pronúncia variável de (-r) em Nova York está correlacionada ao prestígio social: maior era a frequência de realização de (-r) na fala do vendedor quanto maior fosse o status de prestígio da loja em que os dados foram coletados. Como conclusão, pôde-se inferir que a realização do (-r) está correlacionada ao prestígio da loja e carrega forte significado social na cidade.

As pesquisas de William Labov comprovam que o componente social deve ser considerado em processos variáveis. Nesse aporte metodológico, cabe então ao pesquisador coletar um conjunto de dados que, além de robusto, seja representativo da comunidade alvo do estudo. A partir da definição do fenômeno variável a ser estudado (variável dependente) e das variáveis linguísticas e sociais que podem estar correlacionadas com a variação (variáveis independentes) e com base em análises quantitativas e probabilísticas, é possível caracterizar o estado atual da variação de duas formas linguísticas em competição dentro da comunidade e identificar os fatores linguísticos ou sociais que podem estar atuando em maior ou menor grau para a escolha de uma ou outra variante. Essa análise de possíveis condicionadores de um processo de variação linguística possibilita, posteriormente, que essa variável e suas variantes possam ser encaixadas dentro do sistema linguístico no que diz respeito à sua avaliação pelos falantes e ao seu status enquanto variação estável ou mudança em progresso.

A realização de /r/ em coda, embora possa ser tratada a partir de diferentes abordagens linguísticas, é um fenômeno que apresenta forte vinculação com fatores sociais, como mostram os trabalhos que serão apresentados na seção 4.3 (Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro). Isto posto, tomamos como base os pressupostos teóricos e os procedimentos metodológicos estabelecidos pela Sociolinguística para a realização deste estudo, pois entendemos que a realização de /r/ retroflexo em coda na comunidade alvo também se caracteriza como um fenômeno variável, que está relacionado tanto a fatores linguísticos quanto a fatores extralinguísticos.

4.2 Comunidade de fala

O conceito de comunidade de fala, já referenciado na seção anterior, é central para os estudos variacionistas pois, se o objeto de estudo da Sociolinguística é a língua em uso no contexto de uma comunidade de fala, fica claro que essa não pode ser desvinculada ou desconsiderada do processo de variação. Dedicamos, então, uma seção para apresentar e discutir essa noção dentro da teoria que serve de base para nosso estudo e, ainda, para situá-la dentro de nossa pesquisa, apresentando os locais que foram escolhidos para a recolha dos dados.

Em sua ponderação acerca da comunidade de fala, Labov (1972) afirma que:

a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (LABOV, 1972, p. 150).

Para o autor, uma comunidade de fala não é caracterizada por indivíduos que utilizam as mesmas formas linguísticas. A uniformidade de fala reside em dois aspectos: i) um, de caráter subconsciente, que faz referência ao compartilhamento das normas linguísticas utilizadas pelas indivíduos; ii) outro, de nível mais consciente em relação ao primeiro, que trata da uniformidade das atitudes avaliativas frente a determinadas variantes. O primeiro aspecto está alinhado com a ideia de heterogeneidade ordenada da língua para Labov pois,

embora tenhamos comportamentos individuais diversos, é possível, a partir do estudo da comunidade, depreender a variação e as regras que regem as formas linguísticas.

No que diz respeito ao segundo aspecto, a consciência e avaliação em relação a algumas variantes linguísticas está fortemente associada a estereótipos, que são formas socialmente marcadas e reconhecidas pelos falantes. Isso não impede, porém, que sobre formas menos marcadas atuem atitudes positivas ou negativas, embora essas sejam em um menor nível de consciência para os falantes. Sobre esses julgamentos inconscientes, Labov afirma:

Essas atitudes não emergem de forma sistemática se a pessoa for questionada diretamente sobre os dialetos; mas se ela fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações (LABOV, 1972, p. 176).

O autor faz referência, no trecho acima, à técnica dos falsos pares (do inglês, *matched guises*), desenvolvida por Lambert (1967) e utilizada em muitos dos trabalhos de atitudes linguísticas sobre o /r/ retroflexo, apresentados na seção 3.2.

Nossa pesquisa toma como conceito de comunidade de fala a definição apresentada anteriormente por Labov (1972). Contudo, como bem observa Oushiro (2015), “ [...] a constatação de uma comunidade de fala é resultado da pesquisa e não seu ponto de partida ”, ou seja, só poderemos realmente definir se a população que tomamos como alvo do estudo se configura como uma comunidade de fala se os resultados encontrados indicarem aproximação com os conceitos acima expostos. Apesar disso, com a parcimônia de que em nosso caso o uso do termo exige maior discussão e aprofundamento, manteremos a expressão *comunidade de fala* para referenciar o conjunto de cidades que serviu como base para a coleta desta pesquisa. Ainda cabe ressaltar que nosso escopo de estudo se volta para o primeiro aspecto, com o objetivo de buscar normas compartilhadas de uma comunidade frente a variação.

4.3 Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro.

“Este [o dialeto caipira] acha-se condenado a desaparecer em prazo mais ou menos breve” é o prognóstico que faz Amaral (1920) no início de seu trabalho. Tal previsão toma como base a característica rural e estigmatizada do dialeto, que tenderia a desaparecer frente ao desenvolvimento social e econômico das grandes cidades e à assimilação dessa cultura pelas cidades interioranas. Contudo, especificamente no que diz respeito ao /r/ retroflexo, o cenário que apresentam os estudos sociolinguísticos vai de encontro ao projetado pelo autor, principalmente se considerarmos o trabalho de Brandão (2007), que, a partir de um extenso levantamento de literatura sobre o tema, chegou ao total de 14 estados brasileiros que apresentavam, em maior ou menor porcentagem, a presença do /r/ caipira, conforme a figura 10a seguir¹⁰.

Figura 10 - Presença de /r/ retroflexo nos estados brasileiros



Fonte: BRANDÃO (2007, p. 16)

Muitos são os estudos de cunho sociolinguístico variacionista sobre a distribuição dos róticos no PB. Nesta seção, damos destaque para alguns, que trazem considerações importantes sobre a presença do retroflexo em diferentes comunidades linguísticas.

Skeete (1997) analisa a vibrante pós-vocálica em coda interna na cidade de João Pessoa (PB). Caracterizada pela forte presença das variantes posteriores [h] e [x], o /r/

¹⁰Os atlas linguísticos revisados pela autora parecem indicar que os pontos de ocorrência dessa variante estão, em sua maioria, na rota dos territórios conquistados e ocupados pelos bandeirantes nos séculos XVII e XVIII. (AGUILERA & SILVA, 2011)

retroflexo fica restrito a apenas 4% dos dados. Junto com o tepe e a vocalização, a presença de sons de traço [+anterior] (em comparação a variantes velares e glotais) é mais frequente na fala de homens, pessoas analfabetas e pessoas mais velhas. Sobre essas variantes, afirma a autora:

[...] as variantes de R1[no trabalho, as variantes anteriores] estão associadas aos falares interioranos do homem do campo e, por isso, são consideradas conservadoras e sem nenhum prestígio. Uma delas, a retroflexa, a qual possui o maior número de casos sociais depois das fricativas e do 0 fonético, foi apontado por Oliveira (1983) como estigmatizada porque dotada de conotação rural. (p. 86)

No que diz respeito ao estado do Rio de Janeiro, mais especificamente à capital, o /r/ retroflexo é pouco expressivo (CALLOU, MORAES, E LEITE, 1996). Em contrapartida, resultados provenientes da análise de dados de 13 comunidades fluminenses revelaram a presença expressiva de sons anteriores (43% segundo Brandão, 2009). Embora não faça maiores considerações sobre questões linguísticas adjacentes, o estudo reforça a relação entre essas variantes e comunidades rurais, em contraste com sons velares e glotais da capital, à semelhança do estudo sobre João Pessoa, acima citado.

Na região sudeste, principalmente nos estados de São Paulo e Minas Gerais, a presença do retroflexo se apresenta de forma expressiva. Tradicionalmente, aponta-se o tepe como variante “paulistana” do /r/ em coda silábica, em contraste com a realização aproximante retroflexa dos paulistas do interior [ɻ] (SILVA, 2003). Essa distribuição é, de certa forma, confirmada por trabalhos como o de Guiotti (2001), Leite (2010), Oushiro e Mendes (2013) e Oushiro (2015).

Guiotti (2001) encontrou 71% de realização do rótico retroflexo em São José do Rio Preto, localizada no interior do estado. Essa alta porcentagem atesta a vitalidade da variante na cidade. A autora afirma que, linguisticamente, o som retroflexo é favorecido após vogais posteriores, no final de vocábulos, especialmente antes de pausas e, interessantemente, mesmo quando a fala se torna mais monitorada, a variante retroflexa continua a existir e em percentagens muito mais elevadas do que os outros róticos. Leite (2010) analisou o /r/ retroflexo na cidade de Campinas (SP). Os achados da autora corroboram com os resultados de Guiotti (2001), pois ao analisar o /r/ retroflexo na fala campinense, encontrou também uma alta taxa de realização (90,6%), ainda que, como já referenciado, chame atenção os falantes não reconhecerem em si a pronúncia retroflexa.

Embora não seja a variante que predomina na capital São Paulo, o rótico caipira apresenta frequência considerável. Oushiro e Mendes (2013) tratam da distribuição da variante retroflexa, com foco na relação que o som estabelece com a identidade social dos paulistanos. Ao analisarem uma amostra composta por dados retirados de 102 entrevistas sociolinguísticas, os autores encontraram uma porcentagem de 33,2% de aplicação da variante retroflexa. Embora os pesos relativos não fossem significativos a ponto de se fazerem maiores afirmações, o retroflexo foi mais frequentemente encontrado quando precedido por vogais [-altas], sucedido por consoantes [coronal], em sílabas tônicas, em posição final de palavra e em verbos e advérbios.

No que concerne aos fatores sociais, os resultados trazem indicações mais fortes sobre o lugar que o retroflexo possui nessa comunidade de fala. A variante foi encontrada mais frequentemente na fala pessoas do sexo masculino, de moradores de bairros mais periféricos e de menor mobilidade social. Tal resultado parece refletir uma tendência de que falantes com maiores condições econômicas e de rede social mais abrangente tendem a evitar o uso do retroflexo. De forma contrária ao que se esperaria, o retroflexo é menos presente na fala de moradores mais enraizados em São Paulo, sendo mais presente na fala de filhos de migrantes nortistas e nordestinos, o que parece indicar uma tentativa de adaptação do sotaque de origem àquele entendido como padrão da comunidade.

Os autores, por fim, afirmam que seus dados parecem apontar para uma mudança em favor do retroflexo. Contudo, tal constatação vai ao encontro de trabalhos realizados anteriormente, visto que, em Mendes (2010), a baixa realização de retroflexo (12%), somada ao fato de que falantes de faixas etárias mais avançadas estariam favorecendo o /r/, aponta para uma mudança em favor do tepe, enquanto que em Mendes e Oushiro (2011), os resultados dos 31% de retroflexão apontam para uma variação estável entre as duas variantes. Oushiro (2015), a partir de um *corpus* maior, contudo, reafirma os achados do trabalho de 2013, que apontam para a vitalidade do som.

Lavras (MG) é a comunidade estudada por Aguilera e Silva (2011), que buscam identificar a atual situação do /r/ retroflexo no sul do estado mineiro. Ao analisarem 32 cartas do questionário fonético fonológico do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) na fala de 4 informantes, encontraram um estado de variação entre a fricativa glotal e o retroflexo, com uma porcentagem de 54% e 46%, respectivamente. As variáveis linguísticas não se correlacionaram com a recorrência do /r/, mas cabe mencionar que, à semelhança de outros trabalhos, a variante ocorreu mais frequentemente na coda interna. As variáveis sociais, por

outro lado, mostram importante papel: os homens são mais suscetíveis à utilização da variante retroflexa, seguidos dos jovens. Para além disso, os autores identificaram uma atitude negativa frente à pronúncia retroflexa por uma das informantes, embora seja essa a pronúncia predominante em sua fala. O indicativo de que essa atitude negativa possa ser indício de desaparecimento da variante é confrontado em trabalho posterior (AGUILERA e SILVA, 2015), que refuta essa impressão:

Podemos asseverar, mediante estudo em tempo aparente, que variante tende a ser mantida entre falantes do Triângulo Mineiro, pois foi registrada na fala de todos os informantes, independentemente da idade, com incidência maior entre os jovens que são, por excelência, os propulsores de mudanças linguísticas (p. 189).

Também com foco em localidades do estado de Minas Gerais, mais especificamente Uberlândia, Patos de Minas e Varginha, sendo as duas primeiras situadas no Triângulo Mineiro, Antunes e Lourdes (2016) tecem considerações no que concerne a presença da variante retroflexa nesses locais. Ao analisarem dois informantes de cada cidade, encontraram, para Varginha e Uberlândia, majoritária realização de /r/ retroflexo, enquanto que em Pato de Minas o retroflexo não apareceu nos dados obtidos. Nas análises de fatores condicionantes para a realização do rótico retroflexo, constatou-se que essa variante não sofre influência de contextos fonéticos ou de fatores sociais mas, pelo contrário, ocorre em todas essas situações dependendo apenas da cidade do informante. Com isso, os autores concluem que

[...] o uso do retroflexo está ligado a uma variação de cunho diatópico, ou seja, é o fato de pertencer a uma localidade que influencia o aparecimento da variante retroflexa de produção do fonema /R/ em coda silábica. (p. 223)

Entre as capitais da Região Sul, apenas em Curitiba o retroflexo mostra porcentagens expressivas. Em trabalho que analisa a vibrante nas capitais do Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), Monaretto (1997) encontrou, para posição de coda, 21% de /r/ retroflexo para Curitiba, em contraste com Porto Alegre e Florianópolis, que apresentaram 5% e 1%, respectivamente. Embora a autora não tenha analisado especificamente essa variante, destacamos algumas informações importantes referentes a contextos em que o retroflexo apareceu de forma mais frequente: depois de vogais dorsais, antes de consoante não homorgânica, em sílabas tônicas e nas falas de homens e pessoas mais jovens.

No estado do Paraná, já referido anteriormente como localidade de forte presença do retroflexo, Koch et al. (2002), a partir do Atlas Linguístico Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), observam que em apenas 6 das 100 localidades em que foram realizados inquéritos o som retroflexo não foi verificado. No Esboço de um Atlas Linguístico de Londrina, Aguilera (1987, apud BRANDÃO, 2007) verifica que a retroflexa é uma variante presente naquele município, uma vez que foi detectada em todos os doze pontos de inquérito, sempre antes das oclusivas /p/, /b/, /t/, /k/, /g/ e das fricativas /s/ e /z/.

No estado de Santa Catarina, embora não seja encontrado na capital, o /r/ retroflexo está presente nas cidades de Chapecó (29%), Lages (13%) e Blumenau (8%), de acordo com Monguilhott (1998). A autora, objetivando investigar quais variantes predominavam entre os falantes das diferentes etnias das cidades catarinenses que fazem parte do Banco de Dados VARSUL, chegou à conclusão de que a variação de /r/ em coda era atribuída à etnia característica de cada uma das cidades. Sobre Chapecó, cidade que apresentou maior porcentagem de retroflexão, a autora afirma que a cidade foi majoritariamente colonizada por gaúchos, principalmente das antigas colônias italianas. Essa influência italiana pode ser vista nos dados, pelo alto percentual de tepes (70%). Ainda, Koch et. al (2002) afirmam que a área de maior concentração de retroflexo nesse estado está em cidades perto da divisa com o Paraná.

Por fim, no que diz respeito ao estado do Rio Grande do Sul, diferentes trabalhos (MONARETTO, 1997; BRESCANCINI, MONARETTO, 2008; KOCH ET. AL., 2002) são unânimes em afirmar que essa variante não está presente de forma expressiva no estado. Porém, aventamos, neste trabalho, a possibilidade de esse cenário estar se modificando. Em pesquisa anterior (RICARDO, 2019), realizamos dois estudos de caso sobre a produção de /r/ retroflexo na RMPA. Nos interessava descrever, junto a dois informantes, que se caracterizavam por realizar a variante caipira em coda, os contextos linguísticos em que esse som aparecia com maior frequência. Para os dois informantes, tivemos porcentagens de retroflexão bastante distintas (48,9% e 29,1%) e, contudo, contextos semelhantes de realização: a coda medial, a sílaba tônica, a vogal baixa em contexto precedente e o /r/ sendo sucedido por consoantes alveolares.

Mais recentemente, Santos, Rockenbach e Gutierrez (2020), ao analisarem a realização variável de /r/ em coda na fala de 21 informantes da cidade de Passo Fundo (RS), encontraram 39,7% de realização da variante retroflexa, porcentagem considerada bastante alta, se considerarmos resultados anteriores obtidos em comunidades do Rio Grande do Sul. Embora

preliminares, os resultados apresentados indicam uma maior tendência de realização da variante retroflexa na fala de pessoas mais jovens, indicando um movimento de mudança em progresso na comunidade em questão.

Os trabalhos acima trazem algumas considerações importantes. É curioso notar que parece haver uma tendência para a pouca presença do rótico retroflexo nas capitais e, em contrapartida, uma maior presença em municípios interioranos ou circundantes a capitais. Também os estudos de Leite (2004, 2010), e Aguilera e Silva (2011), Oushiro e Mendes (2013) e Oushiro (2015) mostram que a predominância do retroflexo não se faz de forma total, mas está fortemente condicionada a questões de cunho social, como a cidade ou região do falante e seu perfil socioeconômico. Ainda, no que diz respeito a questões linguísticas, não há total concordância dos estudos frente aos fatores condicionantes da realização de /r/ retroflexo em coda, pois há divergências, por exemplo, entre qual posição de coda, se medial ou final, estaria favorecendo essa variante. Contudo, podemos ver pontos de convergência, como por exemplo, a maior presença em sílabas tônicas. Todos esses trabalhos trazem, ao fim, considerações importantes, que guiaram não só a condução metodológica deste trabalho, mas também a interpretação dos resultados encontrados.

Não foram encontrados trabalhos que analisassem a variação de /r/ em coda na Região Metropolitana de Porto Alegre, que servissem como base para posterior comparação dos resultados. De mesmo modo, não havia dados de fala que pudessem servir como material de análise para esta pesquisa. Dado que nosso interesse nessa comunidade de fala surge de percepções mais recentes sobre o seu comportamento fonético, almejávamos a análise de dados atuais, com o intuito de buscar apresentar um panorama vigente para a variação do /r/ em coda e, especialmente, para a realização de /r/ retroflexo. Em vista disso, procedemos com a realização de entrevistas sociolinguísticas para a composição de um corpus de fala da RMPA, que será detalhado no capítulo seguinte.

5 METODOLOGIA

Neste capítulo apresentamos com maior detalhamento a amostra constituída para esta pesquisa¹¹, com informações acerca da comunidade de fala da qual os dados foram extraídos e dos procedimentos adotados para a coleta. Para além disso, apresentamos os procedimentos utilizados para a manipulação dos dados e as variáveis linguísticas e sociais que serão consideradas na análise.

5.1 A comunidade analisada

A comunidade alvo desta pesquisa é a Região Metropolitana de Porto Alegre. Composta por 34 municípios, se configura com a quinta maior região metropolitana do Brasil¹², com 4,4 milhões de habitantes (38,2% da população total do Estado do Rio Grande do Sul) e compreendendo uma área de 10.345,45 Km². A integração de um município a uma região metropolitana deve seguir aos critérios definidores de uma aglomeração metropolitana:

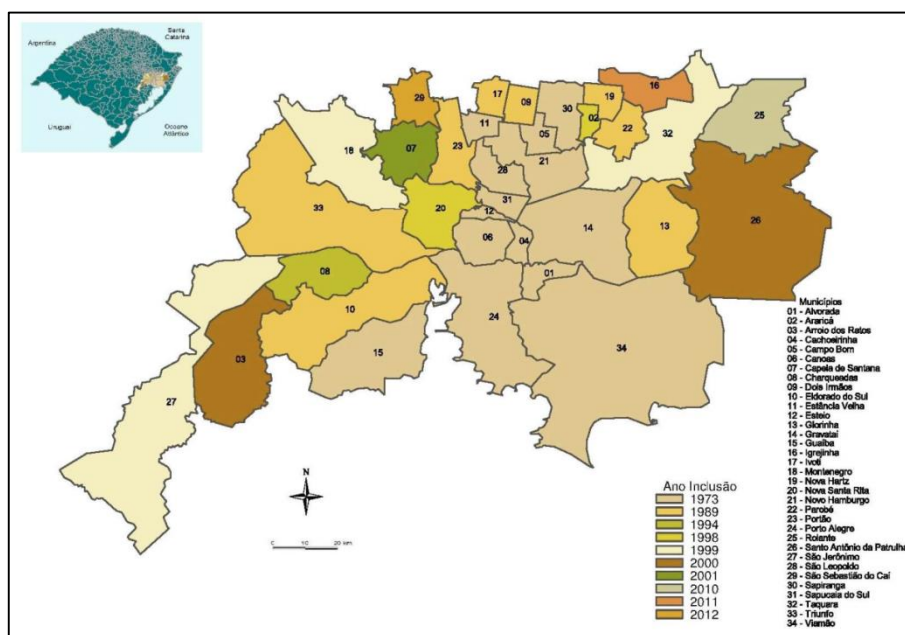
“Mancha de ocupação contínua ou descontínua diretamente polarizada por uma metrópole onde se realizam as maiores intensidades de fluxos e as maiores densidades de população e atividades, envolvendo municípios com alto grau de integração.” (RIBEIRO, 2004, p.18)

Com base nesses critérios que, em 1974, a RMPA foi criada, visando a realização de serviços públicos de interesse comum para 14 cidades que formavam um mesmo conglomerado populacional e econômico. Eram elas: Alvorada, Cachoeirinha, Campo Bom, Canoas, Estância Velha, Esteio, Gravataí, Guaíba, Novo Hamburgo, Porto Alegre, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Viamão. As outras 20 cidades foram integradas entre 1989 e 2012 (como ilustra a figura 11), embora algumas não sigam mais os mesmos critérios expostos acima.

¹¹Pesquisa aprovada pelo CEP sob o CAAE: 31538620.0.0000.5336.

¹² Agência - Detalhe de Mídia. agenciadenoticias.ibge.gov.br. Consultado em 1 de julho de 2020.

Figura 11 - Configuração territorial da RMPA (2012)



Fonte: Martins (2013)

Com sede na capital Porto Alegre, a RMPA é marcada por uma grande mobilidade populacional decorrente da integração de serviços e empregos (principalmente indústrias), o que faz, muitas vezes, com que os habitantes residam em um município, mas realizem atividades de trabalho em outro. Essa integração entre municípios é facilitada por transportes públicos como o Trem Urbano, ônibus intermunicipais e rodovias que ligam diversas cidades e regiões. Entretanto, essa grande conurbação não impede que diferenças sociais e econômicas entre municípios sejam abrandadas. De acordo com o Idese de 2009 (Índice de Desenvolvimento Socioeconômico), apenas 5 municípios ficaram apresentaram índice superior a 0,8, sendo considerados municípios com bons indicadores sociais e econômicos.

A escolha do objeto de estudo e da comunidade alvo nasce de uma observação de oitiva informal acerca de um aumento da pronúncia do som retroflexo nos espaços frequentados pela pesquisadora, que transita entre municípios da RMPA por meios públicos, com certa frequência. Acreditamos que as cidades que compõem essa Região possuem aspectos linguísticos que as diferenciam da capital, nesse caso específico, a presença mais expressiva da variante retroflexa de /r/.

Todavia, um repositório de material de fala que represente a população (ou parte dela) aqui descrita ainda não havia sido criado. A partir dessa lacuna encontrada e do interesse de olhar para esse local específico, nos propomos a constituir um corpus de dados de fala da

Região Metropolitana de Porto Alegre. Evidentemente, em vista da impossibilidade de se coletarem dados dos 34 municípios que compõem a RMPA, optamos, para esse primeiro momento, por tratarmos das cinco cidades que, além de serem parte da primeira formação, são as cinco cidades da RMPA com maior população (para além da capital), segundo o Censo feito em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹³: Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul¹⁴ e São Leopoldo. Abaixo, apresentamos uma breve descrição de cada um dos municípios, trazendo informações acerca de sua formação e organização socioeconômica:

5.1.1 Viamão

Viamão, distante 15 km da capital, é o quarto município mais populoso da Região Metropolitana de Porto Alegre, com aproximadamente 250 mil habitantes, e o maior município em extensão territorial, com uma área de 1.496 km². A cidade possui grande importância histórica para o Rio Grande do Sul. Do ponto de vista econômico, foi sede das primeiras estâncias de criação de gado, sendo também um dos primeiros núcleos de povoamento do estado, com população formada, majoritariamente, por paulistas, escravos, portugueses e lagunenses — esses últimos pois a cidade era rota entre Laguna e Colônia do Sacramento para criadores de gado, que acabaram por se estabelecer na região. A região também apresenta grande importância política, pois a cidade foi sede do governo da capitania, de 1763 a 1773, quando a capital foi transferida para a cidade de Porto Alegre. Atualmente, a cidade tem sua maior atividade econômica pautada na agropecuária e em serviços, apresentando um Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (IDESE) de 0,729 (MARTINS, 2013), sendo o pior entre as 5 cidades aqui analisadas.

5.1.2 Canoas

Assim como Viamão, Canoas, distante 20 km de Porto Alegre, foi inicialmente uma cidade colonizada por tropeiros lagunistas. Contudo, para além disso, a população canoense é

¹³<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/panorama>

¹⁴ Na primeira versão do projeto, Novo Hamburgo estava presente no lugar de Sapucaia do Sul, por aquela ser a 5ª cidade mais populosa enquanto essa aparece na sétima posição. Contudo, dificuldades no contato com participantes levaram à necessidade da troca. Entendemos que essa mudança em nada prejudica a análise que será posteriormente feita.

formada por descendentes de açorianos e, em menor grau, por italianos, ucranianos, palestinos e alemães, que vieram a Porto Alegre no século XX. A Cidade, com extensão 131.097 km², caracteriza-se por ser majoritariamente urbanizada, com apenas 0,2% de sua população em área rural. É também a quarta cidade com maior população do estado e umas das cidades com maior densidade demográfica.¹⁵ O município destaca-se ainda no setor de econômico, uma vez que possui o quarto maior Produto Interno Bruto (PIB) do estado. Sua maior fonte de renda provém da indústria, embora destaca-se também o comércio. Assim, Canoas atrai pessoas de outras localidades devido ao seu forte centro comercial, às muitas indústrias e por ser um expressivo polo universitário.

5.1.3 Gravataí

Fundado em 1773 e ocupado por açorianos fugidos da Guerra dos Sete Povos, o município de Gravataí se destaca atualmente, na Região Metropolitana de Porto Alegre pela forte presença do setor industrial. A cidade é, dessa forma, considerada um polo da indústria metal-mecânica brasileira, tendo o 79º maior PIB de todo o Brasil. A cidade localiza-se a 30 km da capital e possui uma área de 463,758 km², com 255.762 habitantes, sendo classificada como o sexto município mais populoso do estado e o terceiro da RMPA, ainda que, das cidades analisadas, tenha a menor taxa de urbanização junto com Viamão. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) de Gravataí é considerado elevado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, sendo o 180º maior de todo estado do Rio Grande do Sul (dentre 496 municípios).

5.1.4 Sapucaia do Sul

O município de Sapucaia do Sul (distante 32 km da capital), assim como os outros acima apresentados, também tem a forte presença portuguesa em sua história, sendo fundada em 1737 pelo bandeirante Antônio de Souza Fernando. A cidade, que conta com uma população média de 140 mil habitantes distribuídos em 58,247km² de área, é considerada uma cidade dormitório, nome dado a cidades em que a maioria dos habitantes trabalham ou estudam em municípios próximos. O IDESE, indica que a cidade, na RMPA, está em uma

¹⁵ Dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/canoas/panorama>

posição média, tendo, das 5 cidades analisadas, o segundo pior índice. Ainda assim, a indústria ocupa lugar de destaque (com representantes tais como Gerda, Pepsi-Cola) sendo a principal fonte de renda da cidade.

5.1.5 São Leopoldo

Diferentemente dos outros municípios aqui descritos, a cidade de São Leopoldo, que está a 36 km de distância de Porto Alegre, é considerada o berço da colonização alemã no Brasil, por ter sido a primeira cidade fundada por esses imigrantes, em 1824. O município hoje possui um dos melhores PIB do estado, destacando-se pelo parque industrial (como nomes com Stihl, SAP e Taurus) e pelo setor comercial e de serviços. Dentro da RMPA, São Leopoldo também faz parte da Região do Vale do Sinos. Embora haja diferentes definições político-administrativas para a extensão exata e os municípios que compõem essa região, constitui-se como um conjunto de cidades de majoritária colonização alemã, tendo como centro econômico a cidade de Novo Hamburgo, o que conseqüentemente diminui sua dependência com a capital Porto Alegre. De acordo pela Fundação de Economia e Estatística (FEE), o município está em 14º lugar no ranking de desenvolvimento educacional no Brasil e está entre as 50 melhores cidades para se viver em todo território nacional.

5.2 Constituição da amostra

Para a realização desta pesquisa, organizamos um corpus de dados do português falado em cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre, a partir de 45 entrevistas sociolinguísticas, com duração entre 50 min e 1 hora, no período de 22/06/2020 a 02/11/2021. Os informantes foram selecionados a partir dos seguintes critérios:

- a) ter nascido na cidade ou ter morado 2/3 da sua vida na cidade;
- b) não ter morado fora do Rio Grande do Sul no período de aquisição da língua;
- c) estar morando atualmente na cidade.

A organização dessa amostra toma como base a estratificação utilizada no Projeto VARSUL com algumas adaptações, mas que ainda possibilitam que esses dados possam ser

incorporados ao banco de dados. Os informantes foram classificados por gênero, idade, escolaridade e localidade, de acordo com as seguintes informações:¹⁶

- a) gênero: masculino e feminino;¹⁷
- b) idade: 20 a 39 anos, 40 a 54 anos e 55 anos ou mais;
- c) escolaridade: ensino fundamental (com indicação de anos cursados); ensino médio (com indicação de anos cursados) e educação superior (completa ou incompleta e com indicações de cursos de pós-graduação);
- d) localidade: Viamão, Canoas, Gravataí, Sapucaia do Sul e São Leopoldo.

Para fins de cálculo do tamanho da amostra, foram levadas em consideração apenas as categorias de Cidade (5) e Faixa etária (3), totalizando 15 células sociais. Consideramos 3 participantes por células, contamos ao total com uma amostra de 45 informantes. As informações sobre gênero e escolaridade foram controladas levando em conta a amostra completa, sem diferenciação de cidade. Priorizamos a faixa etária como controladora da amostra pois entendemos que, se há um movimento na comunidade de aumento da realização do retroflexo em variação ao tepe, esse movimento só pode ser indicado pela comparação entre faixas etárias, ficando as outras categorias reservadas a análises complementares.

5.3 Entrevistas

Os participantes foram contatados a partir do método de indicação, em que cada participante contatado indicou uma pessoa. A pessoa indicada não participou da pesquisa, mas apontou uma terceira, que foi convidada para ser sujeito da pesquisa. Optamos por essa dinâmica para propiciar uma maior variedade e aleatoriedade de pessoas e para evitar que todos fizessem parte de uma mesma rede de relações. Como método de contato complementar, foram feitas postagens de divulgação em redes sociais. Na ocasião da

¹⁶A amostra base do Projeto VARSUL, projetada ainda no final dos anos 1980, usou como critérios de estratificação as variáveis sexo (masculino e feminino), idade (menos de 50 e mais de 50 anos), escolaridade (primário, ginásio e secundário) e localidade. No presente projeto atualizamos essas variáveis levando em conta novas perspectivas na compreensão sobre gênero, a nova organização do sistema de educação brasileiro, bem como as ferramentas estatísticas, que permitem hoje se analisarem variáveis como idade, por exemplo, numa dimensão contínua. Nada impede, contudo, de se promover um pareamento a posteriori entre essas propostas de estratificação.

¹⁷ Entendemos que, na sociedade, as identidades e expressões de gênero extrapolam a rotulação binária *masculino vs. feminino* e que as pesquisas, na medida em que tomam a sociedade como objetivo de estudo, devem ter o cuidado de levar em consideração tais questões. Dessa forma, na ficha social preenchida pelo informante (Anexo 8.2), a informação de gênero foi colocada como campo aberto para preenchimento. Contudo, para fins de análise, optamos por trabalhar com a divisão binária (masculino e feminino), cientes da limitação que tal divisão nos impõe.

entrevista, antes do início da gravação, todos os informantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo 8.1), informando que conheciam os objetivos da pesquisa e que estavam cientes de que participariam de uma entrevista que tem como objetivo estudar o falar de residentes da Região Metropolitana de Porto Alegre. Além desse termo, os participantes preencheram a Ficha de Entrevista (Anexo 8.2), que foi utilizada para fins de estratificação dos participantes e organização do material coletado. Essa ficha, posteriormente, será anexada junto com o material da entrevista ao Projeto VARSUL, e ficará disponível apenas para consulta de outros pesquisadores.

As entrevistas foram realizadas majoritariamente na residência dos informantes, objetivando o menor ruído possível para a captação da voz. A escolha pela casa dos participantes deu-se também pois, como as entrevistas foram coletadas em um contexto de pandemia de SARS-CoV-2, procuramos evitar a locomoção do entrevistado e, portanto, sua exposição em locais públicos. Para a captação de áudio foi usado um Gravador Zoom H4N e um telefone celular (como gravador complementar), dispostos em uma distância em torno de 30 cm do participante. É importante referir que, devido ao contexto de pandemia, foram tomados cuidados especiais durante a coleta: os participantes, bem como o entrevistador utilizaram máscaras de proteção; os materiais utilizados (gravadores, canetas, etc.) foram higienizados com álcool 70% antes de cada entrevista e foi estabelecida uma distância de 2 metros entre o entrevistador e o participante.

Para a condução das conversas, foi previamente formulado um roteiro de perguntas que abordavam assuntos de cunho pessoal e cotidiano (Anexo 8.3), tendo como objetivo o registro mais natural possível de fala, dada a natureza do fenômeno estudado. Em alguns momentos, contudo, as perguntas foram formuladas a depender do direcionamento dado pelo próprio participante. As medidas adotadas acima, somadas a outras, buscaram minimizar o chamado Paradoxo do Observador, discutido por Labov (1972). O autor afirma que o pesquisador-observador se coloca a frente de um paradoxo na coleta de dados linguísticos, pois seu material de análise é a língua falada em situações naturais de comunicação, o que exige que atue minimamente na interlocução, sob pena de, em caso contrário, interferir na naturalidade do dado almejado. Temas que envolvam o informante, em narrativas de experiência pessoal, estimulando-o a assumir o protagonismo da conversa, em geral tendem a reduzir significativamente essa interferência.

5.4 Variáveis consideradas

Apresentamos abaixo a variável resposta e o conjunto de variáveis previsoras linguísticas e extralinguísticas que foram consideradas nessa análise e que podem nos auxiliar a tecer considerações sobre o retroflexo e os contextos que podem ou não estar favorecendo sua realização na RMPA. A seleção abaixo teve como base os trabalhos na seção 4.3 (Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro).

5.5.1 Variável resposta

A variável resposta faz referência ao fenômeno alvo do estudo. Interessou-nos, primeiramente, descrever as ocorrências de /r/ em posição pós-vocálica na comunidade de fala. Dessa forma, os dados foram codificados de maneira a identificar uma variante, um conjunto de variantes, ou ainda o apagamento:

- a) vibrante alveolar: *corredo*[r];
- b) tepe alveolar: *professo*[r];
- c) retroflexo, sem distinção do modo com que esse retroflexo se realiza – se como uma aproximante ou como um tepe: ex.: *supe*[ɻ]*visora*;
- d) sons posteriores. Incluem-se aqui as fricativas velar, uvular e glotal. Embora essa distinção não seja trivial para os estudos sobre róticos, nessa etapa, para os objetivos do trabalho, não cabe a codificação dessas variantes em uma categoria separada: *mulhe*[x];
- e) apagamento: *qualque*[Ø].

Posteriormente, tendo em vista que um de nossos objetivos principais é verificar de que forma o som retroflexo se configura em nossa amostra, essa categoria foi reorganizada binariamente: retroflexo vs. não retroflexo.

5.5.2 Variáveis linguísticas previsoras

As variáveis linguísticas dizem respeito a elementos na estrutura da língua – sejam eles de ordem fonética, morfológica ou prosódica – que podem potencializar ou desfavorecer

o fenômeno estudado. Apresentamos, a seguir, as nove variáveis linguísticas controladas em nossa análise.

5.5.2.1 Contexto fonético precedente

Essa variável diz respeito ao som vocálico produzido no núcleo da sílaba alvo que contém /r/ em posição de coda. Foram codificadas todas as 7 vogais orais do PB além da vogal [a] nasalizada. Essa codificação detalhada permitiu, posteriormente, a reorganização dos fatores a partir de características que interessassem à análise.

- i. [i]: f[i]rma
- ii. [e]: c[e]rteza
- iii. [ɛ]: esp[ɛ]rto
- iv. [ɔ]: esp[ɔ]rte
- v. [o]: [o]rganizado
- vi. [u]: d[u]rmo
- vii. [a]: t[a]rde
- viii. [ẽ]: b[ẽ]rdbox (título de filme)

5.5.2.2 Contexto fonético seguinte

Ainda dando enfoque para o contexto adjacente ao /r/, foram anotadas todas as ocorrências fonéticas posteriores ao /r/, fossem elas uma vogal, uma pausa, ou um fone consonantal. A justificativa pela categorização mais detalhada assemelha-se a que foi apresentada na seção anterior, para *contexto fonético precedente*, pois ela nos permite amalgamações a exemplo do que será apresentado no capítulo seguinte: contexto sonoro vs. contexto surdo.

- a) Fones consonantais: [p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, tʃ, dʒ, m, n, ɾ, x, l], como nos exemplos “mar[s]o” e “a líder [v]ai”;
- b) Fones vocálicos: [i, e, ɛ, a, ɔ, o, u], como no exemplo “no setor [o]nde”;
- c) Pausa: melhor #.

5.5.2.3 Classe gramatical da palavra

Conforme trabalhos revisados na seção 4.3 (Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro) a classe gramatical foi apontada como fator implicado na variação do /r/ retroflexo. Dessa forma, para a análise de nossos dados, essa variável foi dividida em três categorias:

- a) nomes: substantivos (ex.: vendedor), adjetivos (ex.: assustador) e estrangeirismos (ex.: gamer);
- b) funcionais: preposição (ex.: por), advérbio (ex.: pior), conjunção (ex.: conforme), pronome (ex.: qualquer);
- c) verbos: conjugado (ex.: percebeu), infinitivo (ex.: correr), subjuntivo (ex.: quiser).

Sobre a classificação proposta em b), cabe uma observação: algumas categorias propostas apresentam vocábulos que podem vir a ter comportamento de nomes, como é o caso, por exemplo, de advérbios nominais, como “perfeitamente”, ou de determinados pronomes, como “certo”. Contudo, itens funcionais tendem a apresentar poucos *types* em uma amostra, de maneira que, durante análise, é possível se fazer um exame minucioso de cada vocábulo, procurando possíveis comportamentos desviantes.

Cabe ressaltar, ainda, que os casos de verbos com /r/ em coda final serão olhados com atenção, pois, como foi mostrado na seção 2.2.2 (Processos de variação e mudança dos róticos no português brasileiro), nesse contexto parece estar atuando um processo diferente, de ordem morfofonológica, que tende a apagar o som. Interessa-nos averiguar se essa tendência se reflete também em nossos dados.

5.5.2.4 Posição da sílaba alvo

A posição da sílaba de /r/ na palavra desempenha importante papel não apenas no processo de variação do retroflexo, mas também em outros processos pelos quais passam os róticos. Não há consenso na literatura acerca de qual seria a posição silábica favorecedora do /r/ retroflexo, pois os resultados variam entre trabalhos. Dessa forma, diferenciamos o /r/ retroflexo no que diz respeito à porção em que se encontra na palavra:

- a) em posição medial da palavra: **carta**, **mercearia**;
- b) em posição final da palavra: **pavor**, **organizador**.

5.5.2.5 Tonicidade da sílaba

Pretende-se verificar, com essa categoria, se a variação de /r/ em coda é condicionada pelo acento da sílaba alvo. Embora em pesquisas que serviram de base para a codificação deste trabalho a variável tonicidade seja binária (tônica ou átona), optamos por, primeiramente, identificar a distância da sílaba pretônica e discriminar as sílabas postônicas. A divisão segue as categorias abaixo:

- a) pretônica: **percalço**, **certificado**;
- b) tônica: **moderno**;
- c) postônica: **revólver**.

5.5.2.6 Tamanho do vocábulo

De forma geral, não foi relatada influência da variável tamanho do vocábulo sobre a realização do retroflexo nos trabalhos resenhados. Contudo, essa variável já se mostrou relevante em outros processos fonológicos, como na monotongação de [ej] (FARIAS, 2008). A classificação dessa variável seguiu a divisão exposta a seguir:

- a) uma sílaba: **ser**;
- b) duas sílabas: **colar**;
- c) três sílabas: **precisar**;
- d) quatro sílabas ou mais: **barbaridade**.

5.5.2.7 Localização morfológica

Quanto à variável localização morfológica, temos a intenção de examinar se a variação de /r/ em coda pode ser condicionada pela natureza morfológica da porção fonológica em que o som está inserido. Dessa forma, organizamos essa variável em duas categorias:

- a) dentro da raiz: **perto**;

b) fora da raiz: **computador**.

5.5.2.8 Frequência

Teorias mais recentes (BYBEE, 2001, 2006) têm apontado para a importância de se considerar a frequência lexical em trabalhos de variação. Para a codificação da frequência, utilizamos o Corpus Brasileiro¹⁸ como referência. Esse *corpus* reúne textos falados e escritos, de diferentes gêneros e, assim como outros corpora de consulta, se caracteriza pela quantidade massiva de dados, configurando-se como uma amostra, ainda que não fidedigna, bastante representativa do português brasileiro (O Corpus Brasileiro conta, hoje¹⁹, com 1172.9 milhões de *tokens*). Os valores brutos de frequência retirados do corpus de referência foram transformados em valores de log, para normalizar o efeitos de *outliers*, como podemos ver pelo exemplo abaixo, em que a diferença entre a frequência bruta dos três itens lexicais ultrapassa a casa de milhão mas, quando os números são convertidos para log, essa diferença suaviza-se para valores menores e mais próximos:

Item Lexical	Frequência Bruta	Frequência em log
por	4801945	15.38
ser	2054606	14.54
valor	323590	12.69

Embora o item lexical seja uma variável sujeita a especificidades da amostra, a frequência lexical minimiza o efeito aleatoriedade, pois, ao ser retirado de um corpus com grande volume de dados, entendemos que essa variável possa ser replicada em outros estudos.

5.5.2.9 Item lexical

A variável item lexical também foi considerada em nossa análise, sendo entendida como uma variável de efeito aleatório para as análises multivariadas de efeitos mistos.

¹⁸<http://corpusbrasileiro.pucsp.br/cb/Inicial.html>

¹⁹ Consulta realizada no dia 19/04/2022.

Interessa-nos verificar se possíveis variáveis linguísticas que se mostrarem favorecedoras em nossa análise não estão sendo erroneamente selecionadas devido à presença de algum item lexical em específico que possa estar direcionando os resultados.

5.5.3 Variáveis sociais previsoras

Tomando como base os pressupostos da Teoria da Variação, elencamos abaixo os cinco fatores de ordem social controlados, que fazem referência não à estrutura linguística, mas a características de organização da sociedade.

5.5.3.1 Cidade

“Socialmente, a pronúncia retroflexa é favorecida por residentes de regiões mais periféricas” é o que conclui Oushiro (2015). Apesar de, neste trabalho, o controle ser feito de forma intramunicipal, com divisão por bairros, consideramos que as devidas adaptações e ressalvas permitem que essa ideia seja transportada para os municípios escolhidos. Tomamos como base de centralização a capital Porto Alegre e classificamos as cidades de acordo com a distância geográfica em relação à capital, de mais próxima para mais distante:

- a) Viamão: 15km de distância;
- b) Canoas: 20 km de distância;
- c) Gravataí: 30 km de distância;
- d) Sapucaia do Sul: 32 km de distância;
- e) São Leopoldo: 36 km de distância.

5.5.3.2 Idade

A idade apresenta papel relevante para processos de variação, sendo subsídio fundamental para a discussão sobre o status de um processo variável dentro de uma comunidade. A partir da análise e comparação de diferentes faixas etárias, é possível ter um indicativo de mudança linguística ou de variação estável. Tendo isso em vista, a informação sobre idade foi classificada como variável contínua, com idades de 24 a 75 anos.

5.5.3.3 Gênero

Os estudos sociolinguísticos apontam para a relação entre gênero e uso de formas padrões ou marginais. Embora não tenhamos necessariamente o mesmo número de informantes do gênero masculino e do gênero feminino (18 homens e 27 mulheres), uma quantidade semelhante de dados sugere que seja possível incluir a variável nas análises multivariadas.

5.5.3.4 Escolaridade

A escolaridade do indivíduo também já foi apontada como fator importante para o entendimento de processos variáveis, pois está diretamente relacionada, por um lado, a escolhas de formas linguísticas com base em seu prestígio e, por outro lado, à rejeição e à avaliação negativa de formas consideradas estigmatizadas. Embora não tenhamos realizado um teste de avaliação linguística a respeito da variante retroflexa, baseamo-nos no que sugerem os estudos de Leite (2004), Rennicke (2011) e Oushiro (2015), que indicam que esse som ainda sofre algum nível de estigmatização, sendo associado a um falar mais simples, menos culto. Para nosso estudo, a escolaridade foi organizada em duas divisões:

- a) Ensino Básico: compreende ensino fundamental e médio, completo ou incompleto.
- b) Ensino Superior: compreende graduação e pós-graduação, completa ou incompleta.

5.5.3.5 Informante

O Informante, assim como no caso de Item Lexical, será considerado como variável de efeito aleatório para as análises multivariadas de efeitos mistos. Ao considerar essa informação nos modelos de regressão, buscamos aferir se o comportamento linguístico desviante de algum informante está condicionando os resultados encontrados.

5.5.4 Variável Momento da Entrevista

Os textos que versam sobre a condução de entrevistas sociolinguísticas e sobre a manipulação de dados orientam que os minutos iniciais e finais de uma entrevista sejam desconsiderados das análises. A justificativa para tal é a de que, no primeiro caso, os informantes estariam tensos com a situação e, conseqüentemente, sua fala seria mais monitorada. Já no segundo caso, pelo cansaço, também poderiam haver interferências no comportamento linguístico mais informal. Contudo, em nossas entrevistas, sempre tivemos o cuidado de estabelecer, desde o princípio, uma conversa amigável e informal com nossos participantes, de maneira que entendemos que essas porções das entrevistas não sofreram influências de tensão ou cansaço significativas, não sendo necessária a exclusão desses dados. De forma a estatisticamente validar nossa impressão inicial, criamos uma coluna de codificação para o momento da entrevista em que o dado foi pronunciado, que se organiza como segue:

- a) 1º momento da entrevista: primeiros 10 minutos;
- b) 2º momento da entrevista: 30 a 40 minutos centrais da entrevista;
- c) 3º momento da entrevista: últimos 10 minutos.

Essa variável, diferente das outras, não possui caráter explicativo e foi pensada como uma variável delimitadora, de tal maneira que seu resultado pode, se for o caso, implicar exclusão de dados.

5.6 Manipulação dos dados

As entrevistas foram ouvidas e os dados que continham /r/ em coda foram anotados, junto com a minutagem e os contextos adjacentes (um contexto à direita e outro à esquerda), como segue o exemplo: 33:57 *minha gordinha do*. Esses dados foram anotados em uma planilha do Excel e codificados de modo que pudessem ser transpostos para o programa estatístico. A análise dos dados foi realizada com o programa R, versão 4.1.2 (R CORE TEAM, 2022), através da interface RStudio (versão 2021.09.2). O programa R possibilita, assim como outros softwares utilizados em trabalhos sociolinguísticos, uma análise estatística multivariada, em que é possível investigar a correlação de diversos fatores na realização de

um fenômeno. Diferentemente, porém, de seus antecessores, o programa R permite a manipulação de variáveis contínuas, como idade, frequência e anos de escolaridade, que até então eram tratadas como variáveis discretas, separadas por faixas.

Outra vantagem do programa R se dá pela possibilidade de se considerarem tanto variáveis de efeitos fixos quanto variáveis de efeitos aleatórios nas análises. Variáveis de efeitos fixos são variáveis representativas da amostra e que podem ser replicadas em outras análises, como *contexto precedente*, *tamanho do vocabulo* e *gênero*. Por outro lado, as variáveis de efeitos aleatórios são variáveis específicas da amostra analisada e têm como natureza o acaso, como são os exemplos das variáveis *vocabulo* e *informante*. Considerar esse segundo conjunto de variáveis é importante, pois é necessário verificar se os resultados encontrados nas análises multivariadas são realmente decorrentes do efeito de fatores linguísticos ou extralinguísticos no fenômeno ou se, na verdade, se devem apenas à casualidade de um conjunto de palavras específicas ou de alguns informantes particulares. De acordo com Johnson (2009), em uma análise multivariada que considera fatores aleatórios, são selecionadas como estatisticamente significativas somente as variáveis que demonstram correlações fortes o suficiente para superar a variação inter-sujeitos. Essas análises produzem, portanto, resultados mais confiáveis.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são apresentados e discutidos os resultados sobre a variação de /r/ em coda na RMPA, a partir das 45 entrevistas coletadas. Em um primeiro momento, faremos algumas considerações acerca dos dados e de decisões que foram tomadas para o melhor andamento da pesquisa. Após, expomos e discutimos as análises multivariadas de efeitos fixos e de efeitos mistos²⁰.

6.1 Um primeiro olhar sobre os dados

Em nossa amostra foram encontradas 25953 ocorrências de /r/ em coda. Na tabela 1 são discriminadas as variantes encontradas, bem como suas proporções.

Tabela 1 - Distribuição geral das ocorrências de /r/ (N = 25953)

Variante de /r/	Nº de ocorrências	%
Variantes anteriores (senho[r], cu[r]so)	11460	44,2
Retroflexo (pa[ɻ]te)	1468	5,7
Variantes posteriores (i[x]mã e po[R]tão)	79	0,3
Apagamento (que[∅])	12946	49,9

Fonte: autoria própria

O apagamento de /r/ é a variante mais frequente em nossa amostra (49,9%), seguido pelas variantes anteriores (44,2%), que incluem majoritariamente casos de tepe alveolar. Os casos de vibrante dentro dessa categoria são eventuais (N = 22). Esse baixo número condiz com a constatação de Monaretto (2002), Serra, Callou e Leite (1996), Serra e Callou (2013), entre outros, de que no Rio Grande do Sul houve e ainda há um processo de enfraquecimento da vibrante, e de que essa variante caminha para o desaparecimento nessa Região. A variante retroflexa aparece de forma discreta (5,7%). Já as variantes posteriores, embora também

²⁰ Estamos assumindo, para as análises estatísticas que serão apresentadas neste capítulo, um valor de alfa = 0,05.

presentes, possuem porcentagens muito baixas, representando menos de 1% da amostra. Em relação a essas 79 ocorrências de sons posteriores, 74 podem ser encontradas na fala da Informante 06 (Feminino - Canoas - 53 anos - Ensino Fundamental). Acreditamos que possa se tratar de um idioleto, pois a Informante preenche os requisitos estabelecidos previamente e não foi possível identificar origem ou motivação aparente para o seu comportamento linguístico durante a entrevista.

Schwindt e Chaves (2019) chamam a atenção para a necessidade de se diferenciarem dois processos de apagamento atingindo sons de /r/ final (como aprofundado na seção 2.2.2): um de ordem morfofonológica, que está restrito a verbos, em especial a /r/s que constituem monomorfemas (-r do infinitivo e do futuro do subjuntivo) e outro fonético, de ordem mais geral. Dessa forma, procedemos com a separação das codas finais de verbos dos outros dados, como mostrado na tabela 2:

Tabela 2 - Realização de /r/ a partir da separação entre codas finais de verbos

	Variantes anteriores		Retroflexo		Variantes posteriores		Apagamento		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Codas finais de verbos (comer, ter)	284	2,4	25	0,2	0	0	11664	97,4	11973
Outros dados (certo, mar)	11176	79,9	1443	10,3	79	0,6	1282	9,2	13980
total	11460	44,2	1468	5,7	79	0,3	12946	49,9	25953

Fonte: autoria própria

A separação evidencia, em nossos dados, a tendência geral do /r/ em coda final de verbos serem apagados, com uma porcentagem de 97,4%. Visto que nesse contexto está atuando outro fenômeno, de motivação morfofonológica, e não há ambiente para variação, não nos parece adequado manter esses dados na amostra, com risco de interferirem nos resultados das análises de regressões multivariadas²¹.

²¹Os 25 dados de /r/ retroflexo fazem referência a 12 itens - *acatar, brincar, começar, criar, estar, expor, for, gostar, iniciar, ser, supor e ter* – e foram realizados por 13 informantes diferentes. Interessantemente o Informante que mais realizou retroflexos em coda final de verbos (N = 7), também foi o informante apresentou maior porcentagem de realização de /r/ retroflexo na amostra geral.

Também Oushiro (2015) chama a atenção para o problema de se considerarem nas análises os /r/s em codas seguidos por vogais, como em: *mulhe[ɹ] interessante*. Nessa situação, a sílaba final contendo o /r/ sofre um processo de ressilabificação, não configurando mais contexto de coda e sim de ataque silábico: [mu.lhe.rin.teressante]. Na tabela 3, apresentamos as frequências de realização do /r/ em coda em relação ao contexto fonético seguinte.

Tabela 3 - Realização de /r/ após vogais

	Variantes anteriores		Retroflexo		Variantes posteriores		Apagamento		Total
	N	%	N	%	N	%	N	%	
Vogal	762	88,4	35	4,1	0	0	65	7,5	862
Outros	10414	79,4	1408	10,7	79	0,6	1217	9,3	13118
total	11176	79,9	1443	10,3	79	0,6	1282	9,2	13980

Fonte: autoria própria

A tabela acima mostra que, diante de vogais, quase 90% dos /r/s em coda são realizados como variantes anteriores, sendo todos foneticamente realizados como um tepe alveolar (os 29 casos de vibrante alveolar estão distribuídos nos outros contextos). A variante retroflexa aparece em apenas 4,1% dos casos, acontecendo menos do que o apagamento²². Olhando por outro ângulo, pode-se dizer que as realizações de /r/ retroflexo antes de vogal totalizam apenas 2,4% de todas as ocorrências encontradas em nossa amostra. Parece portanto que, em concordância com a observação de Oushiro (op. cit.), a vogal após o /r/ desfaz o contexto para variação de coda. Dessa forma, optamos pela exclusão dos dados que continham vogais em contexto seguinte ao /r/. Para as análises multivariadas, além da supressão dos dois casos acima (codas finais de verbos e /r/s seguidos por vogal), procedemos com a amalgamação dos dados de variantes anteriores, variantes posteriores e apagamento, sob a nomenclatura de “não retroflexo”, de modo a obter uma variável resposta binária.

O novo conjunto de dados conta com 13118 ocorrências de /r/, distribuídas como expressas na tabela 4.

²²Os 35 dados de /r/ retroflexo fazem referência a 16 itens, a saber: *amor, auxiliar, calor, celular, computador, diretor, interior, lugar, melhor, mulher, pior, por, professor, tutelar, ubere vestibular*.

Tabela 4 - Distribuição de /r/ na nova amostra de dados

Variante de /r/	Nº de ocorrências	%
Não retroflexo	11710	89,3
Retroflexo	1408	10,7
total	13118	100

Fonte: autoria própria

De forma geral, o retroflexo ainda mantém frequência bastante baixa na comunidade de fala quando comparada às outras variantes, com apenas 10,7% de realização, o que nos mostra que esse som ainda é bastante marginal na comunidade de fala. Não dispomos de um conjunto de dados semelhante de período anterior para que possamos seguramente afirmar se houve ou não acréscimo na realização desse som, mas, ao fazermos um exercício de comparação com os 5% encontrados por Monaretto (1997) para a cidade de Porto Alegre, podemos ter uma sinalização de possível aumento, haja vista termos o dobro de porcentagens em relação ao trabalho comparado.

Fazemos essa consideração, porém, com a devida parcimônia ao admitirmos a falta de clareza e de subsídios teóricos sobre a possibilidade de tratarmos a capital e as cidades da região metropolitana como uma mesma comunidade. Uma análise com dados de fala mais atuais de Porto Alegre pode ser bastante esclarecedora nesse sentido: se encontramos uma porcentagem igual à verificada em nossa amostra, podemos supor que não há diferença entre as regiões, e que a comparação com os dados de Monaretto (1997) ganha força, comprovando um aumento do rótico retroflexo na comunidade. Por outro lado, se a análise de dados atuais da capital não apresentar diferença com os dados antigos do VARSUL, podemos inferir que há realmente duas comunidades distintas, e que, de alguma forma, o /r/ retroflexo seja característica das cidades analisadas nesta pesquisa. Essa, todavia, é uma tarefa que não contemplaremos nesta etapa do trabalho.

Antes ainda de voltarmos nossa atenção para as análises das variáveis previsoras, cabe um comentário acerca da codificação realizada para controlar o momento da entrevista em que a variante foi pronunciada (Seção 5.5.4). Como explicitado no capítulo de Metodologia, optamos por realizar esse controle de forma a confirmar, quantitativamente, nossa impressão inicial de que não haveria diferenças significativas na variação de /r/ em coda dos participantes em diferentes momentos da entrevista que indicassem um monitoramento de fala

e, por conseguinte, intervenção no uso da variante retroflexa. Essas porcentagens são expressas na tabela 5:

Tabela 5 - Realização de /r/ de acordo com o momento da entrevista

	Não Retroflexo		Retroflexo	
	N	%	N	%
1º momento (10 min iniciais)	2196	89,63	254	10,37
2º momento	7949	88,91	991	11,09
3º momento (10 min finais)	1565	90,57	163	9,43
total	11710	89,3	1408	10,7

Fonte: autoria própria

As porcentagens acima, acrescidas do teste de qui-quadrado realizado, não apontaram para diferença significativa entre os três momentos da entrevista no que concerne à realização do retroflexo ($\chi^2 = 4.5466$ (2) valor $-p = 0.103$). Para além, quando da comparação de cada um dos três pares (1º e 2º momento, 1º e 3º momento e 2º e 3º momento), os valores $-p$ encontrados eram superiores a 0,05, não acusando diferença significativa. Tal resultado comprova nossa observação inicial de que não seria necessário realizar a exclusão dos minutos iniciais e finais nas entrevistas. Embora não tenhamos o objetivo de aprofundar tal resultado, apontamos, a partir dele, para a importância da condução cuidadosa de todo o processo de entrevista, de modo que, além de minimizar os efeitos do paradoxo do observador, possibilitem o melhor aproveitamento possível do dado coletado.

6.2 Análises multivariadas

Para as análises de regressão logística apresentadas nessa seção, será utilizado o conjunto de dados apresentado na Tabela 4. Também foram consideradas todas as variáveis predictoras apresentadas no capítulo de Metodologia. Contudo, a seguir, tecemos algumas considerações acerca de algumas decisões tomadas para a reorganização das variáveis predictoras.

As variáveis *contexto precedente* e *contexto seguinte* fazem referência a segmentos fonéticos adjacentes ao /r/. Dessa forma, com base na possibilidade de desencadearmos processos assimilatórios que favoreçam a realização do /r/ retroflexo, os segmentos foram amalgamados a partir de traços característicos da variante foco de nosso estudo. O /r/ retroflexo, em comparação ao tepe alveolar, é um som [-anterior] e [-alto]. O *contexto precedente*, quando analisado pela perspectiva da posição da língua no momento da articulação da vogal, se na parte anterior ou posterior da cavidade oral, não apresentou significância para a variação de /r/ ($\chi^2 = 1.8244$ (1), $p = 0,1768$). Essa correlação também não foi encontrada por Oushiro (2015), mas descritivamente foi apontada por Monaretto (1997) e Guiotti (2001), que encontraram maior porcentagem de retroflexos depois de vogais dorsais em comparação a vogais coronais. A altura da vogal, por outro lado, parece ser mais esclarecedora para o fenômeno ($\chi^2 = 396.19$ (2), $p < 0,001$). Para a análise multivariada, essa categoria foi dividida em três grupos: vogais altas, vogais média-altas e vogais média-baixas ou baixas. A decisão pela união do grupo das média-baixas e das baixas tem como motivação a não constatação, nas análises univariadas, de diferença significativa entre essas duas categorias (valor $-p = 0,514$). Para além disso, foi constatada significância na diferença entre média-altas e média-baixas, motivo pela qual não optamos pelo caminho metodológico de amalgamar as vogais médias.

No que diz respeito ao *contexto seguinte*, ainda dentro da possibilidade de assimilação de traços e na emergência do /r/ retroflexo, procedemos com duas reorganizações independentes: por traço de sonoridade, separando os contextos seguintes [+sonoro] vs. [-sonoro]²³; e por ponto de articulação, com a distribuição de [labial], [alveolar], [palatoalveolar], [velar] e [pausa]. Ambas as categorizações apresentam valores de significância abaixo de 0,05 e serão consideradas na análise multivariada.

A *classe gramatical*, originalmente organizada entre nomes, verbos e itens funcionais, foi reorganizada para a diferença entre itens lexicais vs. itens funcionais, pois não houve diferença significativa entre verbos e nomes ($\chi^2 = 2.6862$ (1) (X), $-p = 0,1012$). A *tonicidade da sílaba* estava organizada previamente em três categorias: sílaba pretônica, sílaba tônica e sílaba postônica. Câmara Jr. (1970) afirma que essas três categorias silábicas podem diferir entre si pelos diferentes graus de tonicidade, sendo atribuído grau 3 à sílaba tônica, grau 1 à sílaba pretônica e grau 0 à sílaba tônica. Nos interessava, portanto, verificar se os diferentes

²³Os contextos de pausa foram incluídos no grupo de [-sonoro]. Dado que a sonoridade faz referência à vibração das cordas vocais, entendemos que esse conceito e portanto a falta de vibração possa ser estendido à pausa.

graus de tonicidade atribuídos às sílabas poderiam exercer alguma influência sobre a variação de /r/ em coda. Uma vez que o /r/ retroflexo se configura por uma alta energia e tenderia a preferir sílabas acentuadas, esperaríamos que houvesse uma diferença significativa entre essas três qualidades silábicas. Contudo, embora contextos pretônicos e postônicos tenham porcentagem diferentes de retroflexão (6,87% e 10,26%, respectivamente), não há diferença significativa entre esses dois contextos (valor $-p = 0,06143$). Dessa forma, trataremos dessa variável com a divisão tradicional: sílaba tônica vs. sílaba átona.

Apresentamos abaixo, em síntese, um resumo das variáveis linguísticas e sociais que foram consideradas tanto nas análises de efeitos fixos quanto de efeitos mistos.

Quadro 4 - Variáveis consideradas para as análises multivariadas

Variáveis Linguísticas	
Contexto Fonético Precedente	Vogal alta: [i], [u] Vogal média-alta: [e], [o] Vogal média-baixa ou baixa: [ɛ], [ɔ], [a], [ɐ]
Contexto Fonético Seguinte	[labial]: [p, b, m, f, v] [alveolar]: [t, d, n, s, z, l, r] [palato alveolar]: [ʃ, ʒ, tʃ, dʒ] [velar]: [k, g, x] [pausa]: pavor #
Contexto Sonoro Seguinte	[+sonoro]: cor [b]ege [-sonoro]: per[t]o
Tonicidade da Sílaba	Tônica: curso Átona: mercado
Posição da Sílaba	Posição não final: carne Posição final: açúcar
Número de Sílabas	1 sílaba: ter 2 sílabas: cartas 3 sílabas: certeza 4 ou mais sílabas: abertamente
Classe Gramatical	Itens Lexicais: apartamento, discordo Itens Funcionais: porque, perfeitamente
Localização Morfológica	Na raiz: hierarquia Fora da raiz: amador
Variáveis Sociais	
Gênero	Masculino Feminino
Idade	24 a 75 anos
Escolaridade	Até Ensino Médio Ensino Superior

Cidade	Viamão Canoas Gravataí Sapucaia do Sul São Leopoldo
Frequência	1 a 15.38 (valores em log)
Item Lexical	Efeito aleatório
Informante	Efeito aleatório

Fonte: autoria própria

A importância da variável posição da sílaba na variação de /r/ em coda foi apontada por trabalhos como o de Callou, Moraes e Leite (1996), principalmente em casos de enfraquecimento fonético, favorecido em posição final de palavra. Dentro da classificação proposta para essa variável — coda medial vs. coda final — é estabelecida uma diferenciação entre os dois seguintes dados: *mor*[dʒ]i (do verbo morder) e *amor* [dʒ]i (preposição “de”). Em um contexto de fluxo de fala contínua, contudo, essa diferença seria anulada, uma vez que o segundo caso passaria a configurar como um contexto medial [a.moʁ.dʒi].

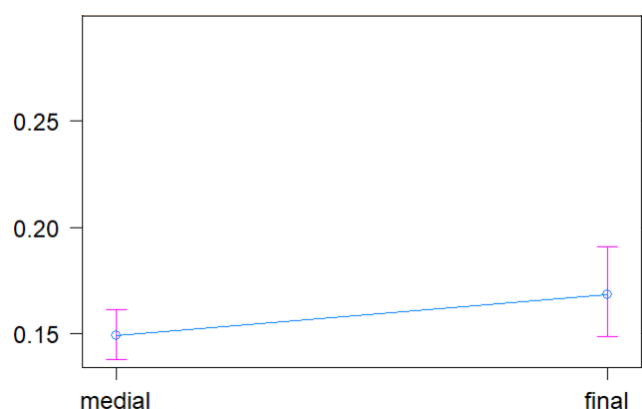
Partindo dessa premissa, pelo viés fonético, os “verdadeiros” casos de coda final poderiam ser abarcados dentro da variável *contexto fonético seguinte*, na categoria “pausa”, visto também que *contexto fonético seguinte* e *posição da sílaba* possuem certo grau de sobreposição estatística, pois toda pausa faz alusão a um contexto final, porém nem todo contexto final se refere a uma pausa. Por outro prisma, porém, essas duas variáveis se referem a níveis distintos de análise: enquanto *contexto fonético seguinte* está em um nível de análise fonética, a *posição da sílaba* dá conta de fronteiras de palavras fonológicas. Em outras palavras: se nos filiamos à crença de que a palavra fonológica não reestruturada (ou lexical, para muitos) se constitui em um nível pré-sintático, sua silabificação mais básica deverá em princípio ignorar, por isso, processos que envolvam contextos fonéticos de palavras adjacentes.

Na tentativa de resolver as questões postas acima, e buscando um modelo que melhor explique a variação em nossos dados, foram criados quatro diferentes modelos de regressão linear, contendo as variáveis do quadro 4, com diferentes combinações para as duas variáveis discutidas: (i) apenas a variável *posição da sílaba*; (ii) apenas a variável *contexto fonético seguinte*; (iii) ambas as variáveis, sem interação; e (iv) ambas as variáveis, com interação. Nos modelos em (i) e (ii), ambas as variáveis apresentaram valor de significância menor do que

0,05. Comparando os índices dos dois modelos, o primeiro, que conta apenas com *posição da sílaba* (R2: 0.228; C: 0.801; AIC: 7416.5) parece ter menor poder de explicação do que o modelo (ii), com *contexto fonético seguinte* (R2: 0.246; C: 0.811; AIC: 7285.5). No modelo (iii), a variável *posição da sílaba* deixa de ser significativa (valor $-p = 0,581$) e, nas rodadas de *stepwise*, o programa sugere a sua exclusão do modelo. Por fim, no modelo (iv) as interações não apresentaram significância.

Para além desses testes, como dados complementares, apresentamos o gráfico 1, que traz as realizações de /r/ retroflexo em sílabas tônicas antes de um fone consonantal, a partir da interação com a *posição da sílaba*:

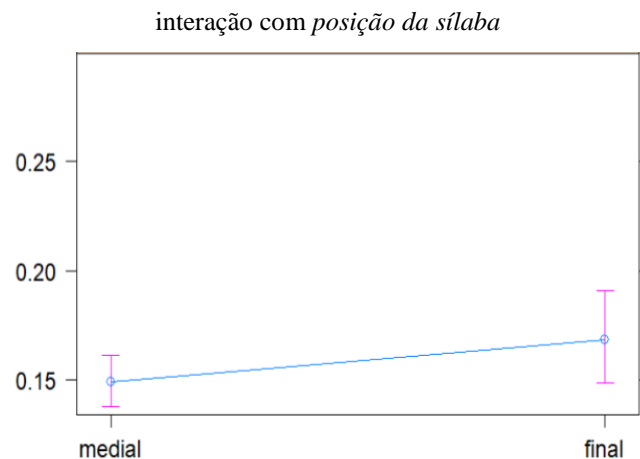
Gráfico 1 - Realização de /r/ retroflexo em sílabas tônicas antes de consoantes:
interação com *posição da sílaba*



Fonte: autoria própria

Não parece haver diferença significativa entre codas mediais e finais quando da realização de /r/ retroflexo em sílaba tônica e antes de consoante, uma vez que seus intervalos de confiança se sobrepõem. O gráfico 2 traz a mesma informação para sílabas átonas:

Gráfico 2 - Realização de /r/ retroflexo em sílabas átonas antes de consoantes:



Fonte: autoria própria

O gráfico 2 assemelha-se ao gráfico 1, não indicando diferença significativa entre posição medial e final. Dado esse cenário, para a análise de efeitos mistos, foi considerada a rodada (ii) de regressão com apenas *contexto fonético seguinte*²⁴ (apresentada no anexo 8.4).

6.2.1 Variáveis previsoras linguísticas

A partir desse modelo, foram acrescentadas as variáveis aleatórias *informante* e *item lexical*. Apresentamos a seguir os resultados para as variáveis linguísticas no modelo de efeitos mistos²⁵. As variáveis em itálico fazem alusão aos níveis de referência que compõem o *Intercept*.

²⁴ Faz-se importante mencionar que esse modelo passou pelas seguintes checagens de pressupostos, como indicado por Oushiro (2017): *step.foward*, *step.both*, *step.backward*, *drop.1*, *crPlot()* e *validate*. Todos os testes apontaram para a manutenção das variáveis no modelo (cf Anexo 8.5).

²⁵ Apresentaremos as variáveis linguísticas e sociais separadamente, embora façam parte de uma mesma rodada de regressão.

Tabela 6 - Realização de /r/ retroflexo em coda na RMPA de acordo com as variáveis linguísticas – análise multivariada de efeitos mistos

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-p	Apl./N (%)
<i>Intercept</i>	- 5.2586	-7.5719	-2.9454	< 0.05	
Cont. Precedente					
<i>Vogal alta</i>					168/4187 (4%)
Vogal média-alta	0.5973	0.19425	3.075	< 0.05	487/4593 (11%)
Vogal média-baixa ou baixa	1.4062	0.19304	7.284	< 0.05	753/4338 (17 %)
Cont. Fonético Seguinte					
<i>Labial</i>					
					208/2449 (8%)
Alveolar	0.7702	0.77021	0.1346	< 0.05	631/4922 (13%)
Palato Alveolar	0.8596	0.85963	5.200	< 0.05	266/1521 (17%)
Velar	0.2575	0.17377	1.482	0.13831	154/3615 (4%)
Pausa	1.7242	0.19721	8.743	< 0.05	149/611 (24%)
Cont. Sonoro Seguinte					
<i>Contexto surdo</i>					
					647/7807(8%)
Contexto sonoro	1.04550	0.10510	9.948	< 0.05	761/5311(14%)
Tonicidade					
<i>Átona</i>					
					551/7900 (7%)
Tônica	0.5449	0.12931	4.214	< 0.05	857/5218 (15%)
Tamanho do Vocábulo					
<i>1 sílaba</i>					
					69/706 (10%)
2 sílabas	-0.2754	0.37838	-0.728	0.467	710/7051 (10%)
3 sílabas	-0.2048	0.38410	-0.533	0.594	421/3269 (13%)
4 sílabas ou mais	-0.4523	0.39416	-1.147	0.251	208/2092 (10%)
Localização Morfológica					
<i>Dentro da raiz</i>					
					1316/12630 (10%)
Fora da raiz	0.5027	0.20989	2.395	< 0.05	92/488 (19%)
Classe Gramatical					
<i>Itens lexicais</i>					
					1253/9592 (13%)
Itens funcionais	-0.6286	0.20790	-3.024	< 0.05	155/3526 (4%)
Frequência	0.0230	0.02193	1.048	0.29465	

Modelo: REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 + TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + LOCMORFOLOGICA2 + IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE + (1|VOCABULO) + (1|INFORMANTE)

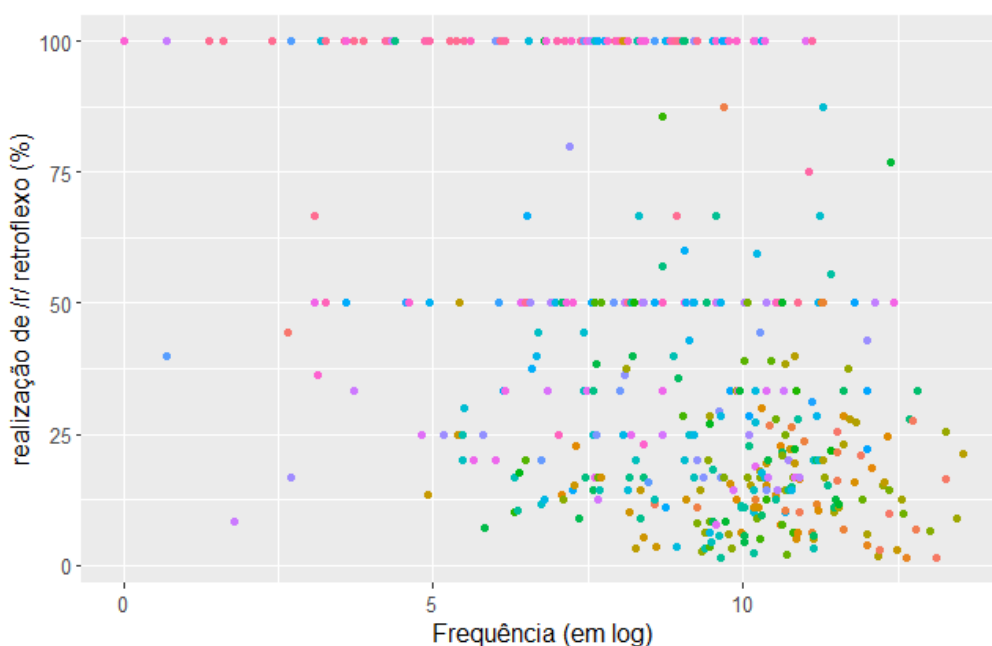
Efeitos Aleatórios

σ^2	3.29
τ_{00} VOCABULO	0.54
τ_{00} INFORMANTE	2.36
ICC	0.47
N VOCABULO	1444
N INFORMANTE	45
Observações	13118
R2 Marginal / R2 Conditional	0.296 / 0.626

Fonte: autoria própria

Quando se incluem *informante* e *item lexical* como variáveis aleatórias, as variáveis *tamanho do vocábulo* e *frequência lexical* deixam de ser significativas para a realização de /r/ em coda. A primeira variável foi apontada por Callou, Moraes, Leite (1996) e Monaretto (2000) como relevante para o processo de cancelamento de /r/ em coda, de modo que haveria uma preservação do fone em vocábulos de menor dimensão, principalmente em nomes. A variação de /r/ retroflexo em nossa amostra, por outro lado, não parece ser sensível a esse fator, como também já haviam apontado os trabalhos apresentados na seção 4.3 (Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no português brasileiro). Relativamente à frequência lexical, supunha-se que itens mais frequentes, por serem mais rapidamente acessados, estariam mais sujeitos a processos fonéticos. No entanto, não foi encontrada correlação. No gráfico 3, que apresenta as porcentagens de realização de /r/ retroflexo em cada vocábulo de nossa amostra em comparação à frequência, não parece ser possível perceber um padrão ascendente ou descendente que indique relação direta.

Gráfico 3 - Realização de /r/ retroflexo vs. *frequência lexical* (Em logaritmo)²⁶



Fonte: autoria própria

²⁶Os pontos coloridos fazem referência a diferentes vocábulos, e as diversas cores foram pensadas para melhor visualização do gráfico, porém não implicam em sua interpretação.

Ainda, com a inclusão das variáveis aleatórias, o R-quadrado, antes em 0,299, é elevado para 0,626. Isso significa dizer que nosso modelo, que originalmente previa 29% da variação dos dados, agora prevê 62%. Essas porcentagens mostram uma forte influência das variáveis aleatórias, ao mesmo tempo que, do ponto de vista apenas das variáveis de efeitos fixos, sugerem que seu poder explanatório é relativamente baixo. Oushiro (2017, p. 174), contudo, afirma que “*grande parte da variabilidade nos dados linguísticos se deve ao próprio falante*”. Assim, esses valores eram de alguma forma esperados, pois esse baixo valor para o R-quadrado marginal é relativamente mais comum em estudos que lidam com questões linguísticas ou outros temas que lidam com o comportamento humano. E, dentre os modelos e testes feitos, este foi o que apresentou os melhores índices.

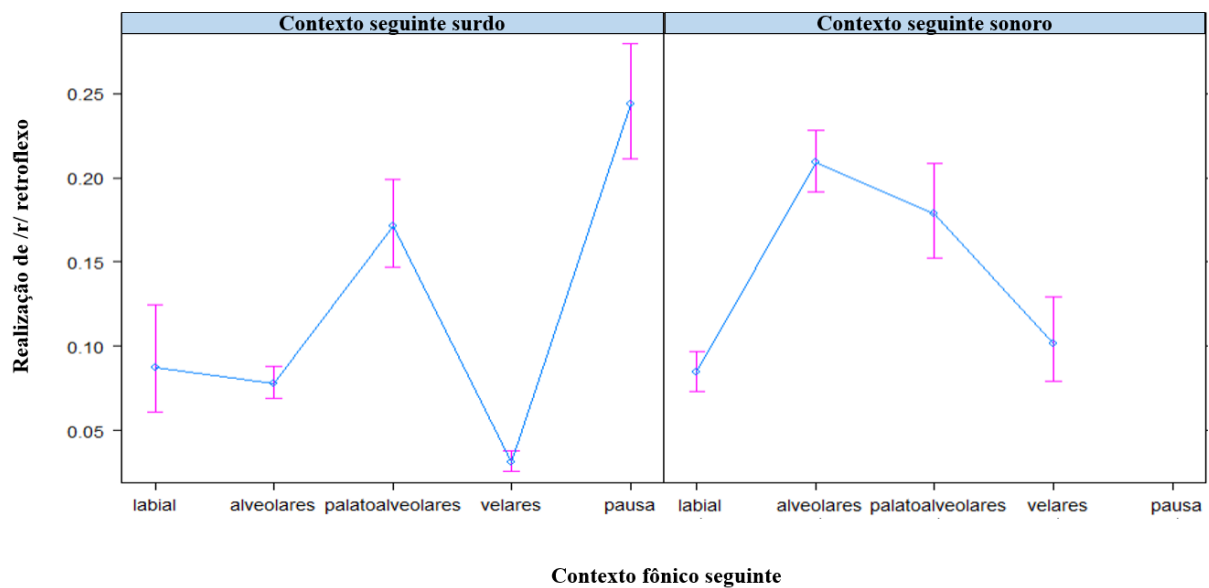
Voltemos nossa atenção para as variáveis que mantiveram correlação significativa. Vogais de traço [+baixo] favoreceram a realização de /r/ retroflexo em relação à variáveis de traço [+alto]. O retroflexo se caracteriza como um som [-alto] em relação ao tepe, e essa seria a motivação para vogais [-alta] favorecerem a variante na cidade de São Paulo (OUSHIRO, 2015). Contudo, na amostra analisada, é percebida uma diferença significativa na comparação entre sons vocálicos médio-baixos ou baixos com sons vocálicos médio-altos ($\chi^2 = 84.579$ (1) valor $-p < 0,001$). Parece-nos, a partir disso, mais um indicativo de que a realização do retroflexo está associada à qualidade da vogal adjacente mas que, não apenas essa variante é sensível a uma vogal [-alta], mas sim é favorecida na medida em que a qualidade [+baixo] se manifesta com maior força.

De forma independente, ambos os traços relacionados à qualidade do contexto seguinte foram selecionados. O contexto de pausa, em relação não só ao nível de referência [labial], mas também a todas as outras possibilidades articulatórias, favorece a realização da variante retroflexa. Nossa percepção durante a realização das entrevistas é a de que a pausa foi um recurso utilizado pelos informantes para dar ênfase a uma ideia ou palavra, o que pode explicar a seleção desse contexto como significativo, dado seu possível contexto de proeminência e reforço fonético. Em relação às consoantes, as de traço [alveolar] e [palatoalveolar] tiveram uma estimativa mais positiva quando comparadas aos traços [labial] e [velar], o que confirma os achados de Oushiro (2015) e as impressões de Ricardo (2019) de que a variante retroflexa refere sons adjacentes de traços semelhantes aos seus.

A sonoridade do contexto seguinte também se mostrou correlacionada na análise de regressão. O /r/ retroflexo, dada a sua caracterização como um som [+sonoro], parece preferir sons que compartilhem dessa qualidade. Todavia, cabe referir que a interação entre os grupos

de fatores de sonoridade e de ponto de articulação do contexto seguinte não apresentou diferenças significativas e, dessa forma, não é possível dizer que todos os contextos sonoros, em relação aos contextos surdos, favorecem a realização de retroflexo. O gráfico abaixo mostra que a dicotomia surdo vs. sonoro apresenta distinção significativa apenas nas classes de sons [alveolares] e [velares].

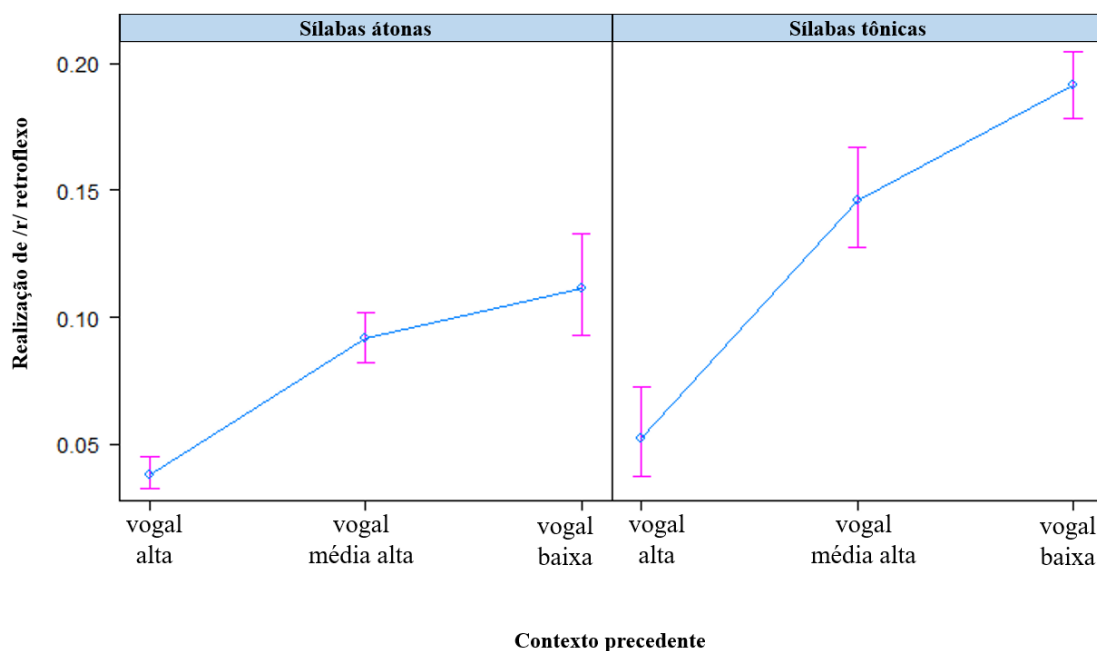
Gráfico 4 - Realização de /r/ retroflexo: interação *sonoridade e contexto fonético seguinte*



Fonte: autoria própria

O /r/ retroflexo também ocorre mais frequentemente em sílabas tônicas em comparação a sílabas átonas, confirmando nosso pensamento inicial de que há uma influência de proeminência silábica na variação de /r/. Novamente o resultado aqui encontrado está em concordância com a literatura, que afirma, a partir desses achados, que a variação de /r/ retroflexo, enquanto pode ser entendida como parte de um processo de posteriorização, não apresenta características de um fenômeno de enfraquecimento fonético (OUSHIRO, 2015). No gráfico 5, apresentamos a interação entre *tonicidade da sílaba e contexto fonético precedente*.

Gráfico 5 - Realização de /r/ retroflexo: interação *contexto fonético precedente* e *tonicidade da sílaba*



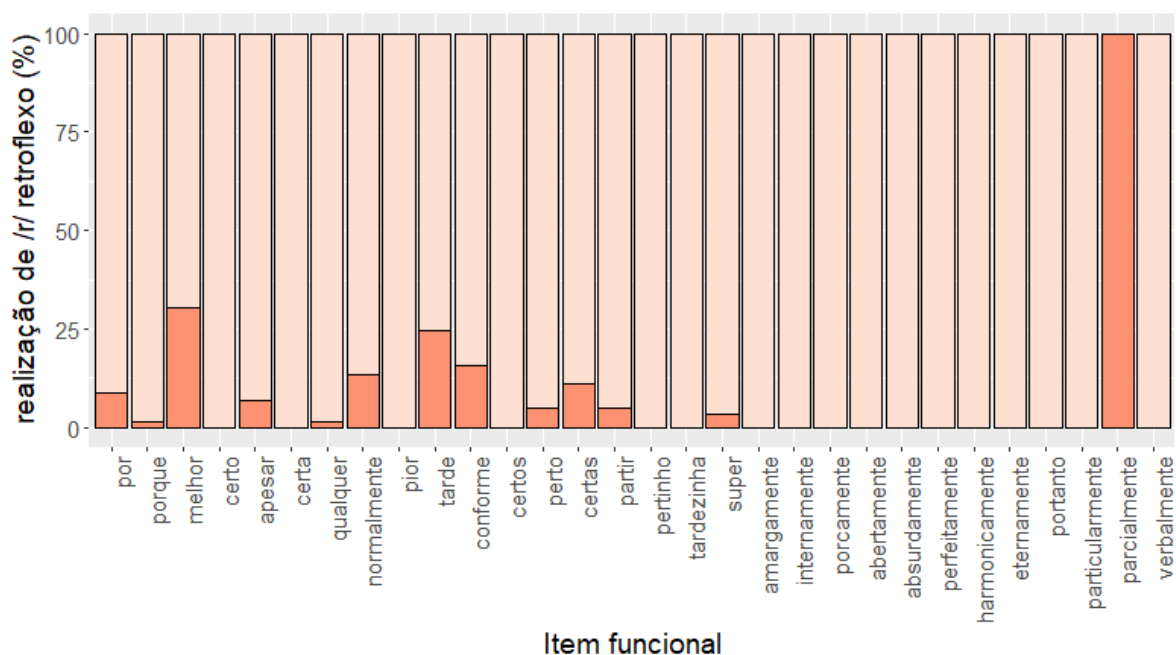
Fonte: autoria própria

Como apresentado anteriormente, vogais de traço [+baixo] favorecem a realização de retroflexo em relação às vogais [+alto] em nossos dados. As vogais média-baixas são, com exceção de algumas pouquíssimas palavras estrangeiras, somente verificadas em sílabas tônicas e poderiam estar condicionando o resultado sobre tonicidade da sílaba mencionado acima. Se assim o fosse, no gráfico acima, a curva para a porção de dados átonos não deveria estar em consonância com a de dados tônicos. Contudo, o que se verifica é que, mesmo que a curva das sílabas tônicas esteja mais alta em relação à curva de sílabas átonas, o desenho desses dois gráficos é semelhante, mostrando que se trata de variáveis independentes e que ambos os fatores estão relacionados à realização de /r/ retroflexo em nossa amostra.

As variáveis previsoras *classe gramatical* e *localização morfológica*, que fazem alusão a propriedades morfológicas dos vocábulos, também foram selecionadas na rodada estatística. Tal resultado se mostra inesperado, uma vez que, em fenômenos de ordem fonética, pouca ou quase nenhuma influência de fatores morfológicos seria esperada. Para a *classe gramatical*, os itens funcionais, em comparação aos itens lexicais, desfavorecem a aplicação. Oushiro (2015) já havia trazido luz a essa diferença, afirmando que o retroflexo é

mais favorecido em palavras menos gramaticais²⁷. Embora a rodada de efeitos mistos tenha o objetivo de minimizar os efeitos do item lexical, cabe um olhar mais atento para os 30 itens que compõem o grupos de palavras mais gramaticais, conforme o gráfico 6:

Gráfico 6 - Realização de /r/ retroflexo em itens funcionais



Fonte: autoria própria

Dos 30 itens funcionais, 17 não apresentam realização de retroflexo. Dos 13 restantes, 6 deles apresentam porcentagem acima de 10%, quais sejam (em ordem decrescente): *parcialmente*, *melhor*, *tarde*, *conforme*, *normalmente* e *certas*. Chama a atenção a alta porcentagem de realização de retroflexo para as palavras *melhor* (30,6%) e *tarde* (24,5%), que são itens que acontecem também na classe das palavras lexicais, como adjetivo e substantivo. Olhando as mesmas palavras nessa outra classe, *melhor* aparece com uma taxa de 25% de realização da variante retroflexa e *tarde* com 35,2%. Como atentamos na metodologia (item 4.5.2.3. Classe gramatical), é possível que essas porcentagens destoantes em relação aos outros vocábulos sejam devido, em parte, à relação que esses itens estabelecem com palavras lexicais, semelhança essa que não se verifica em todos os membros da classe de itens funcionais. Para além, soma-se o fato de que essas duas palavras, bem como a palavra

²⁷Embora, em nosso estudo, tratemos dessa categoria pelo rótulo “palavras lexicais”, trazemos o termo utilizado no trabalho referenciado, entendendo que se tratam de sinônimos.

conforme, possuem vogais baixas no núcleo da sílaba, além de o /r/ estar localizado em sílaba tônica, podendo haver, nesse caso, também fatores de ordem fonética e prosódica.

Essa relação direta, contudo, não é verificada no vocábulo *certo* (e suas flexões: *certa*, *certos*, *certas*), conforme a tabela 7 a seguir:

Tabela 7 - Realização de /r/ retroflexo: comparação de vocábulos por *classe gramatical*

	Palavra lexical		Palavra funcional	
	N	%	N	%
certo	24/144	16,67	0/4	0
certa	4/21	19,05	0/13	0
certos	0/4	0	0/1	0
certas	NA	NA	1/8	11,1
total	28/169	16,6	1/26	3,8

Fonte: autoria própria

Aqui, a divisão palavra lexical vs. palavra funcional parece ser mais importante, de modo que o vocábulo *certo* e suas variações apresentam maior porcentagem de retroflexão quando estão em um contexto menos gramatical (ex.: era a escolha *certa*).

Por limitações de maior quantidade de dados de palavras funcionais, evitamos fazer maiores asserções, porém interessa chamar a atenção para a maneira com que a variável *classe gramatical* atua no processo. Sendo sua correlação fraca (embora significativa), nos parece que o fato de ser ou não ser uma palavra gramatical é informação secundária, que pode auxiliar na explicação de alguns fatores, como visto na Tabela 7 acima para o vocábulo *certo* e suas formas de palavra, mas que não necessariamente apresenta relevância à maneira dos fatores fonéticos e prosódicos vistos anteriormente, uma vez que os vocábulos *melhor* e *tarde* não parecem ser sensíveis a essa diferença gramatical.

Em relação à variável *localização morfológica*, a maior porcentagem de realização da variante retroflexa se dá quando esse está em um morfema em comparação a sua posição na raiz. Abaixo apresentamos uma tabela com o detalhamento dos afixos encontrados em nossa amostra.

Tabela 8 - Realização de /r/ retroflexo: afixos

Tipo de Afixo	Aplic	%	Afixo	Exemplos
Prefixo	3/75	4	inter-, orto-, per-, por-, super-, term-,	interferir, interligado, internacional, ortodontia, ortografia, perseguição, pormenores, supermercado, termelétrica
R deverbais	5/18	27,8	-ar	ter, estar, passar, olhar, querer, parecer, andar, decorrer
Morfema do subjuntivo	1/2	50	-r	chegarmos, almoçarmos
Sufixo Derivacional	83/393	21,1	-ar, -or, -dor, -tor, -er, -ert-	alimentar, titular, paladar, amor, supervisor, louvor, amador, fiador, corredorzinho, diretor, eleitor, corretor, gamer, rapper, descoberto
total	92/488	19		

Fonte: autoria própria

Como é possível notar, a aplicação de 19% encontrada para as palavras com /r/ fora da raiz não se distribui uniformemente quando os afixos são especificados. Os prefixos apresentam uma realização bastante baixa, com apenas 4% de aplicação. As maiores porcentagens podem ser encontradas em sufixos derivacionais e em casos em que o verbo foi nominalizado e, por conseguinte, seu /r/ final não se configura mais como verbo no infinitivo. A partir disso, é possível supor que essa diferença pode ser causada pela posição do rótico na palavra, visto que boa parte dos /r/s dentro da raiz estão em coda interna e, de forma contrária, a grande maioria dos sufixos está na posição final da palavra. Essa ideia é reforçada pelo teste de significância, que aponta não haver diferença na realização de /r/ fora ou dentro de raiz em contexto medial ($p = 0,1582$).

Olhando apenas para as codas finais, de modo a dar isonomia à análise, a regressão univariada apontou para significância na variável *localização morfológica*, indicando que, na prática, a realização de /r/ retroflexo poderia diferenciar as palavras “maior” (rótico localizado na raiz) e “desesperador” (rótico localizado em um afixo). Essa diferença é, contudo, anulada quando considerado o *item lexical* como variável aleatória. Esse resultado nos leva a pensar que a realização de /r/ retroflexo em coda pode não estar relacionada ao fator de *localização morfológica de /r/*, e o resultado para a variável discutida acima, na prática e por coincidência

das propriedades codificadas, revela a tendência de influência do fator *posição do /r/ na sílaba*, não considerada na análise em detrimento do *contexto fonético seguinte*.

Podemos perceber pelos resultados até então apresentados que, embora as estimativas para alguns fatores não sejam capazes de positivar o *Intercept*, o /r/ retroflexo sofre clara influência de variáveis linguísticas, principalmente daquelas associadas a propriedades fonéticas e prosódicas: é favorecido depois de vogais que apresentam traço [+baixo], antes de pausas, e de consoantes coronais e sonoras, e em sílabas tônicas. Variáveis de caráter morfológico também exercem influência sobre a variação de /r/ em coda, ainda que, em nossa visão, em menor grau. Chamamos também atenção para a não seleção da variável *posição da sílaba* nas rodadas estatísticas, embora descritivamente, os contextos de codas finais apresentaram maior porcentagem de realização do rótico em questão. A seleção de variáveis fonéticas, a despeito de interferências de itens lexicais, já havia sido verificada em Oushiro (2015). Monaretto (1997), embora não faça uma análise estatística inferencial focada no rótico retroflexo, traz considerações descritivas importantes, apontando para fatores que se aproximam dos encontrados aqui, como a *tonicidade da sílaba*, mas também apresenta contextos que vão, de certa forma, de encontro à nossa análise, como a preferência por consoantes não-homorgânicas em contexto seguinte.

Nem todos os trabalhos referenciados na seção 4.3 (Estudos sociolinguísticos sobre o /r/ retroflexo no PB) encontraram influência de fatores linguísticos e, entre os que encontraram, não houve concordância sobre quais propriedades são relevantes para a realização dessa variante. Por exemplo, o contexto precedente foi apontado nos trabalhos de Guiotti (2001), Monaretto (1997) e Oushiro (2015), mas nos dois primeiros, se destaca o atributo da posterioridade da vogal, enquanto que no outro, somado a nossos resultados em Ricardo (2019), a altura se destaca como particularidade que favorece o rótico retroflexo. Pode-se inferir, a partir disso, que a realização de /r/ retroflexo é um fenômeno majoritariamente assimilatório em grande parte das comunidades linguísticas, mas não parece haver uma unidade das características que são assimiladas pelo fone em questão.

6.2.2 Variáveis previsoras sociais

Apresentamos, a seguir, os resultados das análises multivariadas relativas aos fatores de ordem extralinguística.

Tabela 9 - Realização de /r/ retroflexo em coda na RMPA de acordo com variáveis sociais – análise multivariada de efeitos mistos

Variável	Estimativa	Erro padrão	Valor-z	Valor-p	Apl./N (%)
<i>Intercept</i>	- 5.2586	-7.5719	-2.9454	< 0.05	
Idade (var. contínua)	-0.0324	0.01800	-1.801	0.0717	
Gênero					
<i>Feminino</i>					567/7223 (8%)
Masculino	0.9498	0.50065	1.897	0.05782	841/5895 (14%)
Escolaridade					
<i>Ens. Básico</i>					636/5817 (11%)
Ens. Superior	-0.6967	0.52212	-1.334	0.18206	772/7301 (11%)
Cidade					
<i>Viamão</i>					87/2813 (3%)
Canoas	1.0709	0.76002	1.409	0.15880	235/2575 (9%)
Gravataí	1.5478	0.75780	2.043	< 0.05	358/2664 (13%)
Sapucaia	2.2317	0.75224	2.967	< 0.05	484/2422 (20%)
São Leopoldo	1.7455	0.79117	2.206	< 0.05	244/2644 (9%)

Modelo: REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 + TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + LOCMORFOLOGICA2 + IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE + (1|VOCABULO) + (1|INFORMANTE)

Efeitos Aleatórios

σ^2	3.29
τ_{00} VOCABULO	0.54
τ_{00} INFORMANTE	2.36
ICC	0.47
N VOCABULO	1444
N INFORMANTE	45
Observações	13118
R ² Marginal / R ² Conditional	0.296 / 0.626

Fonte: autoria própria

Os trabalhos sociolinguísticos, de forma geral, tendem a encontrar correlações e interações entre variáveis sociais e processos de variação fonética do rótico. O estudo de

Oushiro (2015), a título de exemplo, mostrou que a interação entre faixa etária e bairro de residência desempenhava papel fundamental na variação de /r/ em coda na cidade de São Paulo. Aguilera e Silva (2011) mostram um favorecimento do retroflexo na fala de pessoas mais jovens e de pessoas do sexo masculino. Brescancini e Monaretto (2008) apontaram a importância da localidade ao estudar a variação dos róticos no Sul do Brasil. Guiotti (2001) afirma, para a comunidade de São José do Rio Preto (SP), que mulheres e pessoas de classe mais baixa foram as que mais realizaram o som retroflexo. Por outro lado, Skeete (1997) associou essa variante a um falar interiorano, encontrado, em sua maioria, na fala de pessoas mais velhas.

Todavia, em nosso estudo, as variáveis sociais perdem força no modelo de efeitos mistos, com exceção de algumas cidades, que apresentam um valor $-p < 0,05$ em relação à realização de /r/ retroflexo na cidade de Viamão. No que diz respeito a esse resultado, retomamos aqui as considerações de Oushiro (2015), que apontou para um comportamento oposto dos jovens em relação à variante retroflexa a depender do bairro de residência: um aumento da frequência da variante nos jovens residentes de bairros periféricos vs. uma diminuição na fala de jovens residentes de bairros centrais. Silva (2016), de modo análogo, chama a atenção para a influência da cidade de São Paulo na variação rótica de outras cidades da Região Metropolitana no que concerne à distância diatópica. A autora notou que quanto mais longe da capital, mais o padrão de variação se distanciava deste centro.

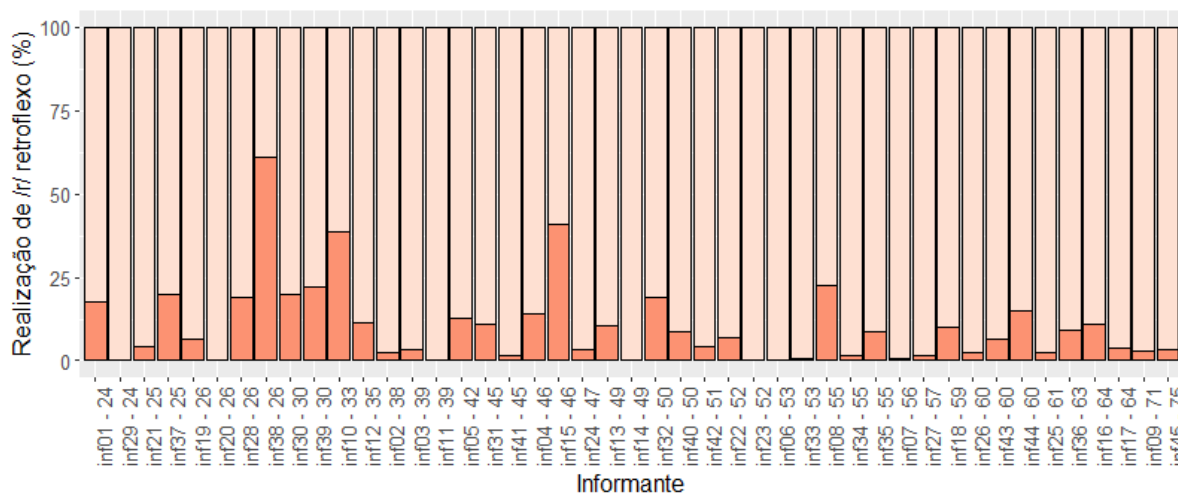
Nossos dados parecem seguir, em certo grau, a tendência encontrada por Silva (2016) e discutida por Oushiro (2015), de que o padrão de variação do /r/ em coda de áreas periféricas está propenso a se distanciar do padrão de regiões centrais. Todavia, estamos conscientes de que essa afirmação toma como base a ideia de que Porto Alegre possui padrões distintos do restante das cidades analisadas e de que Viamão, pela proximidade, apresenta padrões de variação em maior concordância com a capital. Essas intuições, contudo, precisam ser confirmadas a partir de um estudo sobre a variação rótica na capital Porto Alegre com dados mais atuais.

Em relação ao *gênero*, embora tenhamos número díspar de informantes para cada uma das duas categorias, homens realizam mais /r/ retroflexo do que mulheres. Ainda que essa diferença não seja estatisticamente significativa, cabe atentar para o fato de que nossos dados seguem, descritivamente, a tendência encontrada na literatura. Para além, reforçam a interpretação de que, em processos de variação, mulheres utilizam (conscientemente ou não) a forma considerada mais prestigiada na comunidade, visto que os estudos de atitude linguística

apontam a existência de uma atitude negativa frente ao retroflexo. Com respeito à *escolaridade*, os resultados não apontaram diferença significativa. Isso pode, também, ser explicado pela organização simplificada em nossos dados, que não considera a divisão entre Ensino Fundamental e Ensino Médio. Um maior refinamento dessa variável pode trazer uma análise mais acurada do papel dessa variável.

A variável *idade* é de grande importância para nosso estudo, pois poderia indicar um possível movimento de aumento no uso do /r/ retroflexo, se fosse observado, estatisticamente, que pessoas mais jovens realizavam mais frequentemente esse som. Entretanto, a variável *idade* também não apresenta correlação significativa na análise multivariada. Apesar disso, acreditamos que essa informação não deva ser totalmente descartada. Apresentamos, no gráfico 7 abaixo, a porcentagem de realização de /r/ retroflexo de todos os informantes, que estão organizados, em ordem crescente, por idade:

Gráfico 7 - Realização de /r/ retroflexo vs. *idade*

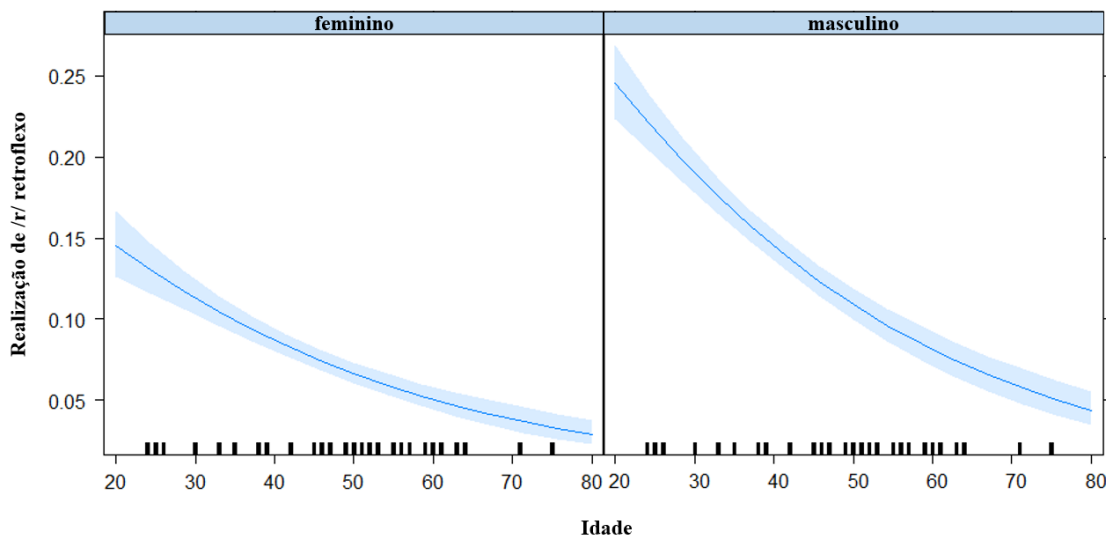


Fonte: autoria própria

É possível perceber uma tendência de curva descendente à medida que a idade avança, embora essa curva não seja uniforme. Apesar de não ser possível afirmar que a variante retroflexa é mais realizada por jovens em relação aos mais velhos, essa curva assinala uma predisposição para tal configuração e, conseqüentemente, pode ser um indício de que o /r/ retroflexo esteja crescendo na comunidade de fala. Um estudo em tempo real pode se fazer

valioso e esclarecedor nessa perspectiva. Na busca de possíveis interações entre os fatores sociais, a *idade* foi cruzada com as outras variáveis.

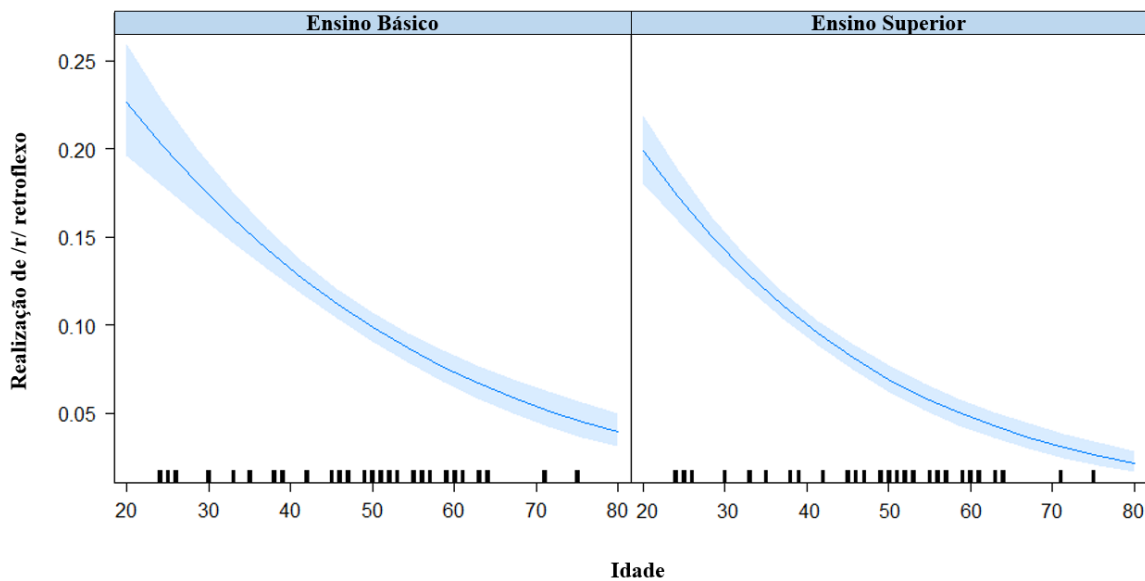
Gráfico 8 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre *idade* e *gênero*



Fonte: autoria própria

No gráfico 8, a interação entre *idade* e *gênero* apresentou valor de significância igual a 0,389, não sendo encontrada correlação.

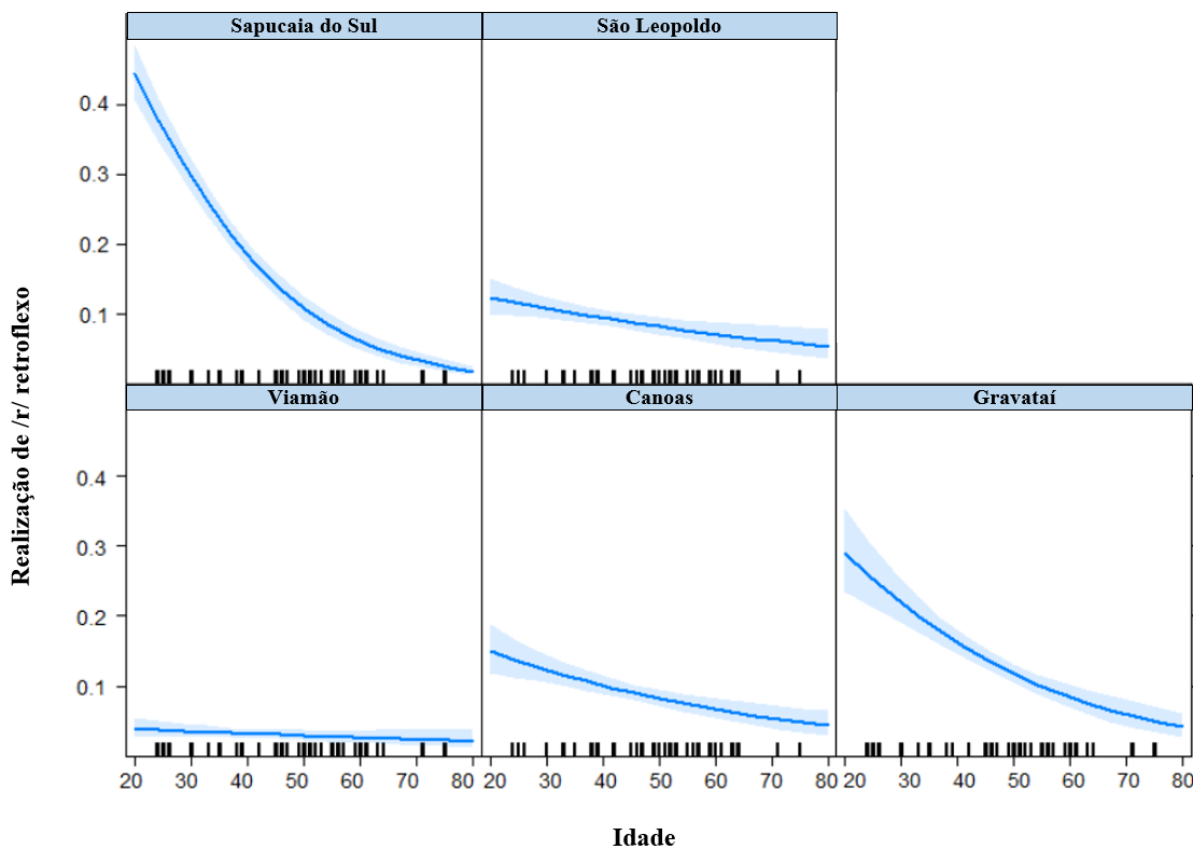
Gráfico 9 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre *idade* e *escolaridade*



Fonte: autoria própria

No gráfico 9, à semelhança do resultado anterior, não foi encontrada interação significativa (valor $-p = 0,1059$) entre *idade* e *escolaridade*, indicando que se trata de variáveis independentes entre si.

Gráfico 10 - Realização de /r/ retroflexo: interação entre *idade* e *cidade*



Fonte: autoria própria

Em relação à interação entre *idade* e *cidade*, apresentada no gráfico 10, apenas a interação com as cidades de Gravataí (valor $-p = 0.002$) e Sapucaia (valor $-p = 2.89e-10$) apresentaram significância, indicando haver uma presença expressiva do rótico retroflexo na fala de pessoas mais jovens nesses dois municípios. A diferença de padrão encontrada entre as cinco cidades nos faz retomar a questionamento levantado na seção 4.2 (Comunidade de fala): é possível considerar esse conjunto de municípios como uma única comunidade de fala? O gráfico em 10, somado a informações sociais, geográficas e econômicas como as apresentadas em 5.1 (A comunidade analisada), sugerem que essas cidades possam ser consideradas em suas particularidades, e não como unidade, de modo que seja possível organizar essas

localidades em 3 grupos: (i) Canoas e Viamão, pela proximidade com a capital; (ii) Gravataí e Sapucaia, que apresentam um perfil socioeconômico distinto das duas primeiras; e (iii) São Leopoldo, que diferencia-se das outras quatro, não só pela influência alemã, mas por sua relação socioeconômica com as cidades do Vale do Rio do Sinos.

Ainda, aventamos a possibilidade de que essa interação significativa para apenas algumas cidades poderia estar, de alguma forma, relacionada à influência da variável *informante*. Na tabela 10, apresentamos a relação dos 10 informantes que apresentaram maior taxa de retroflexão em nossa amostra, com informações sobre *cidade*, *idade*, *gênero* e *escolaridade*. Todos os participantes descritos apresentaram mais de 15% de realização do rótico retroflexo em sua fala.

Tabela 10 - Os 10 informantes com maior porcentagem de retroflexões em nossa amostra

Informante	Cidade	Idade	Gênero	Escolaridade	% de [ɹ]	N/ total
38	Sapucaia	26	M	Superior	61,7	244/399
15	Gravataí	46	M	Básico	40,7	105/258
10	Gravataí	33	F	Básico	38,6	113/293
08	Canoas	55	M	Básico	22,7	65/287
39	Sapucaia	30	M	Superior	22	76/345
37	Sapucaia	25	F	Básico	20	74/369
30	São Leopoldo	30	F	Superior	20	46/230
28	São Leopoldo	26	M	Superior	19,1	71/372
32	São Leopoldo	50	F	Básico	19	50/263
01	Canoas	24	F	Superior	17,6	57/324

Fonte: autoria própria

Os três primeiros informantes possuem altas taxas de retroflexo em sua fala (61,7%, 40,7% e 38,6 %, respectivamente), que se distanciam das outras porcentagens encontradas. Esses são naturais de Sapucaia e Gravataí, cidades em que foram assinaladas acima por terem possível interação com a variável *idade*. Essa tabela, embora não contradiga esse resultado, também não o corrobora, indicando a necessidade de cuidado ao tratar da interação dessas variáveis. Ainda sobre a tabela 10, chamamos a atenção para o fato de que 7 dos 10 informantes possuem idade menor ou igual a 30 anos, reforçando nossa defesa de que possa haver uma tendência de os informantes mais jovens realizarem mais sons retroflexos.

Entendemos, então, que uma discussão mais aprofundada acerca dos diferentes resultados encontrados para a relação entre a variável *cidade e idade* e, conseqüentemente, de um maior entendimento sobre como aplicar o conceito de *comunidade de fala* a esse conjunto de municípios carece de uma maior compressão da realidade dessas localidades e de sua relação com a capital, além de um maior refinamento nas categorias sociais analisadas.

A falta de correlação significativa entre a variação do /r/ em coda em nossos dados e variáveis sociais pode ser evidência de que estejamos à frente de um processo em estágio muito inicial, como explicam Weinreich, Labov, Herzog (1966):

No desenvolvimento da mudança linguística, encontramos estruturas linguísticas encaixadas desigualmente na estrutura social; e nos estágios iniciais e finais de uma mudança, pode haver muita pouca correlação com fatores sociais (p. 123).

Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014) adaptam as descrições feitas por Labov em relação aos estágios das mudanças linguísticas e, com base em mudanças fonológicas no inglês, propõem uma tabela de progressão gradual, apresentada no quadro 5:

Quadro 5 - Progressão de mudança proposta por Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2016)

Tipo	Percentual	Correlação social
Incipiente	≤15%	Sem correlação de idade ou social
Nova e vigorosa	15 – 35%	Fatores sociais tornam-se significante
A meio caminho	36 – 65%	Fatores sociais enfraquecidos
Próxima à conclusão	65 – 85%	Diferenças sociais
Concluída	≥85%	-

Fonte: Araújo (2019), adaptado de Nevalainen e Raumolin-Brunberg (2014)

É possível ponderar sobre o encaixamento da variação apresentada neste trabalho dentro do mapeamento proposto no quadro acima. Em nossos dados, encontramos uma taxa de realização de /r/ retroflexo de 10,7%, com pouco ou quase nenhuma relação com fatores sociais. A variação nessa comunidade, então, se configuraria como incipiente. Não temos a pretensão de afirmar, a partir do trecho acima, que a comunidade estudada está passando por um processo de mudança, pois “*nem toda a variabilidade e heterogeneidade na estrutura*

linguística implica mudança” (WEINREICH, LABOV, HERZOG, 1966, p. 124). Porém, a variação deve ser entendida como o início desse processo (que pode ou não se concluir) e, dessa forma, está sujeita às mesmas regras. A variação de /r/ em coda, em seu estágio inicial, não parece estar condicionada a fatores de ordem social, à exceção da localidade, que parece assinalar, de forma discreta, a origem e o provável percurso da variação. Por fim, a realização do /r/ retroflexo em coda na RMPA aparenta correlacionar-se majoritariamente a estruturas internas ao sistema.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A variação de /r/ em coda é um assunto amplamente estudado no português brasileiro, sendo possível encontrar inúmeras descrições desse caso de variação em diversas comunidades linguísticas. Embora a literatura seja extensa, esse não é assunto findado e muito se discute sobre as motivações para essas diferentes configurações dialetais concernentes ao rótico em busca de padrões linguísticos que possam melhor explicar o comportamento desse grupo de sons tão particular.

Este trabalho, de cunho variacionista e descritivo, originou-se de nossa observação diária e informal sobre a língua e de uma percepção diferente sobre o rótico retroflexo na comunidade. Como principal objetivo, buscamos descrever a presença do /r/ retroflexo em um conjunto de cidades que integram a Região Metropolitana de Porto Alegre e, com base nos achados de estudos anteriores sobre o assunto, investigamos os fatores linguísticos e sociais que podem estar correlacionados com a presença desse som em uma região não caracterizada pela sua produção. Para a realização desta pesquisa, constituiu-se um *corpus* de dados de fala da Região Metropolitana de Porto Alegre contendo 45 entrevistas sociolinguísticas, uma vez que não existia, até então, tal material para consulta.

Como objetivo mais geral, buscamos descrever a variação de /r/ em coda na RMPA, com foco no emprego da variante retroflexa, buscando trazer à luz os fatores que estão relacionados a sua ocorrência. Elaboramos, ao início desta pesquisa, três perguntas norteadoras, que retomamos a abaixo:

- i. A distribuição das variantes róticas observada nos dados da RMPA apresenta padrões semelhantes à distribuição previamente relatada pela literatura para Porto Alegre?
- ii. A realização de /r/ retroflexo na RMPA se correlaciona com fatores linguísticos? Em caso positivo, esses fatores são semelhantes aos relatados em trabalhos anteriores?
- iii. Variáveis sociais exercem influência na realização do /r/ retroflexo na RMPA? No que concerne especificamente à variável *idade*, é possível inferir que os jovens favorecem a realização do rótico retroflexo, indicando um movimento de incorporação desse som na comunidade?

Em relação à pergunta (i), podemos afirmar que não. Os resultados encontrados em nosso trabalho mostraram que a presença do /r/ retroflexo é bastante tímida nessas cidades, com apenas 10,7% de realização, indicando que essa variante ainda é periférica na comunidade. Ainda assim, em comparação ao valor de 5% encontrado por Monaretto (1997) para a capital, percebemos que há uma diferença de padrão nessas duas comunidades, havendo o dobro de retroflexos na primeira em relação à segunda. Reforçamos aqui a necessidade de um estudo comparativo com dados atuais de Porto Alegre, de forma que possamos esclarecer se essa diferença deve-se a particularidades de cada uma dessas comunidades ou se exemplifica uma mudança em tempo real, em direção a uma presença mais expressiva do rótico retroflexo.

Sobre as perguntas em (ii), a análise das variáveis linguísticas previsoras também trouxe informações importantes que convidam à reflexão. O /r/ retroflexo na comunidade estudada é mais frequentemente realizado depois de vogais baixas, antes de pausas e de consoantes coronais e sonoras, em sílabas tônica, em palavras lexicais e quando o /r/ não faz parte da raiz. Esses resultados, por um lado, confirmam nossas expectativas em relação aos fatores linguísticos que atuam no fenômeno de variação, na medida em que foram encontrados resultados significativos para as variáveis *contexto fonético seguinte*, *contexto precedente* e *tonicidade*, propriedades ligadas à fonética e à prosódia, confirmando achados da literatura. Por outro lado, a caracterização do fator *localização morfológica* como significativo no modelo estatístico nos surpreende, uma vez que, por entendermos se tratar de um fenômeno de ordem fonética, não tínhamos expectativa de verificar motivações morfológicas para a emergência do som retroflexo.

A resposta para as perguntas em (iii) é "parcialmente". Esperávamos uma maior atuação de fatores sociais na realização de /r/ retroflexo, mas apenas a variável *cidade* mostrou-se significativa no teste de regressão logística aplicado aos dados. Temos tratado essa variável com parcimônia, pois entendemos que ainda carecemos de entendimento sobre o papel da localidade, no recorte proposto, para a variação estudada, e ambicionamos maior aprofundamento dessa questão em trabalhos futuros. Também temos ciência das limitações referentes às variáveis *gênero* e *escolaridade*, mas acreditávamos que elas apresentariam papel significativo dentro da caracterização da variação de /r/ em coda na comunidade. Especificamente sobre a variável *idade*, não é possível afirmar que pessoas mais jovens realizam maior porcentagem de /r/ retroflexo do que pessoas mais velhas, pois esse fator não apresentou significância estatística no modelo final de regressão. Novamente, contudo,

apontamos para uma leve tendência encontrada nos dados, que pode vir a se confirmar futuramente.

Como é próprio da pesquisa científica, este estudo pode se beneficiar pelo aprimoramento de aspectos metodológicos e analíticos, em etapas futuras. Nesse sentido, a realização de um maior número de entrevistas, de modo a preencher células sociais faltantes, bem como um maior refinamento das categorias de cunho morfológico e de informações sobre os participantes — como a origem dos pais, por exemplo — podem qualificar a análise. Para além disso, vislumbramos, como possível etapa subsequente desta pesquisa, um estudo de percepção e avaliação linguística sobre o /r/ retroflexo na RMPA, de modo a incluir uma análise de atitudes da comunidade no que diz respeito ao uso dessa variante.

A despeito das limitações mencionadas e de outras possíveis lacunas, acreditamos que o trabalho traz contribuições descritivas acerca da variação do /r/ retroflexo em coda, que vão ao encontro do que dizem os estudos anteriores. O aperfeiçoamento descritivo que se busca tem como objetivo permitir que se faça uma análise de caráter explicativo que, aliada aos trabalhos já existentes, possa auxiliar no entendimento da variação do /r/ em coda no português brasileiro e na maior compreensão dos sons róticos.

Por fim, gostaríamos de registrar que a realização desta pesquisa foi de grande aprendizado metodológico, pois permitiu vivenciar a experiência da rotina de coleta de dados, com suas conquistas e dificuldades, algo que nenhum livro ou manual é capaz de traduzir, de modo especial em contexto de pandemia. Esperamos que os dados coletados possam servir como material de exploração para outros pesquisadores, em diferentes áreas da pesquisa linguística.

8 REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. M.; SÂNDALO, M. F. S. **Os róticos revisitados**. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (org.). Teoria Linguística: Fonologia e outros temas. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2003. p. 144-180.

AGUILERA, V.; **Atlas Linguístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial, 1994.

AGUILERA, V.; SILVA, H. C. **Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras MG**: no Atlas linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. In: Revista Diadorim -Revista de Estudos Linguísticos e Literários, n.8. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011.

_____. **Uma nova configuração do caipira**: ecos do /r/ retroflexo. Revista da ABRALIN, [S.l.], v. 14, n. 1, ago. 2015.

ALTENHOFEN, C. V. **Os contatos linguísticos e seu papel na realização do português falado no sul do Brasil**. In A. Elizaincín, & J. Espiga (Org.), Español y portugués: fronteras e contatos. ECEPEL, Pelotas. 2008, p. 129-164.

AMARAL, A. **O Dialeto Caipira**. 2a. edição, São Paulo: Editora Anhembi Ltda, 1955.

ANTUNES, L. B.; LOURDES, R. L. de. **A variação do fonema /r/ em coda silábica nas cidades de Patos de Minas, Uberlândia e Varginha**. Caletrosópio. Ouro Preto-MG, v. 4, n. 7, p. 207-230, jul./dez. 2016.

BISOL, L. (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 5. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 286p, 2010.

BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

_____. **Frequency of use and the organization of language**. New York: Oxford University Press, 2006.

BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. In: MARTINEZ-GIL, Fernando; MORALES-FRONT, Alfonso (org.). Issues in the phonology and morphology of the major iberian languages. Washington: Georgetown University Press, 1996. p. 26-103.

BRANDÃO, S. F. **Nas trilhas do -R retroflexo**. Signum [Londrina]: Estudos De Linguagem, v. 10, p. 265, 2007.

BRANDÃO, S. F. **Variação em coda silábica na fala popular fluminense**. Revista da ABRALIN, v. 7, n. 1, 22 maio 2017.

BRANDÃO, S. F. DE PAULA, A. **Róticos nas variedades santomense e moçambicana do Português** In: BRANDÃO, S. F. (Org.). Duas Variedades Africanas do Português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas. São Paulo: Blucher, p. 93-118, 2018.

BRESCANCINI, C.; MONARETTO, V. N. de O. **Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações.** SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 11/2, p. 51-66, dez. 2008.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro.** Campinas: UNICAMP, 1981. Tese (Livre Docência) - Universidade Estadual de Campinas, 1981.

CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: PROED, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987

CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. **Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil.** In: KOCH, Ingedore G. Villaça (Org.). Gramática do português falado. Vol. VI: desenvolvimentos. Campinas: Editora da Unicamp, p. 465-493, 1996.

CÂMARA JR., J.M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa.** Rio de Janeiro: Organização Simões, 1953.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa,** Rio de Janeiro: 15 ed. Petrópolis, 1970.

CARREÃO, V. **A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica.** Sociodialeto, v. 7, n. 20, p. 84-118, nov./ fev. 2017.

CLEMENTS, G. N. **The role of sonority cycle in core syllabification.** In: KINGSTON, John; BECKMAN, Mary (org.). Papers in laboratory phonology. Cambridge: CUP. p. 283-333, 1990.

CHOMSKY, N. & HALLE M. **The Sound Pattern of English.** New York: Harper & Row, 1968.

COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M.; MAY, G.H.; SOUZA, C.M.N. de (Orgs.) **Sociolinguística.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

COHEN, M. **O “R” retroflexo no português brasileiro: descrição e percurso histórico.** In: RAMOS, Jânia M. (Org) Estudos sociolinguísticos: os quatro vértices do GT da ANPOLL. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

FARIAS, M. A. R. **Distribuição geo-sociolinguística do ditongo no português falado no estado do Pará.** Dissertação (Mestrado em Linguística), 151f., Universidade Federal do Pará, Belém, PA 2008.

FERRAZ, I. **Características fonético-acústicas do /r/ retroflexo do português brasileiro: dados de informantes de Pato Branco (PR).** 2005. 123f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GUIOTTI, L.P. **O uso da variante retroflexa na fala de São José do Rio Preto.** Estudos Linguísticos (São Paulo), p. 1-4, 2001.

HALL, T. A. **The phonology of coronals.** Amsterdam: John Benjamins Publishing. 1997.

HARRIS, J.W. **Autosegmental phonology, lexical phonology and Spanish nasals**. In: M. Aronoff and R.T. Oehrle (eds.), *Language sound structure* Cambridge, MA: MIT Press. p.67-82. 1984.

HEAD, B. **Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “R Caipira”**. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 13, p. 5-39, 1987.

KOCH, W.; KLASSMAN, M. S.; ALTENHOFEN, C. V. **Atlas Lingüístico-Etnogáfico da Região Sul do Brasil (ALERS)**. Vol. 1 Introdução; Vol. 2, Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. Porto Alegre/ Florianópolis/ Curitiba: Ed. UFRGS/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics. 1966.

_____. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

LADEFOGED, P.; MADDIESON, Ian. **The sounds of the world’s languages**. Oxford & Malden, MA: Blackwell, 1996.

LADEFOGED, P.; COCHRAN, A.; DISNER, S. F. **Laterals and trills**. *Journal of the International Phonetic Association* 7. 1977, p.46-54.

LAMBERT, W. E. **A social psychology of bilingualism**. In: WHITELEY, W. H.; FORDE, D. *Language use and social change*. London: Oxford University press, 1971. Ed. Original, 1967.

LEITE, C. M. B. **Atitudes lingüísticas: a variante retroflexa em foco**. M.A. Thesis, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo. 2004.

LEITE, C. M. B. **O /R/ em coda silábica no falar campineiro**. 225f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

LINDAU, M. **The story of /r/**, in Victoria Fromkin (org), V. *Phonetic Linguistics: Essays in Honor of Peter Ladefoged* (edited by Victoria Fromkin). New York: Academic Press, p.157-168, 1985.

MADDIESON, I. **Patterns of sounds**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

MALMBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

MAMMARELLA, R.; BARCELLOS, T. M. **Estrutura social e segmentação do espaço metropolitano: um retrato da Região Metropolitana de Porto Alegre em 2000**. *Caderno Metrôpoles*, São Paulo, v. 13, p.133-169, 2005.

MARTINS, C. **Caracterização da Região Metropolitana de Porto Alegre**. Secretaria Do Planejamento, Gestão E Participação Cidadã. Rio Grande do Sul. 2013.

MELO, G. C. **A língua do Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MENDES, R. B. **Sounding Paulistano: Variation and Correlation in São Paulo**. Trabalho apresentado no NWAV39, 2010.

MENDES, R. B.; OUSHIRO, L. **Production and Perception of Retroflex –r in São Paulo Portuguese**. Trabalho apresentado no VaLP2011 - Chester, Inglaterra, 2011.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MONARETTO, V. N. de O. **Um reestudo da vibrante: análise variacionista e fonológica**. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1997

_____. **O apagamento da vibrante posvocálica nas capitais do sul do Brasil**. Letras de Hoje, v.35, n.1, p.275-284, 2000.

_____. **A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre**. In: Leda Bisol; Cláudia Brescancini. (Org.). *Fonologia e Variação: Recortes do português brasileiro*. 1ed. Porto Alegre: EDIPUC-RS, p. 253-268, 2002.

MONGUILHOTT, I. O. S. **A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico**. Revista da ABRALIN, v. 6, p. 147-169, 2007.

OLIVEIRA, M. A. **Phonological variation and change in brazilian portuguese: the case of the liquids**. Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.

OUSHIRO, L.; MENDES, R. B. **A pronúncia do (-r) em coda silábica no português paulistano**. Revista do GEL, vol. 8, n. 2, p. 66-95, 2013.

OUSHIRO, L. **Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo**. 2015. Tese - Doutorado em Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

_____. **Introdução à estatística para linguistas**, v.1.0.1 (dez/2017). Disponível em <https://doi.org/10.5281/zenodo.822069>. Licença Creative Commons 4.0. Atribuição – Não comercial. Acesso em 26/07/2018. 2017

RENNICKE, I. **The retroflex r of Brazilian Portuguese: theories of origin and a case study of language attitudes in Minas Gerais**. Linguística: Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 6, n. 1, p. 149–170, 2011.

_____. **Variation and Change in the Rhotics of Brazilian Portuguese**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais e Departamento de Línguas Modernas, Universidade de Helsinque, 2015.

_____. **Representação Fonológica dos Róticos do português brasileiro: Uma Abordagem à Base de Exemplares**. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 20, n. 38, 70-97, 2016.

- RIBEIRO, L. (coord.). **Relatório da Atividade 1a: Identificação dos espaços metropolitanos e construção de tipologias**. Rio de Janeiro, Observatório das Metrópoles/FASE/Ipardes (Projeto Análise das Regiões Metropolitanas do Brasil). 2004
- RICARDO, J. **/R/ retroflexo em coda no português da região metropolitana de Porto Alegre**: estudo de caso. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019
- RODRIGUES, A. N. **O dialeto caipira na região de Piracicaba**. São Paulo: Ática, 1974.
- SANTOS, H. G. V.; GUTIERRES, A ; **ROCKENBACH, L. M. . A variação linguística de /R/ em Passo Fundo - RS**. In: X Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica da UFFS, 2020. Anais da Jornada de Iniciação Científica e Tecnológica da UFFS, 2020.
- SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHWINDT, L. C.; CHAVES, R. G. **Convergência de processos no apagamento de /R/ em português e espanhol**. Revista Linguística, 2019, v. 35-1, Montevideo: ALFAL, p. 129-147.
- SERRA, C.; CALLOU, D. **A interrelação de fenômenos segmentais e prosódicos: confrontando três comunidades**. Textos Seleccionados, XXVIII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Coimbra, APL, pp. 585-594, 2013.
- SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 4. ed., 2003.
- SILVA, Hélen Cristina. **Pelas veredas do /R/ retroflexo**. 2016 (Doutorado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.
- SILVA NETO, S. da. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. rev. e aum. pelo autor. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro; MEC, 1963.
- SKEETE, N. A. **O uso variável de vibrante na cidade de João Pessoa**. Graphos, vol. 2, n. 1, p. 77-96, 1997.
- VELOSO, J. The english r coming! **The never ending story of portugues rhotics**. In: Simões, Barreiro, Santos, Sousa-Silva & Tagnin (eds.) Linguística, Informática e Tradução: Mundos que se Cruzam, Oslo Studies in Language 7(1), 2015, p. 323–336.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].
- WIESE, R. **The phonology of /r/**. Distinctive Feature Theory 2, T. Alan Hall (ed). Mouton de Gruyter: Berlin. 2001, pag. 335-368

9 ANEXOS

9.1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Letras
Estudos da Linguagem: Fonologia e Morfologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado *Coleta de dados sobre o falar de moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre*, sob a responsabilidade do pesquisador e orientador Dr. Luiz Carlos da Silva Schwindt e condução da pesquisadora Júlia Ricardo, mestranda do curso de pós-graduação em Letras da UFRGS. Para participar, você precisa ter nascido e residir em alguma das cidades da Região Metropolitana de Porto Alegre.

O objetivo deste trabalho é descrever aspectos do falar de residentes de cidades que compõem a Região Metropolitana de Porto Alegre. Para realizar o estudo, será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de uma entrevista, que terá duração de 1 (uma) hora. Durante esse procedimento, a voz será gravada para fins de armazenamento e posterior conferência. Cabe dizer que essa entrevista não tem como objetivo testar qualquer tipo de conhecimento ou fazer um julgamento sobre seu falar; será uma conversa sobre assuntos cotidianos. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para analisar e descrever características do modo de falar das pessoas que residem nesta região. Os dados capturados passarão a compor o corpus de análise deste estudo, que engloba uma dissertação de mestrado. Os dados, posteriormente, serão armazenados em um banco de dados para consulta de outros pesquisadores. A seção de coleta será previamente agendada de acordo com a sua conveniência na cidade de Porto Alegre ou Região Metropolitana, contanto que o local seja silencioso.

A acadêmica de mestrado da equipe do projeto se deslocará até o local indicado na hora combinada no contato prévio. Caso haja algum custo de deslocamento para o(a) Sr.(a), este será custeado pela pesquisadora. A pesquisa é feita de forma voluntária e não apresenta remuneração ou benefício direto ao participante. Quanto aos riscos, a participação na pesquisa não deve ocasionar nenhum dano moral aos participantes; no entanto, alguns participantes podem apresentar desconforto físico por permanecer sentado por muito tempo. Esse risco, caso se concretize, será de caráter passageiro, e não permanente. A forma de minimizá-lo será realizando a entrevista em local que ofereça assento confortável ao entrevistado. É importante ressaltar que, a qualquer momento durante a entrevista, o(a) Sr.(a), pode se recusar a responder qualquer pergunta que seja feita.

Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo. Além disso,

o(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente e retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo, de acordo com a Resolução CNS 510/2016 e complementares. Caso você queira conhecer os resultados desta pesquisa, estes ficarão à disposição com os responsáveis e, posteriormente, serão publicados como parte integrante da dissertação de mestrado.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, favor contatar o pesquisador responsável (schwindt@ufrgs.br) ou a pesquisadora assistente (julia_ricardo@yahoo.com.br) por e-mail ou no endereço Avenida Bento Gonçalves, 9500 – Agronomia – Porto Alegre/RS – Instituto de Letras, sala 212. Ainda, caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP- PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@puccrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações. Desde já agradecemos!

Eu, _____, declaro que após ter sido esclarecido(a) pelo(a) pesquisador(a), lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada “Coleta de dados sobre o falar de moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre”

_____, _____ de _____ de 20__.

Participante voluntário

Pesquisador responsável
Luiz Carlos da Silva Schwindt
schwindt@ufrgs.br

Pesquisadora assistente
Júlia Ricardo
julia_ricardo@yahoo.com.br

9.2 - Ficha de Entrevista

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Letras
Estudos da Linguagem: Fonologia e Morfologia

Coleta de dados sobre o falar de moradores da Região Metropolitana de Porto Alegre

Ficha de Entrevista

Identificação

1. Nome: _____
2. Cidade: _____
3. Data de nascimento: ___/___/____
4. Idade: ____ anos
5. Gênero: _____
6. Orientação sexual: _____
7. Origem dos pais (cidade): _____ (Mãe)
_____ (Pai)
8. Escolaridade:
 - () Ensino Fundamental incompleto: Ano: _____
 - () Ensino Fundamental completo
 - () Ensino Médio incompleto: Ano: _____
 - () Ensino Médio completo
 - () Ensino Superior incompleto: Semestre: _____
 - () Ensino Superior completo
 - () Pós Graduação. Nível: _____

Código da entrevista: _____

Data da entrevista: ___/___/____

OBS: Preenchimento pelo (a) pesquisador (a)

9.3 - Roteiro de Entrevista

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-graduação em Letras
Estudos da Linguagem: Fonologia e Morfologia

Coleta de dados sobre o falar de moradores da RMPA

Roteiro de Entrevistas

TRABALHO

- 1) No que tu trabalha? Onde?
- 2) Como tu conseguiu esse emprego lá?
- 3) Como era a tua rotina antes da pandemia?
- 4) Tu considera um trabalho estressante? Sim? Não? Por quê?
- 5) Tu gosta desse trabalho? E dessa empresa?
- 6) O que tem de melhor e pior comparado a outros trabalhos que tu já teve?
- 7) Tu lembra de alguma situação muito engraçada/inusitada que tu passou lá?
- 8) E uma situação muito estressante?
- 9) Qual foi o primeiro trabalho da tua vida? Como era? Como tu conseguiu?
- 10) E quando tu era criança, era isso que tu queria ser? Que outras profissões passaram pela tua cabeça?

INFÂNCIA

- 11) Descreve o bairro/rua que tu morava na infância.
- 12) O que era um dia da vida do/da _____ criança?
- 13) O que a/o _____ criança mais gostava de fazer?
- 14) O que a/o _____ criança tinha mais pavor de fazer?
- 15) Qual a melhor lembrança que tu tem da tua infância? Um momento? Alguma atividade?
- 16) Qual tu considera a tua maior arte da infância?
- 17) Se tu pudesse mandar uma mensagem pro/pa _____ de 10 anos, o que tu falaria?

ESCOLA/ADOLESCÊNCIA

- 18) Se tu tivesse que descrever o/a _____ aluno/a, de forma geral, como tu descreveria?
- 19) Como era o ambiente da tua escola de ensino fundamental? Pátio, salas?
- 20) Se tu tivesse que dizer um nome pro prêmio de melhor professor, qual seria? Porque?
- 21) Se tu tivesse que dizer um nome pro prêmio de pior professor, qual seria? Porque?
- 22) Qual foi a pior situação que tu passou na escola?

- 23) Qual a melhor memória que tu tem dessa época?
24) Do que tu mais sente falta daquela época?
- 25) Como era a tua escola de ensino médio? Mudou muito do fundamental?
26) O/A _____ adolescente era mais tranquilo ou mais agitado? Justifique
27) Tu estuda atualmente?
28) Se sim, como é a tua rotina?
29) Se não, foi opção ou tu tem vontade?
30) Se tu pudesse eleger um ano como o melhor da tua vida? Qual seria? Porque?

FAMILÍA

- 31) Como tu descreveria tua família?
32) O que é família pra ti?
33) Se tu tivesse que escolher um momento que tu mais guarda com carinho da tua família, qual seria? O que aconteceu?
34) Tu tem filhos? Sim? Qual a parte mais difícil de criar ou um filho? Não? Pretende?
35) Marido? Mulher? Namorado/a? Como se conheceram?

BAIRRO

- 36) Descreve pra mim o bairro que tu mora agora?
37) E a vizinhança?
38) O que tem de ponto positivo?
39) O que tem de ponto negativo?
40) O que tu mudaria ou melhoraria nele?
41) Mudou muito do bairro de infância?

CIDADE

- 42) Se tu tivesse que apresentar _____ pra alguém que nunca veio aqui, o que tu falaria pra pessoa?
43) E qual a tua opinião sobre essa cidade?
44) Qual tua parte preferida dela?
45) O que mais te indigna?
46) Tem vontade de se mudar?
47) Se tu pudesse ser prefeito, por um dia, o que tu mandaria fazer nessa cidade?

PAÍS

- 48) O que tu tem achado da situação atual do país?
49) Se tu pudesse apontar o maior problema do brasileiro, qual seria?
50) E qual seria o nosso maior ponto positivo?
51) Como tu avalia a situação comparado a uns anos atrás.

52) Tu sente falta de alguma coisa dos anos 90?

PANDEMIA

53) Como está tua rotina com a pandemia?

54) O que mais mudou?

55) Tem algum ponto positivo na tua vida com a pandemia?

56) O que tu acha do isolamento? Tu faz?

EXPERIÊNCIAS

57) Tu já passou por alguma situação de perigo? Como foi?

58) Me conta um momento triste da tua vida e porque ele é triste pra ti.

59) Tem alguma coisa que tu tem muito orgulho na tua vida?

60) Qual foi o maior perrengue que tu já passou na tua vida pra fazer algo que tu queria?

61) Se fizessem um filme da tua vida, que momento tu gostaria que tivesse mais destaque?

62) Se tu recebesse uma visita do/a _____ de 20 anos, o que tu gostaria que ele/ela te contasse sobre o mundo e sobre a tua vida?

VIAGENS

63) Tu costuma viajar? Qual foi a melhor viagem que tu fez? Como foi essa viagem?

64) Qual foi a pior viagem que tu fez?

65) Se tu tivesse que escolher uma única viagem pra fazer pro resto da vida, qual seria?

PERGUNTA FINAL

66) Se a sua versão de 10 anos no futuro pudesse voltar no tempo e conversar com você, o que você gostaria que ela te contasse?

9.4 - Rodada de Efeitos Fixos considerada para a rodada multivariada

```
Call:
glm(formula = REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 +
    TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + STATUSMORFOLOGICO2 +
    IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE, family = binomial,
    data = dados_seminf)

Deviance Residuals:
    Min       1Q   Median       3Q      Max
-1.7596  -0.4835  -0.2946  -0.1625   3.2662

Coefficients:
                Estimate Std. Error z value Pr(>|z|)
(Intercept)      -3.909312   0.306051 -12.773 < 2e-16 ***
CONTPREC_ALT3media  0.446480   0.117982   3.784 0.000154 ***
CONTPREC_ALT3baixa  1.161459   0.114100  10.179 < 2e-16 ***
CONTSEG2alveolares  0.731442   0.096731   7.562 3.98e-14 ***
CONTSEG2palatoalveolares  0.815657   0.113553   7.183 6.82e-13 ***
CONTSEG2velares    0.239939   0.124643   1.925 0.054227 .
CONTSEG2pausa      1.710514   0.152942  11.184 < 2e-16 ***
CONTSEG_SONORIDADE2sonoros  0.959484   0.072600  13.216 < 2e-16 ***
TONICIDADE3tonica  0.255782   0.082531   3.099 0.001940 **
TAMANHO22         -0.511846   0.161859  -3.162 0.001565 **
TAMANHO23         -0.462600   0.174932  -2.644 0.008182 **
TAMANHO24_ou_mais -0.685072   0.187977  -3.644 0.000268 ***
CLASSEGRAMATICAL3funcionais -0.527809   0.117815  -4.480 7.47e-06 ***
STATUSMORFOLOGICO2fora_da_raiz  0.336427   0.146905   2.290 0.022016 *
IDADE            -0.040678   0.002454 -16.578 < 2e-16 ***
LOG              0.051164   0.014820   3.452 0.000556 ***
ESCOLARIDADE2superior -0.274535   0.068244  -4.023 5.75e-05 ***
GENEROmasculino   0.575432   0.063897   9.006 < 2e-16 ***
CIDADEcanoas     1.339222   0.133954   9.998 < 2e-16 ***
CIDADEgravatai   1.898176   0.129501  14.658 < 2e-16 ***
CIDADEsapucaia   2.283016   0.126191  18.092 < 2e-16 ***
CIDADEsaoleopoldo 1.545765   0.137765  11.220 < 2e-16 ***
---
Signif. codes:  0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

(Dispersion parameter for binomial family taken to be 1)

Null deviance: 8943.9 on 13117 degrees of freedom
Residual deviance: 7241.5 on 13096 degrees of freedom
AIC: 7285.5

Number of Fisher Scoring iterations: 6
```

```

lrm(formula = REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 +
    TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + STATUSMORFOLOGICO2 +
    IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE, data = dados_seminf)

```

		Model Likelihood Ratio Test	Discrimination Indexes	Rank Discrim. Indexes
Obs	13118	LR chi2 1702.49	R2 0.246	C 0.811
nao_retroflexo	11710	d.f. 21	g 1.605	Dxy 0.621
retroflexo	1408	Pr(> chi2) <0.0001	gr 4.979	gamma 0.622
max deriv	2e-10		gp 0.118	tau-a 0.119
			Brier 0.081	

	Coef	S.E.	wald z	Pr(> z)
Intercept	-3.9093	0.3061	-12.77	<0.0001
CONTPREC_ALT3=media	0.4465	0.1180	3.78	0.0002
CONTPREC_ALT3=baixa	1.1615	0.1141	10.18	<0.0001
CONTSEG2=alveolares	0.7314	0.0967	7.56	<0.0001
CONTSEG2=palatoalveolares	0.8157	0.1136	7.18	<0.0001
CONTSEG2=velares	0.2399	0.1246	1.92	0.0542
CONTSEG2=pausa	1.7105	0.1529	11.18	<0.0001
CONTSEG_SONORIDADE2=sonoros	0.9595	0.0726	13.22	<0.0001
TONICIDADE3=tonica	0.2558	0.0825	3.10	0.0019
TAMANHO2=2	-0.5118	0.1619	-3.16	0.0016
TAMANHO2=3	-0.4626	0.1749	-2.64	0.0082
TAMANHO2=4_ou_mais	-0.6851	0.1880	-3.64	0.0003
CLASSEGRAMATICAL3=funcionais	-0.5278	0.1178	-4.48	<0.0001
STATUSMORFOLOGICO2=fora_da_raiz	0.3364	0.1469	2.29	0.0220
IDADE	-0.0407	0.0025	-16.58	<0.0001
LOG	0.0512	0.0148	3.45	0.0006
ESCOLARIDADE2=superior	-0.2745	0.0682	-4.02	<0.0001
GENERO=masculino	0.5754	0.0639	9.01	<0.0001
CIDADE=canoas	1.3392	0.1340	10.00	<0.0001
CIDADE=gravatai	1.8982	0.1295	14.66	<0.0001
CIDADE=sapucaia	2.2830	0.1262	18.09	<0.0001
CIDADE=sao_leeopoldo	1.5458	0.1378	11.22	<0.0001

9.5 - Testes de pressupostos

i. Step Forward

```
Call: glm(formula = REALIZACAOR ~ CIDADE + CONTPREC_ALT3 + IDADE +
  CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 + GENERO + TONICIDADE3 + ESCOLARIDADE2 +
  LOG + CLASSEGRAMATICAL3 + TAMANHO2 + STATUSMORFOLOGICO2,
  family = binomial, data = dados_seminf)
```

Coefficients:

(Intercept)	CIDADEcanoas	CIDADEgravatai
-3.90931	1.33922	1.89818
CONTPREC_ALT3media	CONTPREC_ALT3baixa	IDADE
0.44648	1.16146	-0.04068
CONTSEG2velares	CONTSEG2pausa	CONTSEG_SONORIDADE2sonoros
0.23994	1.71051	0.95948
ESCOLARIDADE2superior	LOG	CLASSEGRAMATICAL3funcionais
-0.27453	0.05116	-0.52781
TAMANHO24_ou_mais	STATUSMORFOLOGICO2fora_da_raiz	
-0.68507	0.33643	
CIDADEsapucaia	CIDADEsaoleopoldo	
2.28302	1.54577	
CONTSEG2alveolares	CONTSEG2palatoalveolares	
0.73144	0.81566	
GENEROmasculino	TONICIDADE3tonica	
0.57543	0.25578	
TAMANHO22	TAMANHO23	
-0.51185	-0.46260	

Degrees of Freedom: 13117 Total (i.e. Null); 13096 Residual
 Null Deviance: 8944
 Residual Deviance: 7241 AIC: 7285

ii. Step Backward

```
Call: glm(formula = REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 +
  TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + STATUSMORFOLOGICO2 +
  IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE, family = binomial,
  data = dados_seminf)
```

Coefficients:

(Intercept)	CONTPREC_ALT3media	CONTPREC_ALT3baixa
-3.90931	0.44648	1.16146
CONTSEG2velares	CONTSEG2pausa	CONTSEG_SONORIDADE2sonoros
0.23994	1.71051	0.95948
TAMANHO23	TAMANHO24_ou_mais	CLASSEGRAMATICAL3funcionais
-0.46260	-0.68507	-0.52781
LOG	ESCOLARIDADE2superior	GENEROmasculino
0.05116	-0.27453	0.57543
CIDADEsapucaia	CIDADEsaoleopoldo	
2.28302	1.54577	
CONTSEG2alveolares	CONTSEG2palatoalveolares	
0.73144	0.81566	
TONICIDADE3tonica	TAMANHO22	
0.25578	-0.51185	
STATUSMORFOLOGICO2fora_da_raiz	IDADE	
0.33643	-0.04068	
CIDADEcanoas	CIDADEgravatai	
1.33922	1.89818	

Degrees of Freedom: 13117 Total (i.e. Null); 13096 Residual
 Null Deviance: 8944
 Residual Deviance: 7241 AIC: 7285

iii. Step both

```
Call: glm(formula = REALIZACAOR ~ CIDADE + CONTPREC_ALT3 + IDADE +
  CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 + GENERO + TONICIDADE3 + ESCOLARIDADE2 +
  LOG + CLASSEGRAMATICAL3 + TAMANHO2 + STATUSMORFOLOGICO2,
  family = binomial, data = dados_seminf)
```

Coefficients:

(Intercept)		CIDADEcanoas		CIDADEgravatai
-3.90931		1.33922		1.89818
CONTPREC_ALT3media		CONTPREC_ALT3baixa		IDADE
0.44648		1.16146		-0.04068
CONTSEG2veiares		CONTSEG2pausa		CONTSEG_SONORIDADE2sonoros
0.23994		1.71051		0.95948
ESCOLARIDADE2superior		LOG		CLASSEGRAMATICAL3funcionais
-0.27453		0.05116		-0.52781
TAMANHO24_ou_mais		STATUSMORFOLOGICO2fora_da_raiz		
-0.68507		0.33643		
CIDADEsapucaia		CIDADEsaoleopoldo		
2.28302		1.54577		
CONTSEG2alveolares		CONTSEG2palatoalveolares		
0.73144		0.81566		
GENEROmasculino		TONICIDADE3tonica		
0.57543		0.25578		
TAMANHO22		TAMANHO23		
-0.51185		-0.46260		

```
Degrees of Freedom: 13117 Total (i.e. Null); 13096 Residual
Null Deviance: 8944
Residual Deviance: 7241 AIC: 7285
```

iv. Drop1

Model:

```
REALIZACAOR ~ CONTPREC_ALT3 + CONTSEG2 + CONTSEG_SONORIDADE2 +
  TONICIDADE3 + TAMANHO2 + CLASSEGRAMATICAL3 + STATUSMORFOLOGICO2 +
  IDADE + LOG + ESCOLARIDADE2 + GENERO + CIDADE
```

	Df	Deviance	AIC	LRT	Pr(>Chi)
<none>		7241.5	7285.5		
CONTPREC_ALT3	2	7384.2	7424.2	142.79	< 2.2e-16 ***
CONTSEG2	4	7390.2	7426.2	148.77	< 2.2e-16 ***
CONTSEG_SONORIDADE2	1	7421.0	7463.0	179.56	< 2.2e-16 ***
TONICIDADE3	1	7251.1	7293.1	9.60	0.0019406 **
TAMANHO2	3	7256.1	7294.1	14.66	0.0021276 **
CLASSEGRAMATICAL3	1	7262.7	7304.7	21.28	3.976e-06 ***
STATUSMORFOLOGICO2	1	7246.5	7288.5	5.09	0.0240308 *
IDADE	1	7546.8	7588.8	305.33	< 2.2e-16 ***
LOG	1	7253.7	7295.7	12.27	0.0004611 ***
ESCOLARIDADE2	1	7257.7	7299.7	16.22	5.648e-05 ***
GENERO	1	7323.8	7365.8	82.37	< 2.2e-16 ***
CIDADE	4	7731.1	7767.1	489.68	< 2.2e-16 ***

Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

v. CAR::VIIF

	GVIF	Df	GVIF ^{1/(2*Df)}
CONTPREC_ALT3	2.320060	2	1.234170
CONTSEG2	1.889633	4	1.082797
CONTSEG_SONORIDADE2	1.398912	1	1.182756
TONICIDADE3	1.773908	1	1.331882
TAMANHO2	1.951204	3	1.117851
CLASSEGRAMATICAL3	1.589199	1	1.260634
STATUSMORFOLOGICO2	1.281324	1	1.131956
IDADE	1.164886	1	1.079299
LOG	1.383563	1	1.176250
ESCOLARIDADE2	1.220719	1	1.104862
GENERO	1.068135	1	1.033506
CIDADE	1.288033	4	1.032145

vi. Validate

Backwards Step-down - Original Model

No Factors Deleted

Factors in Final Model

[1] CONTPREC_ALT3 CONTSEG2 CONTSEG_SONORIDADE2 TONICIDADE3 TAMANHO2

CLASSEGRAMATICAL3 STATUSMORFOLOGICO2 IDADE

[9] LOG ESCOLARIDADE2 GENERO CIDADE

	index.orig	training	test	optimism	index.corrected	n
Dxy	0.6214	0.6224	0.6178	0.0046	0.6168	200
R2	0.2462	0.2479	0.2434	0.0045	0.2417	200
Intercept	0.0000	0.0000	-0.0213	0.0213	-0.0213	200
Slope	1.0000	1.0000	0.9869	0.0131	0.9869	200
Emax	0.0000	0.0000	0.0068	0.0068	0.0068	200
D	0.1297	0.1307	0.1281	0.0026	0.1271	200
U	-0.0002	-0.0002	0.0000	-0.0002	0.0000	200
Q	0.1299	0.1309	0.1281	0.0028	0.1271	200
B	0.0814	0.0813	0.0816	-0.0003	0.0817	200
g	1.6051	1.6098	1.5878	0.0220	1.5832	200
gp	0.1184	0.1188	0.1178	0.0011	0.1174	200

Factors Retained in Backwards Elimination

Frequencies of Numbers of Factors Retained

10	11	12
6	55	139

vii. CrPLOT()

